

EVAN JOHN JONES
DOREEN VALIENTE



FEITIÇARIA

A TRADIÇÃO
RENOVADA



Feitiçaria A Tradição Renovada

Evan John Jones e Doreen Valiente

Este livro é uma avaliação da feitiçaria no nível estritamente pessoal e revela os antigos rituais e a filosofia desta Arte de tradição.

Como membros da Congregação de Robert Cochrane, os autores estudaram a fundo a feitiçaria moderna e pesquisaram suas raízes mais antigas. Optaram por apresentar as primeiras noções da Arte e a natureza dos rituais, para facilitar a análise da feitiçaria tradicional, transmitida de família para família desde os primórdios, em vez de se deter nas versões gardneriana e alexandrina.

Os autores fornecem informações reveladoras sobre iniciados e os juramentos dos *covens*, seus instrumentos de trabalho e paramentos, desde as estacas até o crânio, rituais para os grandes sabás, o contrato entre dois membros, ritos de purificação e marco real. Os antigos rituais são lembrados e revistos, e provam como a feitiçaria pode realmente ser uma fé.

EVAN JOHN JONES teve seu primeiro contato pessoal com a feitiçaria e com o ocultismo por meio de uma experiência no início da década de 60, época de grandes mudanças na Inglaterra. Seu interesse na feitiçaria como teoria e sistema prático de crença permaneceu firme desde então. Engenheiro, casado, vive em Brighton.

DOREEN VALIENTE vive em Brighton, Sussex. De ascendência inglesa, é viúva de um livre-combatente da Guerra Civil Espanhola. Sua família é originária de New Forest, Hampshire, e de Cerne Abbas, Dorset, famosa pelo seu deus-gigante da fertilidade. Acreditou firmemente na feitiçaria, tendo sido iniciada em quatro ramos diferentes da Antiga Religião na Inglaterra.

Feitiçaria:
A Tradição Renovada

Evan John Jones
e Doreen Valiente

Feitiçaria: Tradição Renovada

Prefácio Doreen Valiente

Tradução

Angela do Nascimento Machado

{•berrara]
fctd

Copyright © *Evan John Jones e Doreen Valiente 1990 Título original: Witchcraft - A Tradition Renewed*

Capa: projeto gráfico de Felipe Taborda

1992

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

ISBN- 85-286-0140^

Todos os direitos desta tradução reservados à:

EDITORA BERTRAND BRASIL S.A.

Av. Rio Branco, 99 — 20° - Centro

20040 - Rio de Janeiro - RJ

Tel.: (021)263-2082 Fax: (021)263-6112 Telex: (21)33798

Av. Paulista, 2073 — Conj. Nacional — Horsa I - Grs. 1301/2

01311—São Paulo —SP

TH.: (011)285-4951 Fax:(011)287-6570/852-8904

THox: (11)37209

r/K/rwos pelo Reembolso Postal.

Em memória de Robert Cochrane

E para Doreen, Jane, Bill, Mike,
Peter, Ann, Dave e o Cabrito-
montês

E para Valerie, por toda a sua ajuda.

Sumário

<i>Prefácio</i>	9
<i>Introdução</i>	16
<i>I - Rudimentos da Arte</i>	22
1 - A Fé.....	23
2 - A Natureza dos Rituais	48
História e Mito	54
 <i>II – Coven</i>	72
1- O Coven	73
A Senhora.....	73
Norte.....	74
Sul	74
Leste	74
Oeste.....	75
O Iniciado.....	75
O Iniciante.....	76
O Homem de Preto	78
O Invocador	80
2 - Juramentos do Coven.....	82
O Juramento da Iniciação	82
O Juramento do Membro Iniciado	84
O Juramento do Ofício	87
O Juramento à Grande Senhora	91
 <i>III – Instrumentos e Símbolos</i>	97
1 - Os Instrumentos de Trabalho	98
A Faca	99
O Cordão	102
A Estaca	106
A Consagração dos Instrumentos	111
2 - Os Símbolos do Coven	115
A Taça	115
A Faca do Coven	118

<i>As Estacas do Coven</i>	121
<i>Calçando com Ferro</i>	126
<i>A Vassoura</i>	127
<i>A Espada do Coven</i>	132
<i>O Caldeirão</i>	136
<i>O Crânio</i>	140
O RITUAL DA PURIFICAÇÃO E DA APROVAÇÃO..	145
O CRÂNIO DENTRO DOS RITUAIS	149
 VI – <i>Os Rituais</i>	153
1 - <i>Início dos Rituais</i>	154
<i>Como Traçar o Círculo</i>	155
<i>Consagração dos Bolos e do Vinho</i>	160
2 - <i>Os Quatro Grandes Sabás</i>	163
<i>Jejum e Purificação</i>	165
<i>O Marco Real</i>	171
<i>Candelária (2 de fevereiro)</i>	175
<i>Véspera de Maio (30 de abril)</i>	182
<i>Lammas (1º de agosto)</i>	185
<i>Véspera de Todos os Santos (31 de outubro)</i>	190
<i>O Ritual do Contrato</i>	196
<i>Apêndice: Uma Lista de Madeiras e Árvores Sagradas</i>	199
<i>Bibliografia</i>	202

Prefácio

Doreen Valiente

Este livro sobre feitiçaria é o mais sério e o mais profundo entre os disponíveis atualmente sobre o assunto. Alguns leitores, acostumados a uma abordagem mais superficial da Antiga Religião, poderão achá-lo um tanto perturbador. Na verdade, ele é bem diferente da visão despretensiosa da "Wicca" que prevalece hoje em dia, com suas danças desnudas em círculo e uma insistência numa atitude de otimismo e amor universal. Esta é a visão defendida por Gerald Gardner, desde os anos 50, e por Alex Sanders. Não há dúvida de que "Wicca" trouxe muita distração e entretenimento para as pessoas, mas existe uma feitiçaria muito mais antiga. E é sobre ela que este livro fala.

Àqueles que se sentirem perturbados pelo seu conteúdo, peço somente consideração e ponderação tranquilas sobre a citação que se encontra na primeira página do famoso livro *The God of the Witches*, de Margaret Murray: "Olhem para a pedra da qual fomos tirados e para o buraco de onde fomos escavados." As raízes da verdadeira feitiçaria são muito antigas. Mergulham em paragens profundas da consciência humana e vão à pré-história da sociedade, embora não sejam obrigatoriamente primitivas.

Conheço o autor deste livro, Evan John Jones, desde a década de 60, uma vez que ele e eu pertencemos à congregação liderada por Robert Cochrane. Descrevi alguns trabalhos dessa congregação no meu último livro, *The Rebirth of Witchcraft*. Robert Cochrane era um jovem notável, cuja fama perdurou após a sua trágica e prematura morte, em 1966. Dizia-se um verdadeiro bruxo por hereditariedade, tendo obtido seus conhecimentos de uma tradição extensa e secreta. Até onde isto é verdade, provavelmente nunca saberemos. Descrevi minhas experiências nessa congregação em meu último livro. Nele podemos constatar que ele cometeu alguns equívocos. Mas de uma coisa tenho certeza: Robert Cochrane tinha o que costumamos chamar de

"poder mágico", carisma ou qualquer outro nome. Ele pode não ter sido muito honesto, mas certamente não era charlatão.

Muito pouco sobre o trabalho e as crenças de Robert Cochrane vazou para o mundo, e o que se ouviu dele foi, na maioria das vezes, deturpado. Entretanto, eu soube que existem nos Estados Unidos algumas pessoas que trabalham seguindo a sua linha de conduta, baseando-se em algumas antigas cartas suas. Alguns membros da congregação na Inglaterra também tentaram levar adiante a sua tradição. Entre eles, Evan John Jones.

Evan John Jones nada comentou sobre o fato de ter publicado os rituais utilizados por Robert Cochrane. Na verdade, isto não teria sido possível, porque, pelo que me lembro deles, a maioria era espontânea e xamânica. Ele não trabalhava baseado num capítulo previamente escolhido do *Livro das Sombras* e, sim, numa maneira tradicional de realizar o ritual sobre a qual podia improvisar seus rituais. Esta foi a inspiração para este livro.

Minha ajuda foi editar o manuscrito de John, colocar em ordem os capítulos e adicionar aqui e ali alguns pontos que considere interessantes. Também coloquei alguns encantamentos sob a forma de versos. Mas as idéias e os rituais são principalmente dele. Fico contente por tê-lo ajudado a tornar possível a publicação do livro, pois classifico-o como importante e diferente de todos os que já foram publicados sobre esse assunto. Este é o único livro que conheço dedicado inteiramente à feitiçaria tradicional, ao contrário das versões mais modernas da Antiga Religião.

Contudo, como o próprio autor admite, é uma recriação das formas antigas e, na época atual, nada pode ser além disso, porque muito se perdeu nos dias em que a feitiçaria era considerada crime. Costumamos esquecer que essa época só terminou em 1951, quando foi revogado o último Ato Contra a Feitiçaria.

Mesmo após terem realmente parado com os enforcamentos e as mortes na fogueira, as autoridades da Igreja e do Estado continuaram a determinar caçadas aos sobreviventes da antiga arte paga. E isto se perpetua até hoje. Ocasionalmente nos

deparamos com alguns fundamentalistas cristãos exigindo a proibição de alguma conferência ou o fechamento de uma livraria, num ato de desafio ao direito à liberdade de informação existente numa sociedade livre. Ainda mais pífida era a pressão social para subjugar as classes mais baixas: não ofender a nobreza rural para obter trabalho e ser obrigado a ir regularmente à igreja ou à capela ou, do contrário, ficar marcado como pessoa de caráter duvidoso na pequena comunidade. Era crime ser "diferente" do normal, como, por exemplo, acontecia com as infelizes crianças gaulesas, que eram obrigadas a usar um colarinho de madeira em volta do pescoço, como punição por terem falado em celta. E, naturalmente, a prisão ainda poderia ser usada como arma, até 1951, contra quem se revelasse bruxo publicamente.

Nessas circunstâncias, é realmente surpreendente como boa parte das antigas crenças e tradições conseguiu resistir. A razão é que suas raízes eram tão profundas que foi quase impossível erradicá-las e também porque elas sobreviveram mudando a sua forma e se tornando costumes folclóricos e "superstições", embora tenham sido, a princípio, religião e magia.

Por exemplo, a Véspera de Maio, o Solstício e a Véspera de Todos os Santos nunca deixaram de ser consideradas noites mágicas. Na verdade, a Véspera de Todos os Santos é agora mais celebrada do que já foi, e podemos até comprar cartões alusivos à festividade. Ao mesmo tempo, fundamentalistas cristãos publicaram folhetos denunciando a celebração, alegando que se tratava de uma festa paga. Eles estão certos. É uma festa paga — como o Natal e a Páscoa, se buscarmos a sua origem. A Véspera de Todos os Santos é a antiga Véspera Celta de Samhain, um dos festivais do Fogo do ano pagão, celebrados pelos nossos ancestrais desde épocas imemoriais, que se tornaram os "Grandes Sabás" das feiticeiras. Isto prova que a feitiçaria é realmente uma reminiscência da religião antiga pré-cristã e não meramente superstição ou "culto ao demônio".

Atualmente, muitos cristãos fundamentalistas gastam um bocado de energia para informar ao mundo que as feiticeiras,

juntamente com vários outros estudantes de ocultismo, são reais seguidoras de "Satã"— mesmo quando elas negam acreditar nele! Quanto a isto, creio que devemos nos lembrar das palavras sábias do famoso ocultista do século 19, Eliphas Levi: "Aquele que confirma a existência do demônio está criando ou dando forma a um deles."

Em outras palavras, com a repetição do fato de existir um grande poder do mal, personificado como Satã, o qual as pessoas podem invocar e servir para obter favores, esses bons cristãos estão inconscientemente criando o próprio conceito que denunciam. Colocando em termos ocultistas: eles estão criando, no plano astral, uma imensa forma-pensamento. Essa monstruosidade nada mais é do que uma imitação em tamanho natural, idêntica aos "demônios" criados nos estúdios cinematográficos para filmes de terror. É o momento de destruir esses conceitos e jogar os restos no monte de lixo do pensamento humano.

Os poderes invocados nos rituais encontrados neste livro remontam à aurora dos tempos, à primeva Deusa Mãe e ao Deus Cornudo das pinturas das cavernas. Podemos chamá-la de Mãe Natureza, Gaia ou Magna Mater, Mãe Terra ou do que desejarmos. Ela é, naturalmente, a Inteligência por trás da Natureza, que é, como originalmente concebida, uma força feminina. Seu filho e consorte é o antigo Cornudo, que os nossos ancestrais primitivos retrataram nas paredes de suas cavernas-santuários. Também ele possui vários nomes, incluindo talvez o alegre e saltitante Pã, que tocava flauta para as bruxas em Tessalônica. A antiga Inglaterra conheceu-o sob o nome de Cernunnos, deidade que teve um número surpreendente de representações preservadas, embora em geral de natureza crua e simples — o que talvez seja a causa da sua sobrevivência, onde um trabalho de arte mais sofisticado teria sido destruído com a chegada da era cristã.

Com a virada do ano e a celebração dos quatro Grandes Sabás que a marcam, ficamos mais próximos e mais associados aos poderes da natureza, representados nesses rituais pela

semeadura e colheita dos grãos. Pareceu-me estranho, mas John não havia percebido, até que eu chamasse sua atenção, que o ato central dos Mistérios de Elêusis pré-cristãos consistia em mostrar aos iniciados uma nova colheita de espigas de milho. Eu só lhe revelei isto após ter lido o seu manuscrito e constatado o significado que ele havia atribuído a esse fato nos seus rituais.

Grande parte do texto de John foi inspirado. Posso testemunhar o fato de ele não possuir uma biblioteca muito vasta. Ele sente que a verdadeira religião (como a verdadeira magia) é algo muito pessoal, que pode ser vista como um "pacto", uma relação pessoal entre um ser humano e aquilo que é capaz de sentir, como resultado de meditação ou de afinidade com a natureza, com os poderes encontrados nela e além dela.

Ele não fez comentários sobre o início primitivo da Antiga Religião e a sua relação com as idéias ancestrais de realeza divina e dos rituais de sacrifício. Esta é a razão do meu comentário, no começo deste prefácio, de que algumas pessoas poderiam achar esse livro perturbador. Descreve, entretanto, a maneira pela qual esse início primitivo evoluiu em algo mais elevado.

As pessoas hoje em dia finalmente estão compreendendo as conseqüências de se terem tornado o que Dion Fortune chamou de "órfãos da Grande Mãe". Estamos começando a observar o que aconteceu e o que está acontecendo com o nosso planeta. Pelo menos já registramos que, quaisquer que sejam as utopias prometidas pelos políticos, se o próprio planeta estiver destruído, essas promessas não serão mais do que areia soprada pelo vento. Nosso destino está ligado ao da Mãe Terra, de quem somos filhos. Esta é a origem da chamada "política verde".

Esta é, na minha opinião, outra indicação da chegada da Era de Aquário. É o momento em que devemos entender e usar o passado para, sobre ele, construir o futuro. A Antiga Religião Antiga deve também buscar isto e continuar a sua evolução. Se assim o fizer, poderá desempenhar um papel vital na Nova Era. Na verdade, o paganismo, em formas várias, já está começando a fazer.

Quero pedir àqueles que considerem esse livro perturbador, por outras razões que não as mencionadas, que reflitam nesse enfoque sobre o assunto. Certamente haverá alguns que condenarão John e a mim por "falar demais" ou "revelar segredos". Respeito suas opiniões e estou certa de que John também. Entretanto, acho que devemos reconhecer as mudanças dos tempos e estar prontos para, se necessário, mudar com eles.

Estamos num momento crítico na história da humanidade: a mudança da Era de Peixes para a Era de Aquário. Aqueles de nós que preservaram o conhecimento do que é chamado de "oculto", palavra que significa simplesmente "escondido", devem usar de maneira construtiva esse conhecimento. Além disso, devemos construir um ponto de resistência contra a ignorância ou o fanatismo e ajudar no reconhecimento de nossa antiga fé como religião legítima.

O sigilo era, no passado, nosso meio de autodefesa contra a perseguição. Foi pela tradição do segredo que a Antiga Religião sobreviveu. Aqueles que se aventuram no estudo do oculto devem manter constantemente na mente os Quatro Poderes tradicionais do Mago: saber, ousar, querer e calar. Os tagarelas e os fanfarrões provavelmente pouco aprenderão, exceto por chamar a atenção dos caçadores de bruxas. Ainda aprendemos que falar sobre as operações mágicas enfraquece os poderes, independente de qualquer outra consideração. Até hoje, uma das primeiras coisas que um ocultista consciencioso deve aprender é a discrição.

Devemos, portanto, evitar os excessos, tanto de sigilo quanto de publicidade. Acredito que John tentou manter esse tipo de atitude. Enquanto esclareceu que existem certos aspectos mantidos em segredo, mostrou um lado da feitiçaria diferente de tudo que foi publicado antes, pelo menos que seja de meu conhecimento, e ao mesmo tempo não afirmou ser esse o único caminho. Pelo contrário, existem hoje várias congregações com suas características próprias que seguem Gerald Gardner, Alex Sanders, Zsuzsanna Budapest e outros. Não os pretendemos depreciar. Como disse anteriormente em meu último livro, *The*

Rebirth of Witchcraft, o que nos une é muito maior e mais importante do que o que nos separa. Alguns de nós não têm objeções à publicidade, outros preferem permanecer no sigilo. Cuidando para todos sermos sinceros e úteis, poderemos conviver e trabalhar juntos com respeito mútuo, como filhos da Grande Mãe e seguidores dos Deuses Antigos.

Em consequência dos vários escritos sobre esse assunto nos últimos anos, a maioria das pessoas ainda vê a feitiçaria como fonte de encantamentos ou um meio para obter poderes psíquicos. Acha difícil vê-la como fé religiosa. Contudo, esse tipo de definição sempre existiu, no que Margaret Murray chamou de "Bruxaria Operacional e Ritualística". Para ela, bruxaria operacional era a área dos feitiços e dos encantamentos, enquanto a ritualística era o sistema de crenças e rituais religiosos que classificava como a "antiga religião da Europa ocidental". (Consultar o livro *The Witch Cult in Western Europe*, de Margaret Alice Murray). Estamos começando a descobrir mais sobre os poderes da mente humana do que sabemos até agora. Mas ainda sabemos muito pouco sobre isso, e suspeito de que muito menos do que conheciam os nossos ancestrais.

Uma das primeiras coisas que aprendi com Gerald Gardner, que foi o bruxo que me iniciou, foi que os poderes mágicos estão latentes em todos nós. São os poderes naturais, embora misteriosos, da mente interior. O que a feitiçaria faz, ele me revelou, é providenciar uma atmosfera na qual esses poderes se possam manifestar. Por meio da própria experiência, acredito que isso seja verdade. Possa esse livro ajudar os que buscam, descobrir o aspecto mágico dentro deles mesmos e também na própria natureza.

Introdução

Coloquei neste livro cerca de vinte anos de pensamentos e sensações; vinte anos de busca de algo que tivesse significado espiritual que transcendesse as fés ortodoxas. Para mim, o que escrevi aqui responde, em parte, àquilo que venho buscando.

Em momento algum afirmo que faz parte de uma tradição a mim transmitida por minha família. Ao contrário, trata-se de uma combinação do antigo com o novo. Algumas coisas me foram ensinadas por uma pessoa que seguia a antiga tradição da feitiçaria; outras foram aprendidas com um autor, ao mesmo tempo bruxo, muito inteligente e instruído. Finalmente, cheguei a conclusões por meio de minhas observações e trabalhos. Mas a inspiração para nado isto veio de um manuscrito inédito de outro velho amigo e que, de alguma forma, me transmitiu a sensação de que eu teria que fazê-lo.

O primeiro contato que tive com a Arte do Conhecimento foi no início da década de 60, época em que o ocultismo e a feitiçaria explodiam por intermédio da imprensa sensacionalista. Foi uma época muito interessante, de grande excitação, de mudanças, quando tudo parecia possível. No meu caso, foi um tempo de mudança e envolvimento. A vida parecia ter-se aberto. Era como se novas pessoas, novas faces e idéias surgissem no ar. Tinha-se a sensação de se pegar um pouco de água com as mãos — mas não se conseguia segurá-la, embora a palma ficasse úmida. Havia alguma coisa que tínhamos que tentar descobrir.

Aprendia-se um conceito, mas, por trás, encontrava-se outro mistério velado. Levantava-se o véu, descobria-se mais um. Ao mesmo tempo, percebia-se que, por trás de todos os véus, havia uma essência interior, uma verdade oculta que somente os escolhidos poderiam descobrir. Um dia ainda atingirei este ponto, se realmente puder. Mas a certeza de que ele existe e sua consciência podem ser, por si só, recompensadores.

Desde o primeiro encontro aprendi uma coisa sobre a Fé Antiga. É a sensação de pertencer, do envolvimento. Sei que pessoas chegam e ficam no grupo. Sei que trabalhamos com outros que possuem o mesmo tipo de pensamento. É um movimento que não cessa; há um núcleo sólido que se apoia entre si.

Com essas pessoas aprendi o segredo do "ser", no sentido integral da palavra. Ser parte de alguma coisa. Ser *capaz* de atrair alguém para ajudá-lo e fortalecê-lo. Ser capaz de me dar aos outros. Ser *capaz* de me entregar a um estilo de vida diferente, a uma filosofia diferente — que me faz ver a mim mesmo em relação aos outros e me modificar até o ponto de tornar-me um com o todo e eles, por sua vez, serem parte de mim; um companheirismo dentro do círculo.

Entretanto, por razões particulares e pessoais e que não foram omitidas no livro, algumas coisas começaram a dar errado em nosso grupo. A responsabilidade pode ser, seguramente, atribuída apenas a uma pessoa, intrusa no grupo e que melhor seria se tivesse sido afastada. Mas o Destino decidiu de outra forma, e Robert Cochrane, nosso líder, que nos havia ensinado a "não meter a mão em cumbuca", foi afastado. Isto teve como consequência o rom-pimento doloroso de seu casamento e seu posterior suicídio.

Mesmo após sua morte e a dissolução do grupo, suas idéias e obras ainda influenciam pessoas que nunca estiveram com ele e que conhecem seu trabalho somente por meio das cartas que deixou. Até hoje existem grupos na América tentando reconstruir o que tivemos, apoiados nestas cartas.

Mediante contato com algumas dessas pessoas, descobri mitos e lendas ligados ao seu nome e à sua memória. Os boatos afirmavam que nosso líder, Robert Cochrane, havia morrido ainda pertencendo ao círculo. O que não é verdade. Embora sua morte tenha tido um aspecto religioso, esse não foi tão dramático quanto sua partida. Sei disso porque estive com ele na véspera de sua morte. Ainda tenho a gravata que esqueceu quando voltou

para casa naquela noite. Ela e tudo o que conversamos estarão comigo pelo resto de minha vida.

Como eu havia casado recentemente e estava morando em Londres, imaginei que isto nos tivesse afastado um pouco. Mas, naquele domingo, Robert Cochrane veio visitar-nos e também a dois outros membros do grupo. Fizemos uma pequena refeição e ficamos juntos até por volta das sete horas da noite, quando então ele foi para casa. Uma das coisas que ficaram gravadas na minha mente foi a maneira como disse que o "seu futuro estava nas mãos da Deusa". A outra que enfatizou foi que estaria conosco numa data importante, mas não em corpo físico, e que "estaria caçando no Outro Lado". Logo depois de ter dito isto, ele saiu.

Telefonei várias vezes na segunda-feira à noite para sua casa e não obtive resposta. Por isso procurei um amigo e pedi que fosse à casa de Cochrane a fim de saber se ele se encontrava lá. Soubemos que havia sido encontrado por vizinhos no jardim, por volta das quatro da manhã, e que tinha sido levado para o hospital. Havia comido folhas de beladona. Três dias depois, ele morria.

Outra coisa que me marcou naquele dia, que nunca será esquecida ou perdoada, foi que, durante o inquérito policial, algumas pessoas negaram que tivessem trabalhado com ele, dizendo que somente haviam estado juntos para pesquisar.

Pessoalmente, havia perdido um amigo que era mais do que um irmão. Quando Robert Cochrane morreu, parte de mim também se foi. Por algum tempo senti-me traído. Havia confiado tanto, e com sua morte, tudo se perdia. Mais tarde e mesmo depois de ter mudado para Brighton, a sensação de que ele ainda continuava ali era muito forte. Em alguns momentos sua presença podia ser sentida. Pouco tempo depois tive a sensação de que deveria voltar a um dos nossos locais de trabalho, em Sussex. A cada ano, nos últimos vinte anos, dois de nós têm feito uma visita a esse local. A cada verão, nem artrite, nem doença ou mau tempo nunca nos conseguiu impedir. Mas agora chegou o momento de parar.

No décimo nono aniversário da morte de Robert Cochrane, ganhamos inesperadamente uma vela verde enfeitada com pinhas e folhas de carvalho. Ela foi levada e acendida aos pés de um carvalho onde certa vez havíamos celebrado um ritual. No vigésimo aniversário, a mesma vela e uma outra, vinda da América, foram levadas novamente ao mesmo local e mantidas acesas até terminar. Foram absorvidas pela árvore, pois era a última vez que estávamos indo até lá. O instinto disse-me que tudo o que havia naquele lugar estava resolvido e terminado, e que era o momento de permitir ao local retornar ao seu isolamento. Havia servido ao seu propósito e agora devia ser deixado. Quando uma porta se fecha, abre-se outra.

Olhando para o passado, tem-se a sensação de que alguma coisa começou e não foi terminada. Sei que era desejo de Robert Cochrane reunir quantos diferentes ramos da Fé Antiga fosse possível e, então, apresentá-la como um todo coeso. Se ele seria capaz de realizar isto, nunca saberemos. Tudo o que realmente sentimos é que o pouco que deixou ainda exerce impacto sobre mentes diferentes e leva pessoas a desejarem explorar um caminho que já trilhamos. Para isto, escrevi este livro. Não que seja o único, pelo contrário, mas as raízes vieram daquilo que ele me ensinou. Isto combinado com aquilo a que me estou dedicando agora faz com que os rituais praticados funcionem, e funcionam bem. O que mais podemos esperar de um ritual?

Antes de prosseguirem com a leitura, quero esclarecer que, embora os quatro rituais principais tenham sido descritos para um *coven* de 13 membros, não existe razão terrena que impeça uma pessoa ou um grupo de realizá-los. Em todos os rituais os significados, a filosofia e as idéias expressas nos conceitos foram bem esclarecidos. Qualquer um que os deseje seguir terá a idéia básica para adaptá-los às suas circunstâncias.

Suponho que o único ritual obrigatório seja a consagração dos bolos e do vinho. Para tanto, são necessárias a participação

masculina e a feminina, não sendo, portanto, viável uma só pessoa executá-lo. Por algum tempo no passado manteve cada um desses festivais, tanto interna como externamente. Por exemplo, no caso da Candelária, uma pessoa só pode ter a sua estaca como altar (o seu significado será explicado posteriormente). Pode plantar uma única semente num vaso aos seus pés e, então, elevar um cálice de vinho em honra à Deusa. Duas pessoas também podem fazê-lo, modificando o ritual para adaptá-lo às suas circunstâncias.

Uma idéia que deve ser mantida na mente é que um *coven* constitui-se numa reunião de pessoas de mentes afins, unidas num ato formal ou cerimonial de culto religioso, quatro vezes ao ano. Essas reuniões são chamadas de Sabás. Nos rituais mensais, ou Esbás, em geral reúne-se um grupo menor ou até uma dupla para realizar seus rituais, além das reuniões principais do *coven*. Em 99 por cento dos casos, as reuniões tanto do grupo quanto do *coven* são um ato de veneração e não um ritual mágico de trabalho. Refiro-me a este último quando a reunião é realizada para trabalhar um ritual mágico específico com uma finalidade mágica específica em mente e sem outro propósito que não este. Neste caso, a Dança do Moinho será realizada em movimento contrário ao dos ponteiros do relógio (anti-horário), em vez de seguir o sentido horário (do sol), o primeiro constituindo ato mágico, e o segundo, de adoração.

É por meio desses atos de adoração que é feita a ligação da verdadeira relação entre o indivíduo e a Arte ou a Fé, pois mesmo trabalhando num pequeno grupo ou num grande *coven*, a pessoa será sempre um indivíduo em busca de algo que satisfaça suas necessidades pessoais. Talvez ela se satisfaça mais com um trabalho pessoal próprio ou com um companheiro que pense da mesma forma do que fazendo parte de um grupo formal.

Ao compreender o conceito de cada um dos quatro grandes rituais para adaptá-los às circunstâncias pessoais, será possível mantê-los de maneira altamente individual, sem perder o impacto ou a satisfação que os transcende. Afinal, as palavras são somente

o veículo do conceito, e as palavras de cada um podem representar e servir o conceito tão bem quanto as que são utilizadas nos rituais de um *coven* estabelecido. O fato de uma pessoa não ser membro de um *coven* ou de nunca ter sido iniciada em um deles não a deverá impedir de venerar os Deuses Antigos e a Deusa se, porventura, sentir-se inclinada a fazê-lo. Significa que terá que buscar o seu próprio caminho, uma forma mais difícil, mas, de certa maneira, mais gratificante de obter sabedoria. Todos, todos nós começamos nada sabendo e passamos o resto de nossas vidas aprendendo a descobrir nosso próprio caminho, para servir ao Poder que chamamos de Deusa e de Deuses Antigos.

I - Rudimentos da Arte

1 - A Fé

Quando as pessoas falam sobre a Fé Antiga surge a pergunta sobre o que se está querendo dizer com isso. Tradicionalmente, a "Fé Antiga" refere-se ao culto à Deusa Mãe em todos os seus aspectos; e, por meio dela, ao Deus Cornudo ou à Criança com Chifres, simbolizados pela estaca, um bastão em forquilha ou chifres (ver p. 106). Mas refere-se também às forças da natureza em todas as suas exteriorizações, embora algumas vezes fiquem estas fora de controle; ao antigo ciclo de nascimento, morte e ressurreição inserido na estrutura da sociedade; à aceitação das forças não-compreendidas, chamadas de "magia natural"; e à capacidade de compreender que, além do véu entre os mundos conhecido e desconhecido do natural e do sobrenatural, há poderes que foram um dia patrimônio hereditário da humanidade, posteriormente perdido no chamado avanço da civilização materialista.

Não que exista algo de errado com a civilização materialista, uma vez que naturalmente ocorre um avanço espiritual concomitante. Mas, sendo a natureza humana como é, isto infelizmente não acontece como deveria. No anseio de poder sobre as pessoas, em vez de se tornar espiritualmente um servidor da humanidade, o sacerdote torna-se senhor. Há muito tempo o servidor dos deuses não serve mais à humanidade. Cobrou o dízimo, instituiu taxas e controlou-a. O acesso aos deuses, e mais tarde ao Deus único, só era conseguido por intermédio dos ministros da fé. As bênçãos de Deus eram controladas ou concedidas pela hierarquia.

Deter o poder dessas sanções não era nada mal, contanto que esse poder fosse usado como controle contra os excessos dos poderes seculares. Mas, quando eram utilizados para reforçar os direitos eclesiásticos e para a imposição de impostos, pondo em risco a alma imortal de um pecador, tomava-se altamente prejudicial. O

que era ofertado livremente no passado tinha, agora, que ser pago por medo e submissão.

A ascensão dos deuses patriarcais à primazia no panteão da cidade-estado e, mais tarde, no panteão do estado sempre foi equilibrada com as deidades femininas correspondentes. Mesmo quando o Cristianismo tornou-se a fé do Império Romano, também a necessidade de um aspecto feminino de Deus elevou Maria, a mãe de Cristo, ao papel de intercessora entre Deus e a humanidade, restaurando parcialmente o conceito da Deusa, mostrando naturalmente que essa idéia ainda existia dentro da estrutura da ortodoxia cristã. De várias maneiras Maria incorporou alguns aspectos da Magna Mater, mais seguramente nos mistérios cristãos do Graal que parecem ter permeado o mito e o folclore britânicos.

Atualmente, quando não ser cristão é até certo ponto aceitável pela sociedade, o conceito da Deusa e do Deus Cornudo ou Criança com Chifres, como deidades dignas de adoração, não precisa mais ser ocultado pelos seus seguidores.

Talvez, infelizmente, muitos aspectos da fé na Deusa se tenham perdido para a humanidade com o advento da fé cristã e todos os seus cismas. Encontramos, na literatura clássica, alusões à Deusa e às suas várias formas, sendo que as mais ligadas à sua veneração são encontradas no baluarte dos seus seguidores — na zona rural. Por ser uma deusa das fazendas, dos campos e das florestas, muitos dos antigos costumes rurais estão relacionados ao seu culto. Como parte da própria natureza, os ciclos trimestrais da terra encontram-se sob sua influência. Refletidas nas estações, descobrimos as fases da vida do homem: juventude, maturidade, velhice e, finalmente, a morte e o renascimento com o plantio da primavera.

Mas não se trata simplesmente de fé rústica e desprezível. Por trás da simplicidade existe fé mais profunda, que necessita de compreensão maior e não somente de cega aceitação. Há um consenso instintivo de que as pessoas, individual e coletivamente,

não podem ficar afastadas do seu ambiente; elas são parte intrínseca dele.

Isto é revelado na aceitação gradual de um animal totêmico como espírito guardião da tribo, do grupo ou do clã. A relação entre os seres humanos e a divindade era moldada e governada pelo ambiente. O mundo que habitavam estava povoado de influências ou espíritos, bons e maus, que deviam ser considerados. O espírito do mal ou do perigo devia ser contido ou dirigido pelas forças do bem.

Assim como uma criança é protegida pela mãe, o povo primitivo visualizava o lado benevolente da divindade enquanto figura maternal; severa, porém cuidadosa, que devia ser aplacada mediante determinados atos. Ações erradas contra as suas leis implicariam represália. Seguir suas ordens significava obter sua ajuda. Gradualmente estabeleceu-se um código de comportamento, e, dentro desse código, a sabedoria dos mais velhos era utilizada para auxiliar as gerações seguintes.

Hoje em dia, muitas das coisas que os nossos ancestrais usavam para praticar e orar não são importantes para o nosso estilo de vida. Dentro do sistema de vida artificialmente criado, nós, como indivíduos, não temos mais que aplacar a Mãe, sob a representação da Deusa do Milho, a fim de obter o pão. Vamos ao supermercado e o compramos. À primeira vista pode parecer que a Deusa se tomou algo redundante, mas não. Hoje, mais do que nunca, as pessoas necessitam de alguma fé para guiá-las, fé que as conduza e una o esclarecimento espiritual a seu avanço material. Hoje, mais do que antes, a humanidade precisa reavivar o espírito que assistiu ao nascimento das maiores religiões do mundo.

Para alguns, a resposta está em tentar voltar atrás o relógio do tempo. Entretanto, o fundamentalismo, assim como o sectarismo, não é a resposta. Ao unir fundamentalismo ou sectarismo à tecnologia moderna, vemos que homens morreram às centenas, em nome de sua fé, e ainda morrerão aos milhares. A fé cega pode destruir, e destrói, a mensagem que todas as grandes fés ensinam: compaixão, compreensão e, acima de tudo, humanidade.

Dizer "meu Deus não é o seu Deus" significa depreciar o Espírito Divino, tentando estabelecer um limite na sua infinitude. Rejeitar a idéia de que existe Algo a ser respondido e que justifica a nossa vida além desta existência é romper as fronteiras de qualquer forma de restrição moral. O homem não está mais limitado por suas obrigações com os outros. Na verdade, elas se tornaram suas presas para usar, manipular e saquear. As leis formuladas pelo homem e administradas em nome de Deus e do Estado eram a única maneira de refreá-los.

Até que o Espírito Divino, que criou este universo, esteja pronto para uma vez mais enviar um mensageiro para mostrar o caminho para o próximo estágio no desenvolvimento e discernimento espirituais da humanidade, devo buscar a salvação à minha própria maneira. Como vários outros, voltei-me para o passado a fim de descobrir a Deusa. Se cometi erros, eles são somente meus; não algo imposto pelos outros. Busco o meu caminho para descobrir o Divino, sabendo que a Divindade, por sua vez, me concederá maior conhecimento do mistério que é a vida.

A oração a seguir me foi dada por Bill Gray, autor da *Oração ao Santo Graal*, para ser usada nos meus rituais:

Abençoada Mãe, fonte da minha vida, Vem a mim
neste momento com o teu ventre
condescendente.

Permite-me viver em amor a tudo o que és, Para que o
meu espírito buscador sirva ao Santo Graal.

O conceito do Santo Graal, embora cristianizado na taça que contém o vinho da Última Ceia, remonta aos tempos pagãos. A antiga palavra franco-normanda para ele era "San Greal", que também pode ser traduzida como "Sangue Real". Nesta acepção, refere-se ao Sangue Real no sentido de Rei do Divino Sacrifício que morre pelo seu povo. Utilizado neste livro como oração, refere-se à mística linhagem de sangue da sacerdotisa ligada à Arte, porque ela está "no sangue".

Quando alguém me diz: "Minha avó trouxe-me para a Arte e ensinou-me tudo que sei", é como se dissesse: "Já sei muito sobre o assunto". Minha primeira pergunta é: "Certamente, você vai continuar estudando, não é?"

Não estou querendo dizer que os ensinamentos passados pela avó estejam errados. Pelo contrário, todos nós devemos ter uma linha de orientação para poder trabalhar. Pela natureza do tipo de culto e pelos séculos em que esteve perdido e destruído enquanto fé viva, não está limitado a éons de tradição consagrada. Não está contido numa liturgia própria e, particularmente, não se adaptou a pensamento e aspirações modernos.

Antes do advento do Cristianismo, o culto à Deusa em suas diferentes formas atingiu gradualmente o estágio em que a pompa e o cerimonial perderam o significado. Resumindo, fossilizou-se. Hoje, graças à repressão, a adoração à Deusa e aos deuses dos locais altos e solitários está desimpedida e livre pela tradição. Aquele que decidir seguir os seus caminhos aprenderá os conceitos e rituais básicos e, então, partindo desse ponto, os explorará.

Pela nova abertura do conceito, a Deusa mais uma vez é multifacetada, e cada uma dessas faces é válida pelo seu próprio direito para o devoto. Ninguém deve dizer: "Eu sigo a verdadeira tradição. O seu caminho está errado." Esta afirmação nega a natureza universal da Deusa e é uma tentativa de confiná-la à sua própria imagem e àquilo que você pensa que ela deveria ser. Para descobrir a Deusa, devemos explorar a própria estrutura da vida, porque, sendo a Deusa da vida, ela é descoberta na própria vida. Ninguém—ninguém mesmo—possui um grande segredo, mas somente os trabalhos e os rituais do seu grupo ou *coven* em particular.

Pela tradição, o acesso a qualquer ordem ocultista ocorre por meio de uma iniciação. Na Arte, esse período de iniciação dura em geral um ano e um dia. Embora a princípio haja um acordo com esse sistema, sempre ocorrem exceções quanto ao procedimento. Em muitos casos, uma pessoa não consegue encontrar um grupo ou

coven no qual se engajar, ou os contatos que tem com o oculto não praticam o tipo de coisa que ela, enquanto pessoa, está buscando. Então, para onde ir?

Se tiver alguns amigos que pensem de modo semelhante, reúnam-se, conversem e busquem em seus próprios trabalhos. Leiam, estudem e, aos poucos, acumulem um conhecimento do qual poderão partir para formar a base sobre a qual realizarão seus próprios rituais. Se tiverem uma intenção séria, numa noite de lua cheia, à meia-noite, poderão sair e firmar seu compromisso com a Deusa e com os Deuses Antigos, baseado em honestidade, verdade e sinceridade. Esse tipo de compromisso é tão válido quanto qualquer juramento formal efetuado em um grupo.

É muito bom ser membro de um grupo, não esquecendo que qualquer um nada mais é do que a reunião de algumas pessoas de mentes afins para trabalhar ou adorar de uma determinada maneira. Nesse ponto também é importante não esquecer que certos grupos possuem sistemas de graus de adiantamento. Portanto, você seguirá um determinado curso, ao final do qual receberá um grau de iniciação. Isso é muito bom. Mas esse grau não significa que você se tornará melhor do que quem está fora do grupo. Na verdade, muitas vezes significará exatamente o oposto, um caso de: "Ah, sim; *e dai!*"

A tradição na qual Robert Cochrane trabalhou e em que até certo ponto estou trabalhando nunca se utilizou disso. O interessado passa por um aprendizado e depois faz um juramento, tornando-se membro aceito. Somente isto. Se a pessoa desejar um sistema de graus, não há o que discutir, mas isto não a tornará melhor ou mais avançada do que os outros, significando apenas que ela prefere enquadrar-se num sistema hierárquico.

O problema é que, após algum tempo, os líderes de um grupo tendem a achar que seu caminho é único e que todos os demais estão errados. Na maioria dos grupos em que isto ocorre, os rituais parecem ser estéreis e sem significado. Em vez de avançar, tem-se sensação de limitação e de exclusão do que os outros estão pensando e desenvolvendo.

Nesse livro exponho o sistema do *coven* e do clã. Os rituais e o pensamento que o sustentam não constituem grande segredo, e nem todos são originais. Se o leitor desejar estabelecer um sistema semelhante ao nosso, usando o que está escrito como base, faça-o. Obviamente estas páginas não contêm toda a Arte. Ao contrário, estes rituais são a nossa maneira de prestar homenagem à Deusa e cultuá-la da maneira que desejamos fazer.

A partir desse estágio, as coisas devem ser encaradas como um ato de fé. Muito do que aqui é colocado não foi e não pode ser provado, e deve ser considerado por seu valor, acreditado como verdadeiro. No universo existe uma força ou poder criativo, chamado Deus ou Deusa, ou qualquer outro nome, que existe realmente. Do caos criou a ordem do universo como o conhecemos. Dessa ordem surgiu a criação da vida em suas formas variadas, incluindo a humanidade. Entre todas essas formas de vida, somente aos seres humanos foi dada essa pequena centelha extra de divindade que os faz pensar, por serem agora entidades racionais.

Outro poder dado à humanidade pelo Espírito Divino foi a capacidade de avançar de um estado quase animalesco para outro em que a alma é una e igual à própria Divindade. Ela não é mais um aspecto individual expresso como pessoa. A alma, ou a centelha da Divindade, retorna ao seu local de origem e é reabsorvida na massa espiritual divina ou Corpo de Deus. Assim, a Divindade recree-se inteiramente, com todos os seus pequenos fragmentos utilizados para semear a terra sob a denominação de raça humana.

Ser inteiramente capaz de compreender e perceber a magnitude da Divindade é, evidentemente, impossível. Na melhor das hipóteses, a maioria de nós vislumbra somente uma face Dela. Ocasionalmente, alguém consegue ver mais de uma face, e, quando isto acontece, a pessoa fica marcada pela Divindade. Essas pessoas permanecem separadas da humanidade e não são mais governadas pelas mesmas sensações e emoções que nós experimentamos. São como um dedo que aponta para a nossa consciência, lembrando-nos que existe muito mais na vida além de

nossos desejos e fantasias. Sua mensagem não costuma ser agradável, porque nos recorda nossos deveres e dívidas para com ela, além dos que já sabemos ter conosco.

Pela impossibilidade de perceber e compreender a visualização da Divindade como entidade única, temos de limitar o conceito a uma forma que podemos compreender e com a qual podemos mentalmente lidar. No meu caso, a Divindade está na forma da Magna Mater — a Grande Mãe, deusa de infinitas compreensão e compaixão por sua criança caprichosa — eu.

Enquanto o corpo, como veículo desta existência, está limitado à duração desta vida, a alma ou espírito, que é a essência imortal da pessoa, sobreviverá à morte para, posteriormente, renascer. Cada um de nós atravessa esse ciclo de nascimento, morte e renascimento não uma vez, mas várias. Cada vez que renascemos temos que cumprir o destino predeterminado pela existência anterior. O destino que criamos em uma vida será vivenciado em outra. E, ao mesmo tempo, devemos também aprender se tivermos sabedoria suficiente para considerar o passado.

Essas lições são os fatos que nos levam, passo a passo, ao longo da espiral para nos tornarmos parte e estarmos com a Divindade. Por que caminho em espiral? Mais uma vez trata-se de uma questão de simbolismo, traduzindo certos pontos em termos mediante os quais podemos compreender. A tradição da imagem da espiral ou do labirinto é comum nas culturas antigas. Ninguém pode afirmar que os seres que criaram os túmulos compridos ou as câmaras mortuárias em compartimentos pensaram nos mesmos termos de um ciclo de renascimento em espiral, como muitos de nós, mas sabe-se que as pinturas encontradas nesses locais devem ter tido significado religioso e que não faziam parte de uma exposição aberta, pois em muitos casos estavam escondidas nas próprias tumbas.

Como em muitos aspectos dessa natureza, grande parte deve ser assumida, nunca se conhecendo a verdade até o momento da morte. Pensando dessa forma, admitimos que o

povo pré-histórico desenvolveu algum tipo de crença em uma vida ou existência após a morte. Vários costumes usados nos sepultamentos provam isto, como as vestimentas e haveres encontrados nos túmulos. Na verdade, os primeiros celtas estavam de tal modo convencidos disso, que teriam emitido títulos para os débitos a serem reparados na vida seguinte. Se aceitamos que o espírito de uma pessoa sobrevive à morte *e* vive outra vida após essa passagem, o passo seguinte a ser aceito, que é o renascimento da mesma alma, não será tão difícil de ser admitido.

Embora essa teoria seja de difícil comprovação, acontecem fatos inexplicáveis com certas pessoas. Vai-se a um lugar, e ele parece familiar, embora, ao mesmo tempo, seja diferente do que você se pode lembrar. Mesmo assim, sabe que nunca esteve ali antes nesta vida. Ou você segura um objeto e, instintivamente, sabe para que é e como usá-lo. Entretanto, não há uma base lógica nesse seu conhecimento, porque o objeto era utilizado há 500 anos.

Determinados períodos históricos despertam sua simpatia. Você sente que, se pudesse ser transportado para aquele tempo, se sentiria como se estivesse em casa. Certa vez tive um sonho muito vivo, no qual havia ajudado a saquear um templo de ísis, razão pela qual fui amaldiçoado. Antes que alguém diga: "Oh! Deus, lá vem o Egito novamente", isto ocorreu em Londres. Sabia onde era o sonho, embora não o pudesse relacionar com a Londres de hoje.

Uma das habilidades da Arte consiste em penetrar essa memória inconsciente e trazê-la de volta para a consciência. Para isto utiliza a forma de lembrar os sonhos. Mais uma vez é difícil explicar como conseguir. Pode-se dizer que depende somente de um ato da vontade para começar, mas, quando se inicia, é algo difícil de ser interrompido. Para mim, descobri que o momento mais produtivo para esse tipo de atividade acontece durante o período em que estamos adormecendo e a mente começa a vagar. Fixando a mente em uma determinada situação que desejamos explorar, o sono vem, e, com ele, os sonhos.

Com frequência perguntam-nos por que se preocupar com uma coisa dessas. Inerente a qualquer desenvolvimento espiritual e aprendizado está a compreensão do que se é; o ser, no contexto do: "Por que nasci dessa maneira? Por que a minha vida é assim? Por que sinto necessidade de olhar para trás e só depois prosseguir?" A revelação das vidas passadas e a sua compreensão são a única coisa que poderá lançar alguma luz sobre as atuais circunstâncias.

Sem entrar mais profundamente em assuntos pessoais, lembro-me de uma coisa dita para mim por Robert Cochrane. Três de nós estávamos sentados conversando sobre generalidades quando, repentinamente, ele me olhou, ficou frio e distante e, então, disse: "John, a violência e a aura de violência que o envolvem é uma maldição criada por você mesmo. A menos que consiga rompê-la, pagará por ela várias e várias vezes." Nada mais verdadeiro. Do que eu sabia das minhas existências anteriores, a violência sempre havia sido a minha ruína. Nos primeiros anos desta vida, a violência contra os outros fazia parte de mim. A lição que teria que aprender desta vez seria rejeitar esse caminho. Levei muito tempo para compreender, mas sei que, numa próxima vez, poderei até evitar ser apanhado nesse mesmo círculo sem fim.

Na observação das vidas passadas, encontramos as lições para o futuro. Nesta vida, até mesmo a simples idéia de aceitação da Deusa significa que não mais aceitamos a fé estabelecida. Ao voltar-se para Ela, a pessoa deve aceitar que mudou a ponto de compreender que sua salvação espiritual está em suas próprias mãos. Deve aceitar que o código de conduta moral que escolheu para viver é criação sua. Por meio dessa conduta, cortando simbolicamente o nó górdio, ela está aceitando o destino de sua própria salvação. Não mais necessitará de que outra pessoa interceda por ela junto à Divindade. Avançou o suficiente na espiral para ser dona do seu destino. Não existe mais a possibilidade de outra pessoa absolvê-la, com algumas palavras, por qualquer ato cometido. Cada um pode ser o juiz de seus próprios atos, sabendo e compreendendo que, no fundo, a absolvição não pode ser dada,

mas, sim, merecida. O caminho da Deusa nunca foi fácil de ser seguido.

Embora cada alma seja individual, acredito que determinadas pessoas estão de alguma forma ligadas a outras, como componentes de um grupo de almas em uma existência consangüínea. Essas almas interligadas avançam parte da espiral juntas não como um todo, mas como um grupo de pessoas que estão trabalhando com a mesma finalidade. Mais uma vez, não há como provar isto; é assunto de convicção pessoal; mas acredito que um dos fatores que me ajudou a chegar a essa conclusão foi a maneira pela qual isto foi discutido e examinado no meu antigo *coven*.

Parte da convicção dessa teoria é o fato de, ocasionalmente, encontrarmos alguém com quem sentimos identificação imediata. Instintivamente, sabemos o que pensa, e essa sensação de afinidade é tão forte, que a compreendemos melhor do que a um irmão ou irmã. Mesmo quando existe imensa diferença nos estilos de vida e nas condições anteriores dessa pessoa, que pela lógica seria totalmente incompatível conosco, ela não o é. Sentimo-nos bem em sua companhia. Idade, sexo e criação, tudo o que, pela *razão*, nos afastaria se desfaz, pois por meio da sensação instintiva ela é ligada a nós e nós sabemos e sentimos isto. Essas pessoas são almas-irmãs.

Infelizmente essa experiência não é facilmente encontrada em uma vida. Parte da explicação para isto é que cada indivíduo deve descobrir o seu próprio caminho de desenvolvimento dentro do seu destino, embora, ao mesmo tempo, experimentar esse tipo de harmonia com outra pessoa ou com um grupo de pessoas seja como uma lembrança de que não estamos sós em nossa busca pelo desenvolvimento pessoal. Pela natureza das interligações com as almas-irmãs e enquanto indivíduos não devemos somente a nós nosso progresso espiritual, mas também aos outros.

Freqüentemente uma pessoa pode ficar aprisionada num círculo infundável de erros, vida após vida. Então, numa delas, encontra alguém que exerce profunda influência profunda em

seu modo de pensar. Ê como se alguém segurasse sua mão para ajudar e dissesse: "Você já andou em círculo o suficiente. É o momento de parar e vir conosco."

Outra maneira é a pessoa ser atraída para a Arte ou para o oculto sem razão aparente, mesmo quando sua experiência anterior e sua criação indicam, pela lógica, que não deve ter interesse nesse tipo de assunto. Quando a pessoa está nesse estágio, com frequência um encontro pode mudar por completo sua maneira de pensar. Em vez de manter-se longe, brincando com a idéia, ela mergulha fundo e se entrega. Depois do encontro, não permanece presa em um lugar. Dá o primeiro passo no conhecimento de que existe algo mais na vida do que nascer, crescer, estabelecer-se numa existência mediana, envelhecer, tendo a morte como o fim de tudo. Mais uma vez, a mão que ajudou impulsionou-a um pouco mais no caminho em direção à Deusa.

Após ter aceito a idéia de nascimento, morte e renascimento da alma como parte básica no conceito da existência, o item seguinte a ser explorado é o conceito de magia. Esta palavra evoca gravuras de bruxas com nariz adunco encontradas nos livros infantis e que transformam pessoas em sapos; filmes satânicos com cenas de horror; e magos negros sacrificando virgens para seu senhor, o Diabo, a fim de obter poder. Doreen Valiente, em seu excelente livro *Natural Magic*, explicou a natureza da magia prática melhor do que qualquer outro autor que já li. Nesse livro ela explica as técnicas usadas na magia das cores, na magia dos números, na magia do tempo e em muitas outras. Sei que não existe outra maneira de igualar ou melhorar o seu trabalho sobre esse assunto. Tudo que espero apresentar é um quadro geral e compreensível do conceito de magia natural.

Essa magia nada mais é do que uma série de leis naturais. Posto isto, devo especificar que muitas dessas leis aceitas como naturais não são as mesmas compreendidas e aceitas pela ciência atual. Sob a forma de pesquisa da percepção extra-sensorial (PÉS), algumas das faculdades que aceitamos como parte da Arte estão sendo estudadas e, em muitos casos, explicadas

satisfatoriamente. Embora submetida a essa explicação, permanece um resíduo inexplicável cuja existência ninguém consegue alcançar ou identificar. Esse resíduo é parte da magia da fé. Como conceito básico, primeiro deve ser aceito, explorado e desenvolvido para, então, ser expandido como aplicação prática dos poderes mentais inerentes.

Antes de investigar mais a fundo o assunto, devemos esclarecer um ponto. Existem duas formas de magia. Uma é a magia do ser. A outra é a dos efeitos sobrenaturais, utilizada no decorrer de determinados rituais. A primeira é conseguida por meio da liberação, de maneira controlada, das forças interiores do ser. A outra é manifestação de poder exterior por meio da criação de uma entidade, energia ou força que desafia uma explicação lógica dentro da estrutura desta existência atual. São coisas que não podem ser explicadas de maneira satisfatória nem relegadas ao acaso simplesmente.

A magia do ser não é somente questão de aprender algum grande segredo esotérico, mas, sim, a redescoberta das faculdades adormecidas que são parte da herança genética transmitida a nós no passado remoto. Quais são estas faculdades? Telepatia, precognição, adivinhação, capacidade de reconhecer e interpretar os presságios sob a forma de fenômenos naturais e ser *capaz* de reconhecer e responder aos instintos que não têm fundamento lógico no pensamento racional.

Os animais que vivem nas encostas de um vulcão ativo mostram sinais de medo e pânico antes de uma erupção. Pássaros e animais selvagens deixam a área em perigo. Os animais domésticos mostram sinais de tensão e medo. Sabem, à sua maneira indistinta e instintiva, que algo terrível está para acontecer. Somente o homem ignora voluntariamente esses presságios naturais, confiando no acesso empírico e na exploração antes de reagir; daí ser constantemente apanhado de surpresa. Considera, então, um desastre, a "vontade de Deus", e ignora o fato básico de que, dentro da formação do homem, está a faculdade de reconhecer e reagir aos presságios naturais. Os

seres humanos, em seu avanço ao longo da civilização materialista, negligenciaram e deixaram para trás, na inconsciência, esses presentes. Por isso, quando uma pessoa é avisada de um perigo, e esse acontece, a reação é de surpresa.

Em uma extensão maior ou menor, todos possuímos esses poderes latentes. Por exemplo: na leitura das cartas do taro, algumas pessoas têm desempenho médio, enquanto outras apresentam leitura que vai muito além das expectativas. No meu caso, uma consulta permitiu-me compreender que eu estava trabalhando em algo que seria bem-sucedido, mas que, no final, eu deveria deixar a taróloga continuar sozinha e nada mais esperar quanto ao assunto. Não que eu quisesse, mas aconteceu exatamente como tinha sido dito, e não houve nada que eu pudesse fazer. A pessoa que fez a leitura foi capaz de ver muito na caída das cartas e de apresentar mais do que uma interpretação mecânica porque tinha a capacidade de prever o futuro e aprimorou essa faculdade através da prática constante.

Na busca da magia do ser, todos os caminhos devem ser explorados. Algumas pessoas descobrirão que são melhores com determinado tipo de adivinhação do que com outro. Por mais que me tenha exercitado, nunca consegui resultado acima da média ao tentar descobrir o número de cartas que receberia no dia seguinte, enquanto conhecidos meus apresentavam aptidão bem acima do esperado. A previsão do número de cartas que será recebido nada mais é do que aprimoramento de uma faculdade natural.

Uma capacidade que desenvolvi é a de "observar de longe". Algumas pessoas dizem que isto não é possível, mas como tenho o dom, eu o utilizo. Ao acender uma vela num ambiente obscurecido e usado como ponto para concentração, crio uma imagem mental do local onde sei que a pessoa que estou "observando" deve estar. Em um determinado ponto, não vejo mais o quadro mental, mas imagem real do que está acontecendo. Se a pessoa não estiver lá, eu saberei, porque, no caso de um apartamento ou de uma casa, estará vazio. A princípio pensei que fosse difícil fazê-lo e via somente o acontecimento mediante uma

série de lampejos. Mas a cooperação de um amigo unida à prática capacitou-me a ver os locais por períodos cada vez mais longos. Agora, com frequência, quando estou sentado sem fazer nada em particular, começo a "captar" acontecimentos ligados a pessoas de minhas relações.

Parte de qualquer avanço individual é a compreensão de que, dentro de cada ser, estão submersos instintos ou faculdades em estado latente. Após compreender e aceitar isto, o passo seguinte é trazê-los à superfície, explorá-los e começar a utilizá-los como parte de uma herança mística que é direito inato de todo indivíduo. Um ponto a ser lembrado é que essas faculdades não devem nunca ser o único objetivo a ser trabalhado interiormente. São parte de você enquanto pessoa. A capacidade de entendê-las e de usá-las como um estágio na abertura e compreensão do ser deverá ser o principal objetivo ao desenvolvê-las. Elas criam dentro da pessoa a extensão e as limitações que podem ser atingidas na realização do seu próprio potencial.

Outra forma de magia, a do círculo, é completamente diferente da magia do ser. Não é somente diferente; lembra a fabulosa Espada de Dâmocles. Em filmes de terror, vemos o arquétipo do mago negro que, no final, é destruído por suas próprias artes negras. O mesmo pode ocorrer com a magia do círculo. A natureza inerente ao círculo mágico é a de um poder natural, potencialmente perigoso, embora neutro, que no caso de mau uso constante pode repercutir e repercute no praticante. A compreensão de que existe poder ou força que pode ser liberado, utilizado e manipulado por um grupo de trabalho ou por um mago solitário conduz, muitas vezes, à pretensão de que, em virtude de os resultados passados terem sido bons, o grupo ou a pessoa em questão possui algum direito divino de usar esse poder quando achar necessário. Não é bem assim. Qualquer mago é, até certo ponto, servidor daquele poder, mesmo quando, exteriormente, parece dominá-lo. A lição a ser aprendida no exercício de qualquer forma de poder mágico não é saber que se o pode executar, mas que aquele poder está ali para ser exercitado com responsabilidade,

respeito e, acima de tudo, com restrições. Pensar de outra forma é o primeiro passo no caminho da auto-ilusão e possível autodestruição.

Então, o que é esse poder? Na essência, poder mágico é uma manifestação física da Divindade que se decide revelar à congregação por meio de determinados rituais e cerimônias, e de várias maneiras. De certa forma, é um contato espontâneo com a Deusa em nível mais elevado. De outra, é um contato espontâneo com os espíritos mais elementais ou com os aspectos dos deuses e deusas do mesmo tempo e local. De outra, ainda, o poder pode surgir dentro do círculo a fim de ser deliberadamente direcionado e manipulado para determinado fim, em geral como força do bem ou do mal, para ajudar ou prejudicar. Esse é o poder em sua forma mais perigosa, havendo a necessidade da presença de uma pessoa ou de um grupo conhecedor da manipulação e do direcionamento, além de ligado a esse tipo de magia.

Provavelmente a primeira exposição a um círculo mágico que o recém-chegado à fé experimenta será sob a forma de contato espontâneo que pode ter vários aspectos e estar relacionado a um indivíduo, ao grupo ou a *coven* como um todo. Pode ocorrer sob a forma de intensa sensação interior, ou expressar-se como manifestação física de alguma forma espiritual reconhecível. Como já vimos, num sentido de grupo, o ritual de trabalho é uma expressão da adoração e devoção à Deusa, embora em determinadas ocasiões toda a sua natureza e sensação possam mudar. Em todos os trabalhos existe uma consciência do mundo exterior, a sensação de que, embora estejamos no círculo, o tempo e o mundo ainda mantêm ligação com o grupo. De repente, toda a natureza do trabalho se altera. O círculo se fecha, dando a sensação de uma barreira definitiva entre os dois mundos. No mundo do círculo, o tempo parece parar. As emoções ficam exacerbadas. O fogo sagrado parece ficar mais brilhante, e a luz que dele emana apresenta uma claridade mais penetrante. Pensamentos, idéias e emoções aprofundam-se e ficam mais reais, e, então, surge aquela

onda de poder exterior. Daquele momento em diante, o ritual está nas mãos da Deusa.

Como acontece com todos os contatos espontâneos dessa natureza, todos os presentes sentem esse poder dentro de si mesmos. Pode ser uma sensação de calma e paz, ou de confiança e excitação. Mas a conscientização de que algo exterior está agindo sobre o grupo ou sobre o *coven*, levando-o a reagir de determinada forma, será sentida por todos.

Dentro dessa sensação generalizada de contato com a Deusa, uma pessoa poderá receber mais do que outras; foi selecionada, de maneira profética, como canal da Deusa. Para mim, isto deve ser tratado com certa cautela, pois algumas vezes as pessoas podem ser tomadas de uma excitação maior pelo encontro e começar a colocar suas idéias em palavras, atribuindo-as à Deusa. Quando alguém entra em estado de transe, é mais recomendável que um dos oficiantes questione, na hora, o que está sendo visto do que o grupo examinar posteriormente tudo que foi dito.

Como em todas as experiências com o oculto, há sempre uma dúvida subjacente quanto à inteireza da ocorrência. Geralmente as pessoas vêem aquilo que querem ver e ouvem o que querem ouvir; portanto, qualquer contato espontâneo deve ser tratado com certa precaução. Muitas vezes a linha divisória entre a ilusão e a verdade é muito tênue. Realmente, boa parte do trabalho mágico é uma ilusão que se torna realidade. Uma das habilidades da Arte é reconhecer a ilusão e torná-la real dentro do círculo mágico.

A manifestação física é mais difícil de ser definida, por mais estranho que possa parecer. Quando vista por mais de uma pessoa, podemos ficar seguros de que aconteceu alguma coisa. As perguntas são o quê? e por quê? e não são fáceis de serem respondidas. Num ritual que presenciei, em determinado ponto houve a manifestação de uma cabeça. Nenhuma mensagem, somente a cabeça. Passado muito tempo, foi esclarecido o motivo desse aparecimento e o seu personagem. O que eu tinha visto era o

Deus dos Ventos soprando sobre as fundações do nosso grupo. Sabia que tinha algum significado; eu podia senti-lo, mas, somente mais tarde, quando os acontecimentos começaram a surgir e o grupo se desintegrou, compreendi que aquela manifestação tinha significado o fim da nossa união.

Embora tenha sido uma manifestação espontânea de dimensões definidas, significando determinado fim, houve outra forma melhor de manifestação por intermédio de um membro americano do clã, que a chamou de Companhia Oculta. Nesse caso, a Companhia Oculta a que se referia era mais sentida do que vista, e apenas parcialmente vista: as formas nebulosas pareciam ser parte do trabalho, mas estavam fora da linha de demarcação do círculo. Esse fenômeno significa algo que não acontecerá imediatamente, mas, sim, durante o período do ano subsequente. É como se esses espíritos tivessem aceito gradualmente os trabalhos do grupo ou do *coven* como alguma coisa que os unisse à vida ou a caminhos passados. Até que ponto se sentem atraídos pelo grupo ou se o grupo os atrai é dessas perguntas sem resposta. Tudo o que pode ser dito é que eles estão lá e são parte reconhecível dos trabalhos e serviços de veneração da congregação.

Em determinado sentido, embora o destino e a direção do *coven* estejam nas mãos dos membros ativos, há uma sensação distinta de que, até certo ponto, o grupo é dirigido pela Companhia Oculta, nada muito óbvio, mas uma atmosfera de influência sutil trazida para os membros. Em grupos já estabelecidos, freqüentemente os novos membros são submetidos a votação para serem aceitos. No caso de alguém inconveniente, há um sentido definido de hostilidade e rejeição dessa pessoa pela Companhia Oculta. Ignorar essa orientação levará ao enfraquecimento do contato entre os dois mundos, e, se a desarmonia continuar dentro do grupo, o contato será definitivamente rompido. Uma coisa que deve ficar bem clara quanto a essa forma de contato é que não se trata de algo pessoal por intermédio de um membro. Embora possa parecer nebuloso e pouco definido, a presença da Companhia

Oculto é sentida por todos e por todos reconhecida. Neste sentido, Ela talvez seja o espírito guardião do *coven*.

Existe uma forma de manifestação muito conhecida, mas raramente praticada. É a conjuração de espíritos de vibração inferior, tidos pelos cristãos como demônios. Embora reconheça que isso possa ser realizado, do meu ponto de vista pessoal, considero algo extremamente perigoso de participação. E que, de certa forma, nega todo o objetivo do nosso trabalho.

Acredito que os objetivos do meu antigo grupo ainda sejam parcialmente válidos para mim. No passado, tomávamos, enquanto grupo, a decisão consciente de nos afastar dos trabalhos rituais e nos voltar para o lado místico e devocional da fé. Optando pelo caminho da conjuração, a pessoa está buscando o poder não para compreendê-lo, mas somente pelo próprio poder. Ocasionalmente esse tipo de utilização conduz ao abuso do poder e, inevitavelmente/à auto-ilusão e à autodestruição. Acredito firmemente que não haja espaço para esse tipo de trabalho mágico nesse livro. Quem desejar trilhar esse caminho terá que o descobrir sozinho.

Há outra forma de manifestação espiritual que não foi mencionada nesse capítulo. A razão é que está baseada nos mitos do crânio. Como existe um relacionamento complexo entre a história, a fé e os mitos, é melhor tratar esse assunto em um capítulo à parte.

Em algum estágio do desenvolvimento do trabalho de um grupo ocorrerá a maior experiência entre todas — o contato com a Deusa. Ela verdadeiramente coloca sobre nós a sua mão, e, desse momento em diante, a fé em sua existência transforma-se em certeza. A cada reunião o grupo a invocará para vir inspirá-lo. Raramente essa prece é respondida. Muitas vezes o primeiro sinal físico de Sua presença ocorre durante a consagração do vinho pelo sacerdote e pela sacerdotisa. Quando a faca é imersa no vinho, num ato de união sexual simbólica, parece subir uma luz azul-pálido de dentro da taça. Em alguns segundos, o vinho é transformado em algo mais do que simples vinho, repleto de conhecimento, sabedoria e inspiração do Seu caldeirão. Cada

pessoa que toma daquela taça sente sutil mudança dentro de si. Embora cada um a sinta de modo individual, o conhecimento comum e partilhado por todos de que houve uma mudança percorrerá todo o grupo.

Por que isto acontece em alguns encontros e em outros não é um dos mistérios da fé. Por que em determinado momento é outra das perguntas sem resposta. Talvez seja a estrutura dos membros trabalhando no ritual naquele dado momento. Talvez isto se manifeste somente para certas pessoas dentro do grupo. Como pode ocorrer em um Sabá ou em um Esbá, não podemos determinar. Tudo o que pode ser dito é que há possibilidade de acontecer e realmente acontece, e, embora afete as pessoas de várias maneiras, o tema comum é que os presentes costumam ter uma pergunta pessoal ou uma dúvida de fé respondida.

Algo comum a todos os contatos dessa natureza é a conscientização e a sensação de ter sido tocado por algum poder absoluto e infinito. Mesmo havendo a sensação de amor e compaixão fluindo pelo contato, persiste a aura de distância fria, remota e atemporal da Deusa. Por trás do nosso conceito da Deusa e da maneira que escolhemos vê-la, há outro poder ainda mais remoto, que é a força da vida e o espírito do universo.

Um aspecto da Arte amplamente comentado na busca do lado místico da fé é a capacidade de curar e de amaldiçoar. Unir esses pontos pode parecer estranho a princípio, mas, na verdade, são os dois lados da mesma moeda do conhecimento clássico sobre as ervas. A bruxa pode reivindicar ser descendente da sacerdotisa-curadora do antigo Egito e das culturas orientais. Como a religião e a medicina tornaram-se cada vez mais orientadas e dominadas pelos homens até que fossem finalmente separadas, o papel da sacerdotisa-curadora foi diminuindo, embora seu conhecimento das ervas continuasse extenso. O tempo e o surgimento da profissão médica exclusivamente masculina, juntamente com o Cristianismo, reduziram essa arte ao nível em que a bruxa-curadora era retratada como a grande anciã má, destilando suas poções para ajudar numa

maldição. O fato de a vítima algumas vezes morrer após o esconjuro, certamente, reforçou essa imagem. Mas por trás encontramos um conhecimento mágico e herbáceo que por séculos foi a única forma de auxílio médico disponível para o povo. A mulher que já tinha vários filhos e não queria mais um, consultava a mulher mais velha e mais sábia da aldeia, com seus amuletos, encantamentos e doses de ervas. Encantamento feito, aborto realizado, e a reputação da mulher aumentava.

Atualmente o papel curador da feiticeira praticamente não existe mais. Mas há outra face ou faceta da cura — o poder da cura a distância — que ainda é parte importante dos trabalhos do círculo. Hoje em dia há aceitação dentro da igreja cristã da cura pela fé, da imposição de mãos para curar. Na Arte, o conceito de capacidade de realizar rituais e enviar ondas de poder curador é prática aceita, que funciona da mesma forma que a maldição dirigida. Mais uma vez surge a mesma pergunta sem resposta: "Por que funciona?"

Não sei por que, mas funciona, tanto em nível individual como no de grupo. Em pelo menos duas ocasiões trabalhei individualmente e junto com o *coven*. Numa das vezes, "peguei" um resfriado no telefone, usando o antigo método de Norfolk de atar a doença num pedaço de fio. O aspecto impróprio deve ser passado adiante. Ao desatar o fio, deixando-o solto, a primeira pessoa a segurá-lo "pega" o resfriado.

Quando trabalhei junto com o *coven*, eu nunca tinha visto a pessoa anteriormente. Tudo que sabia é que iríamos fazer uma cura. Mais tarde, quando conheci a pessoa e ela descreveu a sua cura na autobiografia, foi que compreendi com quem tínhamos trabalhado e qual havia sido o resultado.

Devo acrescentar que, em muitos casos, a cura a distância simplesmente não funciona. Há várias teorias para explicar por que a cura acontece ou não, ligadas principalmente à fé, a estados mentais, etc. Como acontece com muitos outros que já refletiram sobre o assunto, tenho minha própria teoria.

Em determinado plano todas as pessoas possuem estoque de poder ou energia latente à espera de ser acionado. Com o treinamento, tornam-se capazes de, ao observar alguém, ver, com a mente, quadro ou cor da área com problema. Ao trazer a energia contida no seu interior para fora sob a forma de ondas, conseguem alterar a cor da área afetada para matiz mais saudável e mais brilhante. No meu caso, sou capaz de identificar uma área doente, que, para mim, apresenta aura verde. Vejo a cura sob a forma de uma luz dourada e morna. Visualizo essa luz diluindo gradualmente a área verde até que essa não mais exista. Não significa que, com esse método, posso curar tudo e qualquer coisa. Não posso e nem gostaria de fazê-lo. Utilizar essa força ou poder de maneira prolífica somente a enfraqueceria e a dispersaria.

Como todos os poderes individuais, primeiro deve ser descoberto, desenvolvido e, então, usado com parcimônia. O dom está em não os utilizar aleatoriamente, mas saber que existem e podem ser usados. Como acontece com todas as coisas ligadas à Arte, há um preço para usá-los. Um dia você descobrirá tentando curar algo, que deveria ser deixado para a medicina ortodoxa tratar, e falhará.

Em outro plano, um ritual de cura de um grupo ou *coven* é um apelo direto à Deusa para que intervenha em uma doença. Em geral é realizado para um amigo, alguém muito estimado ou membro do grupo. Como deve ser realizado é decisão dos diferentes grupos. Alguns gostam de ter a fotografia da pessoa em questão, outros preferem algo mais pessoal, como cabelo, pedaço de unha ou objeto íntimo e querido emprestado para a ocasião. Alguns grupos descobrem que trabalham bem sem objetos, preferindo usar algum elo mental em vez de físico. Como ocorre com todas as coisas dessa natureza, a hora do trabalho é importante. Sendo um seguidor da Deusa da Noite, vejo nas fases lunares uma manifestação física da Senhora em todos os seus aspectos. Na lua crescente a Senhora é a Jovem Virgem. A lua cheia representa a Magna Mater. A lua minguante é a fase da velha Feiticeira, ou a Destruidora. A escuridão da Lua é seu lado escondido, época de

trabalhos negros. Não tento mais fazer cura durante a fase escura da lua, como também não farei maldição durante a época da Lua cheia. Em ambos os casos estarei trabalhando na ocasião errada.

Para a cura, o momento correto é quando a Lua está na fase crescente para cheia. É o aspecto da Deusa como Jovem Virgem, crescendo consciente do desenvolvimento dos seus poderes que conduzem à sabedoria, compaixão e compreensão encontradas na figura materna madura, bela e adorável. É para esse aspecto da Deusa que nos voltamos quando buscamos ajuda, compreensão e, acima de tudo, compaixão.

No círculo, quando a Dança do Moinho é realizada, todos focalizam a mente naquilo que está sendo pedido. A princípio parece que nada está acontecendo. Então, ocorre uma sensação sutil de mudança na temperatura e de estar sendo observado por uma barreira escura, macia e impenetrável que, de repente, se desfaz. Onda após onda de poder flui para o grupo, através do grupo e para fora do círculo. Daquele momento em diante todos no círculo sabem que o ritual agiu, que a Deusa atendeu ao apelo. Tudo o que fica é a sensação de retirada de energia, de cansaço, vazio e esgotamento. Por semanas seguidas após esse tipo de trabalho permanece a sensação de que algo foi retirado do grupo. Muitas pessoas sentem-se fechadas e fora de contato. É um momento de repouso, quando as baterias psíquicas precisam de um tempo para se recarregar.

Como muitas coisas na Arte, os poderes de cura são equilibrados pelos poderes de maldição. Na verdade, o poder invocado em ambos os casos é um só e o mesmo, diferindo no resultado. Em vez de transmitir o poder do bem por intermédio da cura, transmite o poder do mal por meio do ódio. A técnica usada é exatamente a mesma, e, se a Deusa concordar com a maldição, há aquela sensação sutil de uma barreira se afastando e das ondas frias e escuras do ódio pulsando no grupo e para além dele. Novamente, há o momento certo para realizar esse tipo de trabalho e, mais uma vez, esse momento é governado pela fase lunar. Como foi dito, a época para amaldiçoar ocorre durante a

fase escura da Lua. Essa fase significa o lado escuro da Deusa, sob a forma da Velha Bruxa ou do Anjo da Morte. Com essa aparência é aquela que cobre a sua ninhada com os ossos dos poetas, a figura de Sheela-na-Gig com os órgãos sexuais que devoram. Do seu ventre parte toda a vida — e com a vida vem a morte. Nesse aspecto é a Deusa da Vingança.

Para invocar esse aspecto da Deusa, qualquer grupo ou *coven* deve ter certeza de que existe uma causa que justifique esse tipo de trabalho e essa súplica por justiça. Uma vez invocado e colocado em movimento esse lado da Deusa, muito será exigido do grupo. Por meses, ele se sentirá achatado e vazio. É rompida a conformidade e a harmonia que devem fazer parte da psique do grupo ou do *coven*, e, em alguns casos, pede-se um ano inteiro de trabalho. Somente o tempo pode curar. E, se o trabalho tiver sido de natureza particularmente pesada, deve-se realizar um ritual completo de purificação a fim de deixar para trás todas as influências negativas geradas pelo rito da maldição.

Vocês não lerão nestas páginas nenhum ritual de maldição, porque eles são nosso e para nosso uso exclusivo. Quem desejar amaldiçoar terá que os descobrir de outra maneira. Mostrarei posteriormente o ritual de purificação. Ele poderá ser usado não somente após algum trabalho particularmente pesado, mas também para ajudar membros ou amigos que estão totalmente desanimados, sentindo-se como se estivessem sob alguma influência maligna. Um simples fato de o ritual estar sendo realizado muitas vezes gera impulso psicológico que ajuda a superar as más sensações.

Sei que um dos possíveis comentários é que o conceito de trabalhar ligado às fases lunares e aos diferentes aspectos da Deusa está ultrapassado e pode ser considerado um tanto primitivo. Concorro que seja primitivo, mas esses conceitos resistiram ao teste do tempo. Assim como a natureza e a vida são ciclos de eras e estações, da mesma maneira é a Deusa. Em cada uma das fases, Ela representa uma faceta da vida: juventude, maturidade, velhice, morte e o tempo escondido antes do renascimento. Ao trabalhar

para determinados fins dentro da estrutura desses aspectos do Seu ciclo, experimenta-se a sensação de continuidade, compreensão e envolvimento instintivo. Uma das características da Arte é o conhecimento de quando trabalhar, de por que trabalhar em determinada época e das razões por que certa duração de tempo é a conveniente.

Pode-se discutir, teorizar, entrar em todos os tipos de razões e explicações intelectuais, mas existe um fato que ninguém pode deixar de considerar ou ignorar: os instintos e o coração falam mais alto e mais verdadeiramente do que qualquer teoria intelectual. Os conceitos e os trabalhos estabeleceram-se, no passado, porque funcionaram, e o próprio tempo não invalidou a verdade neles contida.

2 - A Natureza dos Rituais

No princípio era o caos, e do caos fez-se a ordem. Com a ordem surgiu a vida em todas as suas formas mais variadas. O ponto máximo da vida foi a humanidade. Os seres humanos, pensando, sentindo e evoluindo, rodeados pelas forças pouco compreendidas da natureza, criavam uma prece para cada capricho seu.

Os primeiros seres humanos buscaram um significado para cada coisa que se relacionasse a eles e ao seu ambiente. A princípio, indistintamente, mas crescendo na certeza e na compreensão, entenderam que estavam unidos e em harmonia com as forças da natureza que lhes pareciam hostis. A divindade da natureza estava ali e foi reconhecida, e na própria humanidade constatou-se uma centelha da mesma divindade.

À medida que a humanidade evoluiu da vida nômade de caçadora para a vida sedentária voltada para a agricultura, as pessoas ficaram ainda mais dependentes das forças da natureza, personificadas como espíritos benevolentes. Enquanto estavam no estágio de caçadores, as pessoas descobriram que, usando o mesmo método de uma caçada bem-sucedida, por meio de uma forma mágica complacente, conseguiam influenciar o grande espírito guardião do veado, do bisão ou de qualquer animal que estivessem caçando, para que ele enviasse alguns desses animais aos caçadores. Gradualmente as pessoas adotaram determinados animais como elos de ligação. Em lugares escuros e secretos, colocavam os ossos dos animais num padrão ritual a título de agradecimento pela boa caçada. Com o tempo, grupos de pessoas começaram a identificar-se cada vez mais com determinado animal, visto, a partir daí, em união com o espírito guardião daquele grupo, clã ou tribo. Realizava-se, assim, uma etapa na conscientização e no desenvolvimento espiritual da humanidade.

Contudo, com o estilo de vida mais sedentário devido à ligação com a terra e o crescimento dos grãos, as pessoas

descobriram-se ainda mais à mercê dos elementos. A natureza, sob a forma das estações, tinha que ser compreendida, e os espíritos das estações, aplacados. A própria existência dependia da benevolência da natureza. Um ano mau significava fome, um bom ano, a vida. Não havia dúvida de que deviam tentar interpretar e adaptar os rituais ainda lembrados dos tempos das caçadas para satisfazer as necessidades de suas novas circunstâncias.

Aos poucos começaram a ver nas estações imagens da vida humana. Assim como crescia a semente do homem plantada na mulher, da mesma forma a semente plantada na terra brotava, amadurecia e ficava pronta para ser colhida. No período de um ano, do plantio à colheita, os seres humanos podiam ver a própria vida refletida—nascimento, juventude, maturidade, velhice, morte e, finalmente o renascimento por meio do plantio de uma semente, como eles haviam sido uma vez crianças e se tornaram genitores da próxima geração.

No caso da fêmea havia um mistério: era quem trazia o futuro. Era a criança, a virgem, a mãe e, às vezes, a mulher estéril que guardava os mistérios da tribo. Como condutoras e liberadoras de vida pela concepção, as pessoas começaram a julgar a natureza e a terra como femininas, a Deusa Mãe. Voltando seus olhos para os céus, observavam o ciclo feminino espelhado nas fases da Lua. O crescer e o minguar da Lua eram como o crescimento e o enfraquecimento do ciclo feminino de fertilidade.

Também podia ser encontrado nas fases da Lua o ciclo da vida da humanidade em geral. Havia a lua crescente, simbolizando o nascimento e a juventude; a cheia era o símbolo da maturidade e da força; a minguante, a época da velhice e do enfraquecimento, e finalmente, quando a lua ficava escura, ninguém sabia onde ela se escondia, embora, após a escuridão, houvesse o renascimento na forma da lua nova. Será que isto simbolizaria a passagem da alma pela vida até a morte e o renascimento? A evidência encontrada nos bens enterrados junto com os corpos em túmulos pré-históricos aponta para alguma

crença em uma entidade separada ou a alma sobrevivendo à finalidade da morte e, talvez, necessitando, de alguma forma, desses bens em outra vida.

Para assegurar a fertilidade da mulher havia também a necessidade da participação masculina. Mas, quem seria o consorte adequado para a Lua, a senhora da noite? O homem tinha o seu símbolo no Sol. Como ele, no início da vida há a promessa da força. Ao meio-dia, ou na metade da vida, o Sol fica forte e mais quente. À medida que o dia avançava, ele enfraquecia, até que, com o pôr-do-sol, partia, deixando, então, que a senhora da noite mostrasse sua face para o povo.

Durante o ano, nas mudanças sazonais, o homem via sua vida num espelho. A primavera era o tempo da juventude; o verão, da maturidade; o inverno, o enfraquecimento da velhice, para renascer na primavera, com a força renovada. Havia harmonia e equilíbrio, a mãe, o pai e a criança. Havia o velho rei, e o jovem rei, que tomava o seu lugar para também ser substituído pelo rei recém-nascido no renascimento da primavera.

Naturalmente esta explicação é simplista para o que, na realidade, é um aspecto complexo e de muitas faces do crescimento da conscientização e do envolvimento espiritual da humanidade. Igualmente variados são os nomes e os aspectos da Deusa, do seu consorte e do filho. São conhecidos por muitos nomes. Tanto no rito de Adonis, do Osiris egípcio, como no mito europeu da Divindade com Chifres, o sacrifício do Rei Divino permanece tema central; não somente como tema central em relação ao conceito, mas também na evolução para o sacrifício ritual da representação humana daquele rei como tributo anual à Grande Mãe.

O tempo e a nova maneira de pensar reduziram ou modificaram o aspecto do assassinato ritualístico da Antiga Fé, onde o sacrifício se tornou uma exceção mais do que regra, sendo encontrado somente em algumas danças folclóricas. Como exemplo temos A Morte de Jack, nos jardins do castelo de Hastings. O dançarino que representa Jack está vestido como um arbusto

verde. Ele dança pela cidade, incitando a liberação do espírito do verão ou a morte do antigo Deus-Rei, para que o mais novo possa reinar.

Os tempos mudam, e com eles, a natureza das práticas religiosas. Com o passar do tempo, as novas deidades formalizadas tornaram-se os deuses e as deusas tutelares de novas cidades e novos estados. Conforme isto acontecia, a antiga simplicidade e o envolvimento do ato de adoração perdiam-se na congregação. A intercessão junto aos deuses pode ser buscada somente por intermédio de um sacerdote. A fé simples foi formalizada em rituais vazios, nos quais a pompa e a ostentação são a ordem do dia.

Finalmente, com o estabelecimento da relativamente recente fé cristã como religião oficial do Império Romano, no ano de 330, aos poucos os templos dos deuses foram abandonados ou ocupados. Com isto não quero dizer que o Cristianismo, como o conhecemos, se tenha tornado, da noite para o dia, o principal esteio do império. O imperador romano Constantino e seus sucessores ainda mantiveram a máxima fundamental da lei romana em que o cuidado com a religião era dever dos magistrados. Por meio do Édito de Milão, em 313, do Conselho de Nicéia, em 325, onde o Credo de Nicéia foi ratificado, e, posteriormente, em 484, do Conselho de Constantinopla, os sinos dobraram pelas igrejas cismáticas do Cristianismo. Por decreto imperial estabeleceu-se a ortodoxia ao longo de todo o Império Romano, e seitas, como as dos donatistas e dos arianos, foram declaradas heréticas. Com esse ato foi lançada a base para as futuras perseguições de todos que ousassem pensar em termos ortodoxos.

Mesmo assim, o paganismo em suas várias facetas era defendido ou, onde os costumes e usos eram muito fortes, absorvido. Um elemento poderoso do culto à Deusa Mãe era levado para lugares secretos da Antiga Fé. A Mãe ainda tinha seguidores devotos, embora isolados entre si. O fato de os rituais terem que ser praticados em segredo significou que os aspectos mais sangrentos da fé tinham que ser abandonados. Em vez de o sacrifício ser

realizado a céu aberto, era feito em clareiras secretas, de maneira simbólica, na libação da bebida derramada em nome da Deusa.

Com o aspecto secreto da adoração restaurou-se o lado místico da Antiga Fé. Não houve mais uma linha de sacerdotes e sacerdotisas poderosos controlando os rituais e interpretando a vontade dos deuses. Era um punhado de mortais inferiores praticando rituais quase esquecidos dos seus ancestrais, que, com isso, se afastavam de um ritual estabelecido em direção ao envolvimento simples da adoração à Deusa e, por seu intermédio, ao Deus Cornudo das clareiras das matas, o *Rex Nemorensis*.

As perseguições posteriores prejudicaram ainda mais esses costumes. Depreciada e mal utilizada, a Antiga Fé degenerou em pequenos grupos, em geral de mulheres idosas e maliciosas lançando encantos malignos sobre o gado dos vizinhos ou impedindo cavalos de andar até que se pagasse uma taxa e coisas do gênero. Mas, escondida no ciclo da natureza, encontrava-se a Deusa. Seu culto estava proibido, Sua congregação, impedida de se reunir, mas, mesmo assim, ela estava lá, pois Seu espírito é o espírito da própria terra. Danificado, fragmentado, mas nunca estirpado, o conhecimento da Grande Senhora ainda resistia. Seus rituais eram observados por um grupo de adoradores que crescia.

Para muitos, as fés ortodoxas perderam o ímpeto de adoração por estar imersas na liturgia e não conseguir satisfazer as necessidades da época. Assim como a Igreja Católica Romana com seus próprios atos fez surgir o movimento protestante, que por sua vez, quando se estabeleceu, levou ao surgimento de movimentos na não-conformistas, a adoração à Deusa e a tudo que envolve o Seu culto está atraindo novos seguidores. Lentamente, mais e mais pessoas estão ouvindo Seu chamado, porque, para alguns, Ela significa alternativa para as fés ortodoxas atuais.

Seguir Seus caminhos é harmonizar-se com o ritmo da natureza, penetrar e tentar entender as forças interiores e, também, ser capaz de responder às forças externas que são parte do cosmo místico, e redescobrir os sentidos quase perdidos que eram os presentes dos deuses para a humanidade: o poder de

ser *capaz* de ver o futuro em todas as suas formas, a capacidade de prever os resultados de qualquer palavra, ato ou ação e profetizar sua consequência, ser capaz de voltar ao passado e ver o tempo presente como parte desse passado, conseguir reconhecer e saber que a existência é como uma espiral, e que serão necessárias muitas vidas para percorrê-la, e, finalmente, descobrir a verdade que está por trás das várias fés.

Ao seguir os caminhos da Grande Senhora, do seu consorte, o jovem Rei Cornudo, estamos voltando para o lado instintivo de nossa herança. Como faz parte do próprio ciclo da vida, também fazemos parte dele. Do momento do nascimento ao momento da morte, estamos envolvido nele.

Parte da magia da Antiga Fé é o conhecimento e a aceitação deste fato: admitir a vida, em alguns casos ser instrumento do destino dentro da própria vida e, às vezes, tentar mudar de alguma maneira o ritmo dessa vida. Para mudar uma vida teremos que mudar a nós mesmos, o que por sua vez levará a compreensão e envolvimento maiores. Somente mediante busca, compreensão e envolvimento, a Antiga Fé revelará seus segredos de inspiração, compreensão e envolvimento a uma pessoa e a um grupo escolhido. É dando que se recebe, e, desta forma mantém-se o equilíbrio.

História e Mito

Tendo chegado até esse ponto, o leitor deve estar pensando: "Esta não é a feitiçaria que eu conheço." E não deixa de estar com razão. Esses rituais não seguem a idéia geralmente aceita sobre feitiçaria, embora, ao mesmo tempo, a inspiração que influenciou sua criação remonte a uma tradição bem mais antiga do que a que se costuma mencionar. Desde tempos imemoriais houve alguma fé ou algum culto devotado ao conceito da Deusa. Era chamada de Diana, Magna Mater, Deusa do Milho ou Grande Mãe Terra. Para muitas culturas era conhecida como Deusa viva e como tal, adorada. O próprio tempo, aliado ao domínio gradual do elemento masculino da religião, destronou a sacerdotisa de seu lugar de preeminência. A conquista e a subjugação dos grupos tribais alterou e modificou esse conceito. Os deuses dos povos vencidos tornaram-se os habitantes dos submundos dos conquistadores. A fé viva modificou-se para adaptar-se ao novo tempo e às novas situações.

Hoje em dia as pessoas consideram as fés e crenças pagas célticas fonte de inspiração da tradição, da mesma forma que outras buscaram o Oriente para se inspirarem. De alguma maneira, trata-se de uma visão correta, principalmente sabendo-se que os mitos celtas foram examinados, explorados e descritos. Na verdade, eles representam a principal raiz do moderno paganismo britânico, embora, como gostam de esclarecer, não sejam a feitiçaria inglesa. A verdadeira feitiçaria inglesa estendeu-se sobre o hiato entre os antigos anglo-saxões e a aceitação geral do Cristianismo pela população em geral.

Essa foi a fé que se perdeu. Rejeitada e desprezada pela Igreja, cujos deuses foram transformados em demônios. Esse conhecimento fragmentou-se, e, com ele, parte do espírito da raça e da terra. E no espírito da terra estavam os ritmos das raízes inglesas.

O que se sabe sobre a fé foi escrito por seus inimigos e, por meio de longa lista de dor e sofrimento, distribuída entre aqueles que ousaram pensar diferente e que tinham lampejos da fé pela qual morriam. Infelizmente não há memória suficiente para se construir uma base sólida. Pelo contrário, cada um de nós, como grupo ou indivíduo, deve descobrir o caminho que conduzirá aos portais do castelo. Nas páginas a seguir escrevo sobre a nossa caminhada. Para nós, deu certo, e o que mais podemos dizer?

Um dos mitos preferidos relacionado às origens da Arte é a história de Aradia, filha de Diana, filha da Deusa com o Seu irmão Lúcifer. Diana, vendo o sofrimento dos pobres e dos fracos, instruiu Aradia na Arte e a enviou à Terra para formar e ensinar nas reuniões secretas das feiticeiras. Assim fez Aradia, e, entre os segredos que ela passou para seus seguidores, estavam aqueles dos venenos, da formação das tempestades (encargo que se destacaria, mais tarde, nos julgamentos da feiticeiras) e de como amaldiçoar aqueles que se recusavam a ajudar seus companheiros.

Quando chegou o momento de Aradia voltar para sua mãe, uma das instruções que deixou foi que os seguidores da feitiçaria deveriam reunir-se na lua cheia para homenagear Diana com banquete, danças, música, saudando-a como a Rainha dos Céus. Em troca, Diana os instruiria nas desconhecidas artes da magia. Naturalmente, esse é só o início da história, apresentada por Charles Godfrey Leland no livro *Araãia or the Gospel of the Witches*, publicado pela primeira vez em 1899.⁰ que mencionou foi suficiente para estabelecer uma ligação entre Diana como a deusa lunar da feitiçaria e a feiticeira da fé; também confirmou a dança sagrada, a música e o banquete como partes do ritual, e, acima de tudo, a razão pela qual algumas feiticeiras se consideram "parte do grupo de Diana, que o pegará pelos dedos" (ver p. 182).

Na verdade, por trás da leve aparência do mito das origens da Arte, existe um lado obscuro da Deusa. Nunca saberemos o nome que ela recebeu em algumas culturas. Os gregos a conheciam como a deusa Hécate, e nós a reconhecemos

por sua descrição: a Antiga Hécate, mais velha do que os próprios deuses do Olimpo, com seus triplos poderes estendendo-se nos céus, na terra e no submundo. Com os três aspectos refletidos nas fases da Lua, ela é a Jovem Virgem, a Mãe Madura e, finalmente, a Velha Bruxa sob a forma da Deusa Pálida. O local onde esses três caminhos se encontram lhe é consagrado como a Deusa Tripla.

Dentro da fé, sendo certamente um dos seus dogmas básicos, está o culto ao Deus Cornudo ou Deus Mortal, sob a forma do sacrifício do Rei Divino. É essa representação viva do Deus na terra que se tornou "o Demônio", pois, ao aceitar a realeza, aceitava também o destino do Rei Divino e Deus Encarnado, isto é, a morte pelo sacrifício.

À medida que a Fé se tornou mais amplamente organizada e estabelecida em uma base tribal/mini-estado, firmou-se a idéia do divino substituto — o falso rei pagando o preço pelo verdadeiro. Desta forma, o culto evoluiu gradualmente para panteão mais reconhecível, como foi encontrado na Grécia e em Roma. Ao mesmo tempo, a linha divisória entre deuses e homens ficou mais pronunciada. O preço anteriormente pago com sangue humano nos altares dos deuses era agora pago com sangue animal, essa vida substituindo a humana. Persistia o reconhecimento de que, de alguma maneira, o rei estava separado do resto da humanidade e de que reinava apenas pela graça dos deuses e como seu servo. Somente quando chamado ao poder pelo do sangue real e tendo recebido de um sacerdote os símbolos do Ofício, poderia um homem tornar-se rei, e levantar a mão contra ele seria sacrilégio. Atingir o consagrado pelos deuses era a mesma coisa que attingir os próprios deuses. E, assim, formou-se longa linhagem de reis-sacerdotes.

Devemos compreender que o Cristianismo, quando se tornou a fé reconhecida no mundo ocidental, nada mais era do que fino verniz sobre população predominantemente paga. Em muitos casos, o reino era cristão somente durante o governo de determinado regente. Muitos dos chamados reis cristãos cultuavam

as duas fés, com altares erigidos ao Deus cristão e aos deuses pagãos. Ao mesmo tempo, grande parte da população ainda seguia os costumes e a fé de seus ancestrais. A Igreja pouco podia fazer; sua organização, naquela época, não era suficientemente forte. E não era somente por isso. Roma tinha que cuidar primeiro dos cismas internos.

Mais do que a figura fantástica da camponesa piedosa retratada pelos cronistas católicos da época, havia a camponesa que, à noite, se reunia com os treze sacerdotes para adorar o Deus Cornudo e, por seu intermédio, a Deusa. O clero ou o *coven* de sacerdotes e sacerdotisas em qualquer distrito era dirigido pelo Deus Encarnado, o representante vivo que usava chifres do Deus Cornudo. Cada congregação no seu distrito era dirigida por seu próprio representante do deus. Sob a figura de Mestre do *coven* e auxiliado pela Virgem, ele conduzia o grupo nos rituais de adoração. Era o "Demônio", com o qual a Igreja iria lidar mais tarde.

Foi somente após as classes governantes hereditárias tomarem-se firmemente submetidas à nova Igreja que o Cristianismo foi capaz de iniciar a longa e indecisa batalha contra o paganismo europeu. Até então a Igreja tinha que assumir o compromisso e agir com complacência exterior. Na verdade havia evidências de que alguns reis anglo-normandos eram cristãos somente no nome, e suspeitava-se de que outras figuras históricas notáveis fossem membros da Antiga Religião. Por exemplo, o rei William Rufus, Joana D'Are, Gilles de Rais, a Bela Virgem de Kent e Eduardo III, para mencionar somente alguns que aparecem nos livros de Margaret Murray, *The Witch Cult in Western Europe*, *The God of the Witches* e *The Divine King in England*. Se as evidências estiverem corretas, isto revela o quanto a antiga fé estava presente na sociedade.

Nos primeiros julgamentos¹, foram aprisionados somente os membros mais humildes da fé, e, partindo desses registros muito preconceituosos, formou-se uma idéia da sua organização. À primeira vista, algumas aldeias teriam cada uma o seu feiticeiro ou feiticeira local, que reunia o *coven* de pequenas áreas. Este, por sua vez, fazia parte de uma reunião maior de um distrito. Acima de todos esses *covens* interligados encontrava-se o Deus Encarnado na Terra, o Grande Senhor. Era sob o seu nome que a congregação inteira era chamada para os Sabás, e neles líder de cada *coven* agia como oficiante. Também significava que o Grande Senhor, na posição de Deus Encarnado e por meio do trabalho meticuloso dos *covens*, tinha controle sobre a sua área. Sabia o que estava acontecendo, quem estava fazendo e vendendo o que, bem como onde encontrar um comprador em potencial. Podia usar a velha conversa: "Vá a um determinado lugar e lá encontrará um homem pequeno e moreno que lhe oferecerá isto" para qualquer coisa que estivesse sendo vendida. Também podia saber quem estava demorando a comparecer diante do Senhor e dos sacerdotes, e logo estas pessoas encontravam suas plantações danificadas durante uma certa noite, e assim por diante. Resumindo, até o rompimento do sistema a região rural esteve em sua maior parte sob o controle dos seguidores da Antiga Religião.

Estudando os julgamentos da feiticeiras e ignorando as elaborações eclesiásticas evidentes, é possível recriar alguns dos rituais e sentimentos que existiam entre os adeptos da fé. Por meio desses julgamentos podemos também observar como a adoração à Antiga Religião tornou-se cada vez mais isolada, fragmentada e, finalmente, reduzida a alguns *covens* ou grupos praticantes de rituais quase esquecidos e que se tornaram guardiães dos

¹ Os primeiros registros foram naturalmente insuficientes, e seria impossível dizer com certeza qual a data do primeiro julgamento. Contudo, segundo Montague Summers em *Geography of Witchcraft*, o primeiro julgamento de bruxas na Inglaterra aconteceu em 1209. Isto é confirmado por C.L'Estrange Ewen em *Witch Hunting and Witch Trials*, e em sua continuação, *Witchcraft and Demonianism*.

fragmentos do conhecimento que foi um dia a sabedoria da Antiga Fé.

Independente do que a Igreja afirmou, essas pessoas não eram "adoradoras do demônio", como foi dito nos julgamentos. Seu Deus era muito mais antigo do que o Deus cristão, e ela não era uma religião opressiva, mas, sim, inteiramente diferente da Igreja que impunha seus impostos e dízimos. Na verdade, o que transparece nesses registros é que a feiticeiras gostavam de pertencer à sua fé e compareciam às reuniões.

No sentido mais prático, a feiticeira que conhecia as ervas era a curandeira da aldeia. No aspecto espiritual, era a única força disponível para lidar com o crime localizado. Os poderes mágicos de que dispunha faziam com que "sentisse o cheiro" das injustiças e dos delitos, de maneira muito semelhante à exercida pelos feiticeiros na África. Em outro nível, podia lidar com fantasmas, demônios e espíritos maus que assombravam as mentes dos homens e mulheres daquela época. Em qualquer momento difícil chamava-se a feiticeira, porque a feiticeira-sacerdotisa tinha poder e conhecimento para lidar com essas coisas. As pessoas se tornavam feiticeiras porque assim o desejavam e não por seguir alguma religião que as obrigasse a esse caminho pelo medo.

Um fato que ficou bem esclarecido nos registros dos julgamentos foi que a ligação com a fé era transmitida no seio da própria família. Outro era que a maioria pertencia ao sexo feminino. E a razão era muito simples. Nos tempos em que o mago-profeta era dignificado e aceito como membro das cortes reais, como no caso de Merlin, o feiticeiro costumava ser o conselheiro nos aspectos mais importantes da vida na corte, em especial na política. A feiticeira tratava mais dos assuntos domésticos. Era mais ou menos a sacerdotisa-curandeira do lar e do coração. Para o mago, o cristianismo significou a perda da posição na corte real, sendo substituído pelos clérigos de cargos mais elevados. Para as pessoas comuns, a feiticeira, como sacerdotisa-curandeira, levou mais tempo para ser afastada e destruída.

Uma das razões desse ódio intenso às feiticeiras era que elas reivindicavam ser sacerdotisas. Numa época em que a Igreja não dava importância às mulheres, considerando-as como posse do marido (só um sacerdote diria que as dores do parto eram agradáveis), uma mulher, ao reivindicar o título de sacerdotisa, insurgia-se contra as raízes da sociedade ortodoxa.

Outra razão a considerar é as mulheres frequentemente serem as seguidoras mais ardorosas em qualquer religião. Enquanto os homens deixam templos e igrejas meio vazios, as mulheres continuam a manter o culto. Por essa razão, enquanto o feiticeiro perdia a posição de astrólogo-conselheiro da corte, a mulher continuava a exercer o papel de sacerdotisa dos Deuses Antigos. De certa forma, foi por intermédio das mulheres e de sua devoção à fé que essa sobreviveu às perseguições, apesar de danificada e fragmentada como foi. A devoção das mulheres à Deusa e à figura encarnada do Deus Cornudo manteve o conhecimento no decorrer dos anos. É também o motivo pelo qual mantemos em nossos rituais o lugar de honra à mulher como a Senhora e sacerdotisa do *coven*.

Na mesma seqüência de pensamento, embora ainda dentro da filosofia básica da fé, realinhamos a nossa idéia em relação ao papel do Deus Cornudo Encarnado — o líder do *coven*. Historicamente, o líder do *coven* sempre foi considerado como o representante vivo do Divino Sacrifício do Deus-Rei. Nele estava presente a essência manifesta da divindade, o espírito de Deus vivo na Terra. O primeiro sendo sacrificado, o espírito de Deus transferia-se para o corpo do jovem Rei Cornudo. Desta forma, o espírito encarnado de Deus mantinha-se forte. Um rei velho e enfraquecido era, na verdade, um deus velho e enfraquecido. À medida que o conceito do culto mudou, o verdadeiro sacrifício do rei foi substituído pela identificação do substituto divino condescendente, o Rei do Escárnio. Esse conceito do governante substituto ainda foi encontrado nas épocas clássicas, nos festivais do Senhor da Desordem, a Saturnália, com os escravos tornando-se os reis da zombaria, e os seus patrões, seus servos. Sir James Prazer

fornece descrição detalhada desse ritual e de vários outros assuntos ligados ao sacrifício do Rei Divino, no seu famoso trabalho *The Golden Bough*. Ainda existem traços desse conceito na Igreja, com a celebração do costume de ser "Bispo-Menino" por um dia.

Posteriormente, a idéia do sacrifício humano foi modificada para a do sacrifício animal, em geral o representante vivo do espírito-totem do grupo. No sentido do Mestre de cada *coven* ser o descendente direto do Deus vivo sacrificado, podemos compreender como surgiu o ciclo de sete anos do ofício com o sacrifício do animal substituto e, em grau mais profundo, como o ofício de Mestre perdeu a tônica do Rei Divino, passando a exercer o cargo de sacerdote-líder da congregação. Em certo sentido, ele ainda é o "Demônio", mas os atributos característicos do Deus reverteram ao espírito-forma místico do Deus Antigo e da sua mãe-consorte, a Deusa.

O Mestre não é mais o Deus Encarnado do *coven*. Para nós, o Deus Cornudo é representado pela estaca da congregação, a vara de freixo em forquilha pendurada no portal ou passagem do círculo. Dessa forma invocado, ele é o espírito guardião da entrada ao reino do círculo. É o espírito da região rural, sob a forma do Rei Carvalho e do Senhor das Matas, o espírito reencarnado do Deus Antigo renascido no corpo de um outro no ritual da Véspera de Maio. Ele é também o antigo líder do Caçador Selvagem, Herne, com seus cães de caça, conduzindo as almas dos mortos para os submundos. Todas essas idéias estão ligadas à simbologia da estaca, na medida em que essa se torna o ícone de Deus.

Com a colocação da sacerdotisa mais uma vez à frente dos rituais, muitas das obrigações que pertenciam ao Mestre passam a ser dela agora. Onde o Mestre e a Virgem partilhavam a taça, é agora a Senhora e o Oficial do Leste que o fazem. No passado, a figura mascarada e ornada com chifres, ladeando uma vela, era quem presidia os rituais e o posterior banquete. Agora a estaca serve ao mesmo propósito. Com uma vela acesa entre os dentes do forçado e com um máscara de animal abaixo dele, a estaca

invoca a memória do Deus Cornudo e do Espírito do Totem que foi o guardião sacrificado da congregação.

Da mesma maneira, as flechas cruzadas montadas na haste da estaca lembram os antigos trabalhos mágicos dos rituais que pediam boas caçadas. Há um aspecto da Deusa que muitas vezes não é levado em consideração, o de Diana, a Deusa da Caça. Era para esse aspecto que a figura antiga, mascarada e com chifres, executava sua dança sagrada e fazia os seus rituais de oferendas, na época em que as pessoas dependiam da caça como alimento. (Casualmente o símbolo da Deusa Neith da pré-dinastia egípcia constituía-se de um par de flechas cruzadas.)

Transferindo os atuais atributos simbólicos do Deus-líder Encarnado do *coven*, para a estaca, na verdade o ser humano que já foi reconhecido como o Deus vivo na Terra não tem mais que pagar o antigo preço de sangue exigido, seja com o seu próprio ou com o de algum substituto. Num certo sentido, embora os rituais se tenham afastado dos trabalhos primitivos, o conceito de quem e do que o Deus Cornudo representa não se alterou. Invocá-lo de maneira espiritual, mais do que adorando sua representação viva, significa a representação de forma mais autoritária do líder da congregação. Não há mais a necessidade de ser dito: "Eu sou o Senhor. O que você sabe, aprendeu por meu intermédio, pois eu o escolhi." Da maneira como trabalhamos, não há um grande segredo a ser transmitido. Existem somente os rituais de adoração, abertos a todos que desejem trilhar nosso caminhos.

Cada um e todos nós devemos buscar o próprio desenvolvimento, descobrir dentro de nós o que esperamos da fé, e, acima de tudo, compreender que dentro da fé talvez estejamos buscando a resposta para desejos não concretizados. Até que ponto a fé consegue preencher essas expectativas é assunto pessoal. Somente pelo culto à Deusa uma pessoa poderá vislumbrar todo o seu significado. Subir uma montanha numa noite de luar e abrir-se para a Deusa — somente assim você poderá sentir as forças à sua volta, a aura do poder que é parte do próprio ar.

Com o tempo, e com a estrutura correta da mente, poderá tornar-se e se tornará uno com esse poder por fração mínima de tempo, e, nessa união, haverá a sensação de ligação com o passado. Dessa união surgirá a compreensão, e, com ela, a realização de que isso é algo já experimentado antes. Desta forma, os ecos do passado ficarão ligados à realidade do hoje, e ambos conduzirão à conscientização crescente das vidas futuras que deverão ser vividas em outras vidas que ainda acontecerão. Acima de tudo, nessa conscientização crescente está a crença explícita de que cada uma dessas vidas nos aproximará cada vez mais da compreensão de alguns dos esplendores terríveis e eternos da criação e da recriação da vida e da natureza, encontrados no conceito da divindade. Somente com a compreensão do ser — e talvez com sua mudança — poderá haver abertura e floração da alma individual sob a influência do poder externo, que é a sabedoria inspiradora da Deusa.

Um dos aspectos que mais desponta na história da Antiga Fé é a ausência de registros escritos. Com isto quero me referir a registros escritos pelos membros e não pelas forças opositoras do Cristianismo ortodoxo. Como a Antiga Religião era a da natureza e do campo, muitas das histórias antigas contadas nos campos e em torno das fogueiras contêm fragmentos daquilo que, uma vez, pertenceu à Arte. As mudanças aceleradas no estilo de vida, do rural para o urbano, significaram perda cada vez mais rápida dessa sabedoria, e, com esta, perda de parte da compreensão, da lógica e do conhecimento que são a herança da Arte. O que foi deixado pode ser trabalhado, mas, na maioria dos casos, as conclusões atingidas devem ser tratadas como suposições ou probabilidades, à luz das evidências atuais. Trata-se de uma questão de reexaminar determinados acontecimentos e pessoas à luz do nosso próprio conhecimento da Antiga Fé.

Para ilustrar, temos a história do Rei Ricardo II e a Revolta dos Camponeses em 1381. O jovem rei encontrou-se com o povo e seus líderes em Smithfield, onde, segundo os registros da época, o líder rebelde Wat Tyler aproximou-se do rei de maneira arrogante.

O final desse encontro foi com Tyler mortalmente ferido. O rei passou por entre a plebe, chorando: "Senhores, vós mataríeis o vosso rei? Eu sou o vosso capitão, serei o vosso líder. Os que me amam que me sigam!" Em vez de uma chuva de flechas e de uma carnificina real, Ricardo virou seu cavalo e levou os rebeldes para o campo aberto. Uma força de ajuda reunida às pressas localizou o rei nos campos de Clerkenwell, ainda a cavalo, rodeado de rebeldes que, sem um líder, argumentavam com ele.

Neste ponto surgem algumas questões que devem ser respondidas de maneira não muito convincente, porém ortodoxa. Alguns dias antes, esse mesmo povo havia reunido em suas terras os mais poderosos e os mais ricos senhores e clérigos, amedrontados por trás de fortes paredes. No primeiro encontro entre o rei e os rebeldes, em Mile End, apesar das promessas reais de reformas, o povo ainda representava um perigo para a ordem estabelecida. Alguns dias mais tarde, esse mesmo jovem Rei, com algumas palavras, dominou o exército descontrolado e sem liderança dos rebeldes. Como? Conscientemente ou não, o jovem Rei Ricardo, com as palavras "Eu serei o vosso líder", colocara-se na posição do Rei Divino, líder da Antiga Religião. Mesmo se Ricardo, educado para ser um príncipe cristão, não conhecesse a herança que reivindicara com suas palavras, muitos entre a multidão possuíam conhecimento suficiente da Antiga Fé para compreender que, aos olhos daquela fé, ele era agora o Deus na Terra, e que, matando o rei, eles estariam matando o Deus vivo.

Aceitar esse fato significa aceitar a Inglaterra não como o país católico que a história nos apresenta. Existem poucos trabalhos sérios na Inglaterra sobre o julgamento das feiticeiras, e, na maioria dos livros de história, os julgamentos e a Antiga Religião não recebem muita atenção. Tudo que encontramos é uma classe camponesa piedosa que, em 1381, se insurge contra os senhores, queima mansões e priorados, e executa Simão de Sudbury, primaz e chanceler da Inglaterra, bem como chefe supremo da Justiça — atos dificilmente atribuíveis a um povo cristão temente a Deus.

Na pessoa de Ricardo Plantagenet eles tinham o descendente de uma linha de reis da família cuja reputação era de ter reivindicado: "Do Demônio viemos, ao Demônio retornaremos". Considerado à luz de o "Demônio" ser o Deus da Antiga Religião, o que, na realidade, estava sendo dito era: "De uma antiga linhagem de Reis Divinos viemos, ao Deus Antigo, de quem somos os representantes, voltaremos na morte". Ao dizer "Eu serei o vosso líder", Ricardo colocou nos seus ombros o manto dos ancestrais, os divinos reis Plantagenet.

Em vez de ler a história oficial, e aceitá-la como um enfoque, e depois a história dos julgamentos das feiticeiras como outro, ambos devem ser vistos como complementares entre si, pois constituem os dois lados de uma mesma moeda. Somente combinando os dois conseguiremos redescobrir o que foi deixado à margem da tradição da Inglaterra.

Seguindo a mesma linha de pensamento, existem vários outros tópicos que devem ser revistos. Entre esses, temos, sem dúvida, a lenda de Robin Hood. À primeira vista é um conjunto de histórias comuns do fora-da-lei que vivia em uma floresta e liderava simpático bando de fora-da-lei. Arqueiros magníficos, usavam sua coragem e astúcia para roubar os ricos e ajudar os pobres. O líder do bando sofre em algum momento uma injustiça que o afastou de seu lugar na sociedade. Embora fosse um fora-da-lei, era leal ao rei, assim como seus homens. Na maioria das histórias o rei era Ricardo Coração de Leão.

Um ponto a ser reconhecido é que as baladas sobre Robin Hood, da forma em que as conhecemos, foram escritas no século 14, originárias de antiga tradição oral. Outro é que, ligados ao motivo principal dessa tradição, estão vários personagens históricos. Neste sentido, Robin Hood e seu bando tornaram-se não somente um grupo de pessoas, mas um ideal, uma esperança ou talvez o salvador e defensor terreno do povo.

Ao longo da história encontramos tentativas de dar nome ao homem por trás da lenda: Eustáquio de Foville, Fulk Fitzwarin, Adam Bell e também Robin Hood, que defendeu as terras em

Wakefield, para citar alguns. Outra idéia é que Robin Hood se origina de Hodsken, duende anglo-saxão das árvores, que, depois, se tornou Robin Goodfellow. Não seria surpresa descobrir que Robin Goodfellow não era outro senão o Homem Verde ou espírito da primavera, encontrado nas antigas danças morris, típicas da Inglaterra. O Homem Verde teve sua imagem esculpida em relevo pelos pedreiros na abóboda da Catedral de Norwich, no transepto da igreja de Llantilio Crossenny, em Monmouthshire, na decoração da Capela de Rosslyn, próximo a Edinburgh e em muitos outros templos sagrados. O Homem Verde também está presente com sua face sorridente nas esculturas na fachada de uma das mais antigas hospedarias em Sussex, Alfriston. É o mesmo Robin cujo afastamento foi pedido pela Assembléia Geral da Igreja da Escócia ao Rei James VI, em 1577 e novamente em 1578, em função do desempenho caracterizado por Robin Hood, como Rei de Maio, no dia do Sabá, principalmente pela libertinagem imprópria das pessoas vulgares nessas ocasiões. Foi o reconhecimento, por uma Igreja estabelecida, de que havia mais nessas lendas do que simplesmente histórias, ficção, ou coisa semelhante, e mais em relação a Robin Hood do que somente um bando de foras-da-lei levando uma vida agradável na floresta de Sherwood. Uma teoria comumente aceita em relação a essa lenda era que Robin era visto pelo povo como defensor da lei, herói dos bastidores, reconhecido como defensor natural dos injustiçados pelo Estado e pela Igreja.

Nessas histórias não havia queixas quanto ao rei; somente em relação aos oficiais do reino. Um componente muito forte em todas elas era a lealdade encontrada no povo. Tudo aconteceu numa época em que o rei e o Estado eram quase a mesma coisa (bem diferente dos dias atuais, quando o governo e o trono são instituições separadas). Em nenhum momento via-se censura quanto à corrupção dos oficiais reais indicados pelo próprio Rei. Também deve-se notar a devoção à Santa Madre Igreja, com especial reverência pela Virgem. Ao mesmo tempo, a riqueza da Santa Madre Igreja era atacada por Robin, e eram os líderes dessa mesma

Igreja os escolhidos como reféns, ridicularizados e usados para obter resgates. Com tudo isso, eles esperam que aceitemos que essas pessoas podiam ver a Santa Madre Igreja enquanto um conceito abstrato esperado das atividades dos seus líderes, sem admitir que, ao roubar a Igreja, os fora-da-lei estavam, na verdade, roubando São Pedro. Como diz a canção: "Se você acredita nisso, acreditará em qualquer coisa."

Vamos encarar Robin e o seu alegre bando à luz da Antiga Religião. Em primeiro lugar, temos um *coven* completo, incluindo a Virgem, na figura de Marion, a única mulher mencionada pelo nome como membro do grupo nas baladas da época. Apesar de viver numa floresta entre homens saudáveis e viris, não há registro ou tradição de qualquer relacionamento sexual. Pelo contrário, Marion era colocada num pedestal e tratada quase como Rainha de Greenwoods.

Na batalha pelos corações e mentes do povo, Robin surgiu como o grande vencedor. As pessoas que viviam em pobreza opressiva poderiam ter ficado ricas ao se ligar a ele, mas não ficaram. Parte dos saques era destinada aos necessitados. Talvez Robin fosse a personificação do ressentimento dos cidadãos com as classes governantes, ressentimento contra o sistema, alheio a eles, em que a fé dos antepassados tornou-se "o culto ao Demônio". Em vez de aceitarem os rituais dessa fé com compreensão e conhecimento, freqüentavam uma igreja cujos artigos e fé tinham que ser rezados para eles, em geral por alguém de *status* um pouco mais elevado.

Talvez, em algum momento, *tenha* existido um Robin Hood ou, considerando os inúmeros locais com nomes ligados a ele, vários Robins. Em vez de serem fora-da-lei no sentido convencional, eram os fora-da-lei por serem seguidores fiéis da Antiga Religião e do Antigo Deus. É compreensível o fato de terem sido protegidos, ajudados e até mesmo escondidos, pois, para eles, Robin apaziguava os espíritos do mal e os demônios que povoavam as mentes do povo medieval. Quando ele ou um dos seus animais ficava doente, as ervas necessárias para curá-los eram

parte da antiga tradição e conhecimento das feiticeiras. Era o velho e sábio homem ou mulher que teria que ser consultado. Naquela época, a Igreja Mãe, principalmente nas ordens monásticas, certamente conhecia a medicina herbácea, mas não sabemos até que ponto ela se aproximava das outras classes. Suspeito de que não muito. Era o homem ou a mulher velha e sábia que o camponês buscava para curar a si e a sua família, em especial na hora em que sua mulher ia dar à luz. Podemos imaginar um monge ou uma freira, celibatários, sendo úteis num parto? Há um antigo adágio que afirma: "Quanto melhor a parteira, melhor a feiticeira."

Algumas vezes era necessário algum dinheiro para pagar as taxas e os impostos feudais. Somente com o Senhor de Greenwoods o camponês conseguia a soma — o mesmo dinheiro tirado da Igreja ou dos mercadores ricos. Quem os poderia acusar de, em vez de buscarem o Deus cristão nos céus para ajudá-los, exceto num conformismo simbólico, voltarem-se para o antigo Deus terreno, a figura mascarada e ornada com chifres do líder do *covenl*

Não é de admirar que o camponês, envolvido no conhecimento de seu Deus sob forma reconhecidamente humana, visse, em Robin, o Deus que era humano. Perseguidos pela lei e forçados a viver nas florestas, os representantes vivos daquele Deus e dos sacerdotes estavam ali para servir às congregações como sempre tinham feito. Para aqueles que os conheciam, cantar as baladas de Robin Hood não era somente cantar músicas que falavam sobre um fora-da-lei e seu bando para se divertir na taverna. Era um modo de expressar a crença nos antigos costumes, de recordá-los, e, para alguns, como o escravo que cospe na comida do senhor antes de servi-la, era ato de desafio, algo para ser mantido em segredo.

Embora as histórias, quando escritas, percam aos poucos, com o passar dos anos, o significado, havia nelas e ainda há um elemento mágico. Por meio de livros e, mais tarde, filmes e televisão, a história de Robin continua viva. Na verdade, além de continuar viva, ela se espalhou. Até onde a raça anglo-saxônica

chegou, foi com ela a história de Robin Hood. Escondida na história e viajando com ela ainda podem ser encontradas algumas alusões aos ideais da Antiga Religião. Na morte de Robin estão os lamentos ao Rei Divino sacrificado. Nesse momento, não mais é esperado o renascimento alegre do novo Jovem Rei, permanecendo somente a história e, escondidas nela, as lembranças dos antigos sacerdotes da bem-amada Antiga Religião.

Existem inúmeras lendas do passado que podem ser reexaminadas à luz do conhecimento da Antiga Religião como nova maneira de encará-las. Seria somente especulação, devendo ser tratada como "possível", "quem sabe" ou "talvez". Esse tipo de pesquisa mostra que a fé agora chamada de antiga é realmente antiga e não uma mania de um bando de rabugentos. Embora a Deusa seja conhecida sob vários nomes nas diferentes culturas — e, por seu intermédio, o Deus Cornudo e o Jovem Deus-Rei Cornudo —, há um conceito universal preservado no ciclo de morte e ressurreição, tanto da humanidade como da natureza.

Outro aspecto, e talvez o mais importante, é que a fé era viva e dinâmica, capaz de absorver mudanças de ênfase sob determinados aspectos, permanecendo fiel ao tema básico. Seria somente o caso de observar o tema do Deus Cornudo Sacrificado, tornando-se o Deus Encarnado na Terra, nos *covens* posteriores. Mas, ao mesmo tempo, por trás dele havia outra figura, semi-oculta, talvez meio esquecida, que ainda era a Deusa, rainha da noite e dos céus, cuja adoração era feita por intermédio do Deus-Rei Cornudo do *coven* ou do clã.

Hoje em dia os objetivos, as aspirações e as razões do culto à Deusa mudaram. No passado, a maioria dos seus seguidores era de membros dos *covens* porque, para eles, representava uma parte familiar de suas vidas, tão natural quanto comer, beber e respirar. Sem dúvida, a maioria de nós é conservadora por natureza, ainda que no sentido não-político. Atualmente muitas pessoas que não freqüentam regularmente a igreja fazem questão de se casar numa delas toda decorada, com vestido de noiva mesmo que já estejam coabitando há anos. Da mesma forma, as crianças são batizadas,

como "uma coisa que deve ser feita". Resumindo, são cristãos no nome—vão à igreja no carrinho de bebê, depois no carro dos noivos e por fim no carro fúnebre. É esse conservadorismo do passado que conduziu muitas pessoas à sua Igreja familiar e não para a novidade trazida pela Igreja Cristã.

Havia também os que optavam e permaneciam como membros da Antiga Religião, independente de todas as leis contrárias e dos temíveis perigos que corriam com essa atitude. Permaneciam leais e verdadeiros aos seus deuses e à sua fé. Mesmo no despertar da zelosa perseguição cristã, eles e seus filhos permaneceram fiéis, como provam os julgamentos, e, agora que a prática da Arte não é mais contrária à lei no sentido civil, os que se consideram feiticeiros estão colocando os seus mantos.

Entretanto, ao vesti-lo, devemos lembrar que não somos as pessoas que eles eram. Nossos objetivos e nossas idéias são diferentes. O que buscamos na fé e o que esperamos obter por seu meio são aspirações diferentes das deles. Não temos alguém que nos conduza na iniciação antiga e sagrada. Temos que descobrir nosso caminho e construir sobre o trabalho de outros. Não mais buscamos os mesmos fins que eles. Os temp os mudaram, e, com eles, as aspirações. Neste sentido não estamos mais limitados por antiga e tradicional forma de adoração ou de pensamento. Estamos livres para construir nossos castelos, livres para criar nossos conceitos e idéias.

Na maioria dos casos sabemos o que buscamos na fé, e, embora diferentes nas esperanças e aspirações das feiticeiras e seguidores do passado, ainda admitimos o mesmo conceito da Deusa, dos Deuses Antigos e dos rituais. Como eles, buscamos a Deusa para nossa inspiração e compreensão espiritual. Até que ponto conseguimos, depende de cada um de nós. Podemos trabalhar em determinado nível, e nele permanecer com grande satisfação, ou podemos realizar os rituais buscando aquele algo mais que cruza a fronteira entre o trabalho simples e o trabalho inspirado — a consciência de que, por trás do que está sendo trabalhado em um plano, existe outro plano, além do qual existe ainda outro.

Talvez seja a indagação do que está por trás desse plano, que é a inspiração, que impulsiona as pessoas a buscar além de suas tarefas desse mundo e as estimula a explorar o drama sagrado, o ritual sem palavras, e a balbuciar o que sentem como magia ou ilusão. É nesses primeiros passos além dos ritos básicos que se levanta outra ponta do véu, e a ilusão se torna a própria realidade.

II – Coven

1- O Coven

Antes de descrever com detalhes os rituais dos Grandes Sabás, parece necessário explicar a estrutura do *coven* e como ele funciona. O número total de membros deve ser fixado em 13 pessoas. Quando possível, a congregação deve ser constituída de seis homens e seis mulheres. A décima terceira pessoa deve ser uma mulher, que se mantém afastada do resto do *coven* e é conhecida como a "Senhora".

Sob a sua direção encontram-se quatro oficiantes, conhecidos como o Norte, o Sul, o Leste e o Oeste. Norte e Sul são sempre femininos. No Norte deve estar a mais velha das duas, e a cor de seus paramentos é o preto. No Sul, estando a mais nova, as roupas devem ser claras e coloridas. Leste e Oeste são sempre masculinos; as roupas do Leste são claras, e as do Oeste tendem a ser mais escuras, e seu manto tem sempre um capuz.

A Senhora

A Senhora é escolhida por seleção e ocupa o cargo enquanto se sentir capaz para tal e assim o desejar: deve renovar seu juramento do ofício a cada sete anos. Suas obrigações começam com a consagração do círculo, a fim de, em seguida, conduzir as pessoas para dentro do mesmo, auxiliando-as a saltar sobre cabo de vassoura ou da própria vassoura que marca o ponto de entrada. (O significado e a colocação da vassoura serão explicados posteriormente.) Com o auxílio do Leste, ela consagra os bolos e o vinho e faz o encerramento do ritual. Seu lugar no círculo é ao norte; além de observadora, ela é a ponte ou o elo e o canal ao longo do qual flui o poder.

Outra tarefa da Senhora é receber os juramentos. O de iniciação no *coven* é realizado em sua presença. O do membro aceito, após um ano e um dia de serviço, é por ela supervisionado,

e os quatro oficiantes assumem seu compromisso sob a sua direção. Também preside debates, e, se surgir alguma discussão, é ela quem pronuncia a sentença de afastamento de qualquer membro. Preside todas as atividades do *coven*, e, dentro do círculo, sua palavra é lei.

Norte

A Senhora do Norte é a Anciã, o Lado Obscuro. Representa o lado escuro da Deusa, a Face Sem Cor que toma conta do caldeirão. No ritual da Véspera de Todos os Santos, seu reino é no segundo círculo. É ela, junto com o Oeste, que consagra as maçãs e a cidra. Seu aspecto é frio e escuro, e seus pensamentos são obscuros. Seu caráter é forte, silencioso e poderoso, e sua marca registrada, a sabedoria.

Sul

A Senhora do Sul representa o aspecto jovem da Deusa: a mulher madura, gentil e afetuosa, a mãe amorosa. É ela quem lembra o que acontece no ritual da Candelária e quem chama a Senhora para cortar as hastes do milho. Sua natureza é afetuosa e gentil, pois representa o aspecto mãe da Deusa. Suas características são a bondade e a benevolência.

Leste

É o mais jovem, trazendo consigo o aspecto da luz da manhã. No círculo, é o homem que serve a Senhora na consagração dos bolos e do vinho. É o guardião dos registros e quem traz os iniciados para o círculo. Seu aspecto deve ser claro e vivido, em harmonia e equilíbrio com a Senhora do Sul. É o portador dos

assuntos do grupo para as reuniões, registrando todas as decisões tomadas. Suas características são as da vida e as do fogo.

Oeste

É o equilíbrio masculino da Senhora do Norte. É o Senhor da Colina, e seu aspecto, o do antigo Deus celta Gwynn ap Nudd. Na Véspera de Todos os Santos serve a Senhora do Norte em seu círculo. É também o que traz a luz para o *coven*, quando ela cruza de um círculo para o outro. Suas vestes são escuras e seu aspecto, sombrio, pois é o guardião da colina e dos portões do submundo. Os Cães do Inferno estão sob seu controle, e, com o nome de Herne, ele os conduz na Caçada Selvagem na Candelária. É o portador da sabedoria oculta, e suas características são a sabedoria, a força e o silêncio.

O Iniciado

Daqui em diante, veremos que a realização do *coven* está nas mãos dos quatro oficiantes da Senhora. O resto do grupo em geral é formado por dois tipos de membros, a saber, os verdadeiramente iniciados e os novos membros, ainda no aprendizado de um ano e um dia. No caso dos iniciados, eles devem ser capacitados, desejar e ter experiência suficiente para substituir qualquer um dos oficiantes do seu sexo. No caso de doença de um deles, a Senhora poderá chamar qualquer um dos membros iniciados para realizar o ofício temporariamente. Se não for possível à Senhora officiar um ritual, será tarefa do Leste selecionar a substituta entre as oficiantes, se a Senhora não tiver delegado suas obrigações de antemão, naturalmente.

No caso de a Senhora ou qualquer um dos oficiantes estar incapacitado ou não desejar renovar o juramento de sete anos de ofício, serão escolhidos alguns nomes para serem votados por

todos os membros iniciados. No caso de ausência da Senhora, o juramento da aceitação será realizado pelo oficiante mais antigo.

A qualquer momento o iniciado poderá reivindicar o direito de estabelecer seu próprio grupo ou *coven* dentro da tradição. Quem o desejar fazer deverá ser encorajado e auxiliado por todos os membros do *coven* principal. A única condição para essa ajuda é que o membro em questão garanta diante de todo o *coven* que manterá firmemente os objetivos, as idéias e os trabalhos no que passa, então, a ser um clã. Deve também admitir a suserania da Senhora sobre o *coven* recém-formado.

Em troca, poderá reivindicar cópia de todos os rituais. Poderá também convidar outros membros para atuar temporariamente como oficiantes até que o grupo esteja forte o suficiente para selecionar os seus. Poderá pedir à Senhora do *coven* principal para arbitrar em alguma disputa, que não se deve estabelecer no novo *coven*. Deve também ser capaz de trazer qualquer um ou todos os membros do novo *coven* para as reuniões do *coven* principal, sabendo que, como membros de um clã, haverá um lugar destinado a eles no círculo, pois de uma semente plantada surgirão várias outras.

O Iniciante

Um ou mais membros devem responsabilizar-se pelo iniciante, do qual têm conhecimento pessoal. É dever do membro iniciado apadrinhá-lo para explicar o que está abraçando. O estágio seguinte é trazê-lo para um dos encontros menores de todo o *coven* e apresentá-lo. Isto proporciona ao iniciante e ao *coven* oportunidade de observarem-se em circunstâncias não muito formais.

Se o iniciante sentir-se hesitante nesse estágio, não deverá, de maneira alguma, ser influenciado por algum membro do *coven*. Filiar-se ou não é questão de vontade, e não deve acontecer por influência indevida de outros. Se decidir que

deseja continuar no *coven*, será dever do padrinho explicar-lhe esse compromisso com mais profundidade. O passo seguinte do iniciante é a aproximação informal do Oficial do Leste. O Leste, então, conferirá se ele realmente compreendeu o que dele está sendo esperado.

Primeiro, que ele fará um juramento no próximo encontro para servir num aprendizado de um ano e um dia.

Segundo, que nunca revelará a alguém os trabalhos realizados nos rituais, independente dos ideais e objetivos envolvidos nesses trabalhos.

Terceiro, como todos os membros recebem um nome na sua iniciação, o nome verdadeiro de qualquer membro jamais deverá ser revelado a um estranho.

Quarto, que se manterá fiel à fé, ao clã e ao *coven* em todas as coisas.

Quinto, que aceitará e sustentará todos os julgamentos pronunciados sobre ele pela Senhora na presença do *coven*.

É comum, após certo tempo, o iniciante sentir que não deseja mais prosseguir. Ou então, os membros do *coven* concluírem que seria melhor o iniciante não prosseguir. Sei de casos em que a permanência causou danos tanto mentais como físicos na pessoa. Em casos deste tipo é melhor partilhar a tristeza de perder um companheiro do que permitir a insistência.

Quando o iniciante sente que não deseja mais continuar, faz um voto de silêncio e é, então, formalmente liberado de seu juramento. Parte sob amizade e compreensão de que não terá outro contato com o *coven*.

O caso de alguém que deseja prosseguir, mas não se adapta à fé pelas razões expostas, é talvez o mais triste de todos. A pessoa deve ser gentilmente afastada do círculo. Porém deve-se explicar o porquê da atitude, com o mínimo de mágoa possível. Se o *coven* assim decidir, os membros observam a pessoa discretamente e, se ela vier a precisar de ajuda, auxiliam-na. Não é culpa sua se não

conseguiu ser bem-sucedida. O fato de ter tentado cria em nós obrigações para com ela, que sempre buscamos honrar.

No caso de um iniciante que, após ter feito o juramento solene, não o honra, faz entrar em ação o lado cruel e escuro da fé. Se honrarmos sempre o nosso juramento, estaremos apto a defendê-lo. Como penitência por pequenas infrações das regras do *coven*, o transgressor é excluído de tantos encontros quantos o *coven* julgar necessários. Isto deve ser declarado pela Senhora e registrado pelo Oficial do Leste nos anais do *coven*.

Se um iniciado prejudica deliberadamente um dos membros do *coven*, no caso ou de revelar intencionalmente o nome de um membro para um estranho, ou revelar os trabalhos internos de um ritual, a punição é o afastamento. A pessoa é trazida diante do *coven*, e a espada do julgamento, colocada dentro do círculo. A própria Senhora profere o ritual de afastamento. A pessoa é avisada da data em que o ritual será realizado, e, mesmo que não compareça, o ritual é executado.

Por último, o Oficial do Leste do *coven* em questão deve, ele mesmo ou por intermédio do Invocador, informar o fato a todos os *covens* que formam o clã. O evento deve constar dos registros do clã presidido pelo *coven* mais antigo.

Após servir no aprendizado de um ano e um dia, o iniciante submete-se ao juramento pleno em seu próprio nome. Nesse momento, o iniciante pode reafirmar o uso do seu nome do *coven* ou adotar outro, pelo qual gostaria de ser conhecido. O nome, a data e a hora serão anotados pelo Leste nos registros do *coven* e passados para os do clã do *coven* mais antigo.

O Homem de Preto

Manter o contato entre os *covens* é atribuição do Homem de Preto. Figura enigmática, é sempre um membro de um *coven* mais antigo. O símbolo do seu ofício é uma pena de corvo, que deve ser

usada discretamente nas visitas à Senhora do *coven* em questão. Sua função é observar, informar e registrar.

Algumas vezes as circunstâncias requerem os trabalhos de todos os *covens* que formam a tradição, com finalidade específica. É seu dever informar às Senhoras dos *covens* convocados a data, hora e objetivo do ritual que estará sendo realizado. É dever da Senhora informar sobre a convocação a todos os seus súditos.

Na qualidade de Homem de Preto, ele está autorizado a comparecer a qualquer reunião de um *coven* do clã. Se desejar, poderá participar dos rituais ou permanecer à parte, na posição norte, durante os mesmos. Após o banquete, os novos membros serão apresentados a ele pelo nome, mas o dele nunca será pronunciado. Todos os problemas e pedidos de ajuda lhe são encaminhados, e as respostas virão também por seu intermédio.

A última atribuição deste cargo é relatar para o *coven* principal os acontecimentos dignos de nota que aconteceram, para que o Leste possa manter precisa avaliação nos registros do *coven* em questão. Ao mesmo tempo, as perguntas e os pedidos serão tratados pelo *coven* principal, e as respostas, passadas para ele. Quando houver necessidade de algum contato a distância, a Senhora (ou, se o *coven* decidir, o Invocador) terá o seu endereço ou, talvez, o número do seu telefone para contatá-lo, a fim de considerar algum assunto importante o suficiente para justificar a chamada.

Na maioria dos casos esses assuntos pertencem a determinadas categorias: anunciar o nome de alguém que está sendo afastado, para que seja retirado dos registros e para que o restante do clã seja informado, ou no caso de necessidade de curar ou de auxílio a um membro que esteja com problemas. Finalmente, há o caso de se lançar uma maldição para proteção de um *coven* ou de um membro que esteja tendo problema com uma pessoa ou grupo de pessoas. Não se trata de situação determinada levemente, pois haverá um preço a ser pago, e, ao mesmo tempo, deveremos estar preparados para nos defender também.

Outra regra ou lei relativa ao Homem de Preto é que, enquanto está cuidando dos assuntos do clã, poderá solicitar alimento e abrigo ao *coven* durante a visita. Em geral, existe algum membro em posição de oferecer-lhe hospitalidade, e ele contribuirá de alguma forma para as despesas.

O Invocador

O Invocador, como já mencionado, é dos cargos que, embora não seja crítico para o bom desempenho do *coven*, deve ser levado em consideração. Por um lado, um oficiante a mais cria mais tarefas para serem realizadas pelos membros durante os *covens*, e talvez haja um novo Invocador a cada ano. Por outro, o Invocador auxilia o Leste, o responsável pelos registros do *coven*, a desviar as solicitações para outros membros. O Invocador também pode verificar se os registros mantidos são verdadeiros e, se o *coven* assim o determinar, assinar como testemunha.

Outra tarefa que, em geral, é atribuída ao Invocador é o transporte de ida e vinda dos encontros, bem como a confirmação com o Oficial do Leste de que todo o material necessário para o ritual esteja no local do trabalho.

Antes da última parte da jornada a pé para o local, o Invocador confere se tudo está pronto para a chegada do grupo. Sua outra tarefa é verificar se o que deve voltar não está esquecido, sendo o último a deixar a área do trabalho. É surpreendente o número de vezes que alguém tem que voltar por alguma coisa, como uma faca esquecida.

Como mencionado, o Invocador é também quem mantém contato com o Homem de Preto. Eles se encontram e vão, antes da convenção, ao local onde todos se reunirão, e também é ele quem apresenta os novos membros ao Homem de Preto.

Como mencionei anteriormente, esse não é um cargo de vital importância para o *coven*, pois essas tarefas estão em geral

associadas ao Leste. Entretanto, o ofício do Invocador é parte da tradição antiga, e, como tal, positiva dentro do grupo. Além disso, ter alguém designado para tratar do lado prático e resolver os problemas antes de um encontro facilita a vida de todos.

2 - Juramentos do Coven

O Juramento da Iniciação

Esse juramento é sempre proferido para o iniciante dentro do círculo, antes do começo de qualquer ritual. A única exceção é o ritual da Véspera de Todos os Santos, que por ser de natureza diferente, não admite iniciação dentro do círculo. Se houver necessidade de se iniciar alguém na época desse ritual, ele será realizado da mesma maneira, mas durante uma cerimônia especial.

Como parte do juramento, o iniciante segura uma pequena vela, a vela da alma, dentro do círculo. Já posicionado, o Leste fala em primeiro lugar:

Leste: "Quem se responsabiliza por esse candidato?"

Responsável: "Eu [profere seu nome no *coven*] me responsabilizo."

Leste: "Foi a ele/ela explicado na íntegra o que está para lhe acontecer?"

Responsável: "Sim. Eu mesmo o fiz."

O Leste, então, se dirige ao candidato:

Leste: "Você compreende plenamente esse juramento que está por fazer e tudo o que ele envolve?" *Candidato:*

"Sim, eu compreendo."

Leste: "Você escolheu de sua livre vontade prestar esse juramento?"

Candidato: "Eu o fiz, de livre e espontânea vontade." *Leste:*

"Então, ajoelhe-se diante de mim e acenda a sua vela da alma com o fogo."

O candidato assim o faz e segura a vela com ambas as mãos.

Leste: "Você jura servir um ano e um dia como iniciante?"

Candidato: "Sim, de minha livre vontade."

Leste: "Você jura manter todos os trabalhos do *coven* como sagrados e nunca os revelar a um estranho?"

Candidato: "Sim, de minha livre vontade."

Leste: "Você jura nunca revelar o nome de qualquer um dos membros do *coven* a qualquer estranho?"

Candidato: "Sim, de minha livre vontade."

Leste: "Você jura manter-se fiel a todas as leis e regras deste *coovenl*"

Candidato: "Sim, de minha livre vontade."

Leste: "Você jura renunciar a todas as outras fés e chamados, devotar-se aos ideais, objetivos e adoração da Mãe, manter-se fiel à fé e a estes companheiros escolhidos?"

Candidato: "Sim, de minha livre vontade."

Leste: "Então repita depois de mim: 'Eu [nome] juro solenemente obrigar-me a este juramento... invocar os Mais Antigos por testemunho e observância ao meu juramento... Prometo manter-me firme aos meus votos pela minha própria alma... Se romper com a minha palavra, que os Deuses Obscuros do Submundo me derrubem... e apaguem a luz da minha existência... como faço agora com essa vela, símbolo da minha vida passada.'"

A vela é, então, apagada. O Leste fala:

Leste: "Acenda para você uma nova luz com esse fogo. Esse é um símbolo da sua nova vida, escolhida livremente por você e à qual se une livremente. Que o espírito que o trouxe para nós permaneça com você e seja a luz da sua inspiração pelo resto dos seus dias. Agora, levante-se, pois a Senhora do círculo deseja cumprimentá-lo."

O candidato levanta-se, e, com a vela acesa, dirige-se para a Senhora, que está aguardando, em sua posição usual no círculo, ao norte. Ajoelhando-se mais uma vez, o candidato coloca a vela no chão ao seu lado e as suas mãos entre as mãos da Senhora.

Candidato: "Senhora, eu assumo compromisso com esse *coven*, contigo e com todos os outros membros deste grupo. Sob o

nome escolhido [o candidato fala o nome], juro servir a esse nosso círculo e a tudo que ele significa e representa. Juro pela minha honra."

Senhora: "Então, levanta-te, irmão/irmã [diz o nome do candidato], e une-te à nossa congregação. Pois agora tu és parte verdadeira de nós."

Iniciado: "Senhora, vim por amor. Pelo amor eu me uno. Pelo amor permaneço. Cumprirei minha promessa para obter o meu lugar no círculo."

A Senhora auxilia o iniciante a levantar-se, e, ainda segurando as suas mãos, beija-o em ambas as faces.

Senhora: "Vai e fica com os que te estão aguardando para que possamos seguir no Caminho e trabalhar à nossa maneira juntos."

Iniciado: "Eu obedeco às tuas ordens, Senhora."

O iniciante inclina-se e afasta-se para unir-se aos outros em torno do fogo. Esses abrem o caminho para ele e se dão as mãos, prontos para iniciar o ritual, que a Senhora abre com a Oração do Santo Graal.

O Juramento do Membro Iniciado

Este não é somente o juramento de reafirmação de um membro quanto aos objetivos, ideais e dogmas da fé como praticada pelo clã, mas também o reconhecimento por parte do membro que, prestando esse juramento, mostra o desejo de aceitar as responsabilidades que são parte do desenvolvimento de um *coven*, por exemplo, a disposição de desempenhar o papel de oficiante e, por último, de ampliar os interesses da fé dentro do clã, iniciando um grupo próprio, com a mesma estrutura de sistema.

Mais uma vez, esse juramento é realizado dentro do círculo antes de iniciar o ritual. Como a data da cerimônia é conhecida de antemão, é dever do Leste assegurar que a espada do *coven* esteja dentro do círculo e colocada cuidadosamente um pouco afastada. Em vez de a Senhora ocupar seu lugar comum no norte, ela fica ao lado do fogo sagrado, com a congregação formando um círculo à sua volta. Ela inicia a cerimônia:

Senhora: "Um de nós está pronto para fazer o juramento da fraternidade. Eu convoco cada um para dar testemunho desse juramento e para que seja realmente feito sob as leis do nosso grupo. Chamo agora o Senhor do Leste para trazer a Espada da Justiça, sobre a qual esse juramento será pronunciado."

O Leste traz a espada para a Senhora. Ela a desembainha e devolve a bainha ao Leste. Esse volta à sua posição no círculo.

Senhora: "Chamo o irmão/irmã [diz o nome no *coven*] para anunciar diante de todos nós reunidos que ele/ela faz esse juramento de livre e espontânea vontade."

Candidato: "Assim o afirmo, Senhora, e que livremente assumo todas as obrigações requeridas por esse juramento."

Senhora: "Chamo a minha irmã, a Senhora do Sul, para colocar o seu cordão em torno do pescoço do irmão/irmã [nome no *coven*] e depois conduzi-lo diante de mim."

Sul: "Eu obedeço às suas ordens, Senhora."

A Senhora do Sul, segurando o seu cordão na mão, aproxima-se do candidato. Formando um laço com o cordão, segurando as duas extremidades na mão, ela o passa por cima da cabeça do candidato.

Sul: "Que, por esse laço, que você seja conduzido ao destino que você próprio escolheu. Você escolheu atender ao chamado que o trouxe ao nosso círculo. Agora, eu o conduzo ao seu compromisso final."

Com o cordão ainda passado no pescoço do candidato, a Senhora do Sul o leva até a Senhora.

Sul: "Senhora, como ordenou, eu trouxe [nome] para o seu compromisso final."

Ela entrega as extremidades do cordão para a Senhora e volta para a sua posição. A Senhora, com a espada na mão direita e o cordão na esquerda, ergue a lâmina em direção ao candidato e ordena que se ajoelhe e segure a lâmina com ambas as mãos.

Senhora: "Repita depois de mim: 'Eu [nome] juro solenemente, por tudo que é sagrado, obedecer às leis e elevar o espírito deste nosso *coven*. Manter-me fiel à fé e aos seus vínculos. Entregar-me inteiramente ao serviço e ao auxílio de todos os que pertencem à congregação. Aceitar de boa vontade o cargo de oficiante e realizar as obrigações da melhor maneira que me for possível. Servir ao *coven*, e, por seu intermédio, à Senhora, com todo o meu coração e a minha alma. Aceitar a disciplina que a fé me destinar, para que os hábitos e os ritmos do nosso culto não sejam perturbados por qualquer animosidade trazida para dentro do círculo. Mais uma vez invoco a Senhora e os Deuses Antigos para testemunhar o meu juramento. Se conscientemente o romper, estarei pronto para ser julgado pela espada e, pela espada, aceitar o afastamento e todas as implicações decorrentes. Eu juro, em nome da Nossa Senhora da Noite/'"

Após o candidato haver terminado de repetir o juramento, a Senhora o faz levantar. Beija o candidato em ambas as faces como sinal de aprovação.

Senhora: "Bem-vindo à nossa congregação. Por meio deste juramento, tu te tornaste um de nós."

A Senhora, então, convoca o Sul com essas palavras:

Senhora: "Minha Senhora do Sul, conduz esse irmão/irmã

de volta ao seu lugar na congregação." *Sul*: "Eu obedeco às suas ordens, Senhora."

Antes de retornar com o novo membro, o Sul recebe seu cordão de volta das mãos da Senhora, colocando-o na cintura. Ela se vira para o novo membro e segura a dele com a sua mão direita. Ao mesmo tempo, beija-o em ambas as faces.

Sul: "Assim como eu te trouxe para a Senhora por um cordão, da mesma forma eu te trago para o seu lugar pela mão. Com a união das mãos simbolizamos a união de todos dentro do círculo."

Ela, então, leva o novo membro para o seu lugar.

Na parte final da cerimônia, a Senhora chama o Leste para levar a espada de volta. Ele assim o faz, embainhando-a e colocando-a em lugar seguro antes de voltar à sua posição.

A Senhora deixa o círculo dos membros e retorna à sua posição usual no norte. Ela se volta para o grupo e diz:

Senhora: "Que se inicie o ritual."

Ela sinaliza para iniciar o ritual, repetindo a Oração do Santo Graal.

O Juramento do Ofício

Por meio do juramento do ofício, a pessoa que se dispôs ser escolhida adquire novos deveres e obrigações em nome do *coven*. A força de qualquer *coven* está no caráter das pessoas que a realizam. Maus oficiantes, *coven* infeliz; bons oficiantes, *coven* feliz. Portanto, antes de considerar a ocupação de um cargo, devemos estar seguros interiormente de que as nossas razões são corretas e de que não estamos em busca de auto-engrandecimento ou de exercer poder com finalidades pessoais.

Um oficiante deve ser um líder no sentido verdadeiro da palavra. Portanto, antes de se candidatar, a pessoa deve perguntar-se algumas coisas para assumir as responsabilidades envolvidas:

Quais são as minhas razões para desejar o cargo? Estou pensando em mim mesmo ou em ampliar os interesses do clã por meio dos meus esforços?

Tenho a paciência, a compreensão e a tolerância necessárias para o posto?

Tenho a força e a calma interiores necessárias para ser claro e objetivo nas decisões que for chamado a tomar em nome do *coven* ou do clã?

Desejo responsabilizar-me por essas tarefas durante sete anos e tenho força de caráter para renunciar se sentir que estou falhando na realização das tarefas?

Mais uma vez, esse juramento é realizado dentro do círculo, mas, em vez de ser feito antes de um ritual, como acontece com os outros, ocorre quando se consegue reunir um número máximo de membros em data a ser decidida pela Senhora. Os membros não se reúnem dentro do círculo. Eles se espalham em torno. As únicas pessoas dentro do círculo são a Senhora e os oficiantes presentes.

Como se trata de cerimônia e não de ritual, o círculo é feito da maneira comum, omitindo-se, entretanto, a consagração e a invocação dos deuses para guardarem a área sagrada. Se um dos oficiantes for o Leste, trará para dentro do círculo a espada do *coven*. Se o oficiante que for prestar o juramento for o Leste, ela será trazida pelo Oeste ou pela Senhora.

Como não há propósito mágico nesse ritual, o cabo ou a vassoura que forma a ponte é colocada em posição para que o novo oficiante possa cruzá-lo para entrar no círculo. A Senhora assume seu lugar próximo ao fogo, com os outros oficiantes reunidos atrás dela. Mais uma vez, ela abre os procedimentos com a Oração do Santo Graal:

Abençoada Mãe, fonte da minha vida
Vem a mim nesse momento com o teu ventre
condescendente.

Permite-me viver em amor a tudo o que és, Para que o meu espírito buscador sirva ao Santo Graal.

Há uma pausa de alguns momentos para que a congregação sinta interiormente a solenidade da ocasião. A Senhora, então, prossegue:

Senhora: "Chamo o irmão/irmã [nome] para entrar no círculo e ficar diante de mim."

O novo oficiante obedece, passando por cada canto, iniciando com o Leste e invocando o nome do espírito daquele quadrante pelo nome, usando uma invocação sua. Após terminar, ele se coloca diante da Senhora e a encara.

Senhora: "Tu propuseste o teu nome para ser oficiante em nosso *coven*. Com o consentimento da congregação, estou autorizada a chamar-te para esse ofício."

Candidato: "Assim é, Senhora, e aqui estou para receber esse cargo das tuas mãos."

Senhora: "Pela última vez e na presença de todos, eu pergunto mais uma vez: Desejas ocupar esse cargo e cumpri-lo segundo os princípios da tua fé?"

Candidato: "Assim o desejo, Senhora."

Senhora: "Ajoelha-te diante de mim, segurando a lâmina da Espada da Justiça com ambas as mãos, e repita o juramento depois de mim."

O candidato se ajoelha e curva a cabeça em homenagem à Senhora.

Senhora: "Eu [nome] juro em nome da Mãe, Nossa Senhora da Noite e pela fé que abrigo em meu coração... que, de livre vontade e pelo chamado interior, aceito as obrigações decorrentes da ocupação do cargo de [título]... Que cumprirei as funções desse ofício humilde e apropriadamente, com devido respeito à Nossa Senhora e seu Consorte e Filho Cornudos... Que

trabalharei dentro das tradições do nosso clã para ampliar os objetivos da nossa fraternidade e que serei um guia leal para todos os que escolherem entrar em nossa aliança sagrada... Também prometo que, se falhar contra a minha vontade ou não desejar, ou não me sentir capaz de desempenhar os deveres desse ofício... alegremente renunciarei e deixarei que outro ocupe o meu lugar... Pois a honra do ofício não é para mim, mas para honrar a Nossa Senhora, Rainha dos Céus... Por tudo que considero sagrado e pela minha própria alma, Juro permanecer fiel a esse meu juramento, pois não busco o poder, mas recebê-lo de onde ele é dado... Eu invoco a Senhora dos lugares elevados e solitários para testemunhar o meu juramento e peço a sua ajuda para permanecer fiel."

Passando a espada para um dos oficiais que está por trás dela, a Senhora diz ao novo oficiante que se levante. Ela se aproxima o suficiente do novo ou nova oficiante para tocá-lo e, então, diz:

Senhora: "Do meu peito para o teu peito." (Com a mão direita ela toca seu peito e depois o peito do novo oficiante). "Da minha coxa para a tua coxa." (Com a mesma mão ela toca na sua coxa e depois a coxa do novo oficiante, antes de prosseguir.) "Eu transfiro um punhado do poder dado a mim por direito de ofício para ti, novo/nova Senhor/Senhora de [título]."

Novo oficiante: "Eu te agradeço, Senhora, com todo o meu coração, e oro para que seja digno deste cargo."

Senhora: "Ainda existe uma coisa a ser feita. Mais uma vez, peço-te que te ajoelhes."

O novo oficiante assim o faz. O outro oficiante derrama vinho na taça e a entrega à Senhora. Ela a oferece ao oficiante que está ajoelhado, com as seguintes palavras:

Senhora: "Vem, junta-te a mim nesta festa simbólica que é especial somente para ti e para mim."

O novo oficiante bebe metade do vinho e devolve a taça à Senhora, para que ela a termine. Ela assim o faz e passa-a para o oficiante que a trouxera. Este, por sua vez, dá à Senhora um pedaço de pão, que ela parte ao meio. Dando um deles ao oficiante a seus pés, ela diz:

Senhora: "Coma o pão que parti diante de ti, pois esta é a nossa festa particular, símbolo da união mística que me une a ti."

Ambos comem o pão, e, quando terminam, a Senhora estica os braços para ajudar o novo oficiante a se levantar. Então o beija em ambas as faces, dando-lhe as boas-vindas.

A parte final da cerimônia é quando a Senhora, levando o novo oficiante pela mão e com os outros oficiantes atrás, dirige-se primeiro ao Norte, e, seguindo pelo perímetro do círculo, passa pelo Leste, executando o ritual de apresentação do novo oficiante à congregação.

Após isto, ela ajuda todos a cruzarem a ponte e fecha o círculo, retirando a haste ou a vassoura. O procedimento comum é a realização de uma festa para celebrar a posse do(a) novo/nova Senhor/Senhora de um quadrante: Leste, Sul, Oeste e Norte. Como é comum nessas festas, todos trazem comida ou bebida para ser partilhada.

O Juramento à Grande Senhora

De alguma maneira é designação incorreta, pois, na verdade, a Senhora se abre para a Mãe ao mesmo tempo que faz o juramento de ofício. Por um lado, se está comprometendo a liderar o *coven*. Por outro, está invocando a Deusa para ligar-se a ela em união mística de alma e espírito. Se não houver essa união (conhecida nas outras tradições como "contato com o eu interior"), os trabalhos do *coven* serão superficiais e vazios, pois ela é a ponte, o elo entre a Deusa e a congregação. Para ela, por meio dela

e partindo dela, flui o poder para o grupo. Por isso a Senhora tem que ser uma pessoa de vontade forte para sustentá-lo.

Diz-se que as Senhoras (ou Grandes sacerdotisas, como são chamadas em algumas tradições) não nascem, chegam, e, de alguma maneira, eu concordo. Ninguém escolhe esse cargo somente porque se sente atraída. Elas são chamadas pela própria Mãe.

Então, como descobrir uma candidata apropriada dentro do grupo ou do *cove.nl* Em primeiro lugar, os membros femininos do *coven* recebem os votos dos ofician-tes. Após um ou mais nomes serem escolhidos, os oficiantes fixam data para um encontro dentro do círculo demarcado para esse propósito. Parcialmente por discussão e parcialmente por inspiração, o nome da Senhora torna-se conhecido. É dever do Leste aproximar-se da escolhida para obter o seu consentimento quanto à seleção. Se conseguir, os oficiantes estabelecem data para uma reunião geral de todos os membros, a fim de que sejam informados e apresentados à nova Senhora.

Nesse encontro, há um momento destinado ao juramento do ofício; ele é marcado com tempo hábil para que a Senhora se prepare. Em geral passam-se quatorze dias após a apresentação. Esse tempo também dará oportunidade a um grupo ou *coven* recentemente formado de conseguir uma pequena jóia em prata para ser usado como emblema ou símbolo do ofício. Considero um par de braceletes de prata o ideal, pois poderão ser passados para as outras Senhoras do *coven* sempre que houver necessidade. Como mencionado anteriormente, a Senhora deverá renovar seu juramento com o mesmo ritual ao final de cada sete anos ou, então, renunciar. Neste caso, a nova Senhora recebe os braceletes como emblema do ofício na cerimônia do juramento ou a antiga Senhora é com eles reinvestida quando confirma o juramento.

O círculo é traçado, em geral pelo Leste, que, ao em vez de deixar o círculo e receber o grupo das mãos da Senhora para arrumá-lo, ele mesmo recebe o grupo, arruma-o e volta para o

círculo. (Ele tem que agir desta forma, pois, nesse momento, tecnicamente, o *coven* não tem uma Senhora.)

Então, dirigindo-se a cada quadrante, começando pelo leste e depois descendo, ele invoca o aspecto de quadrante com as palavras:

Leste: "Invoco o espírito [nome do quadrante] para estar conosco e dar testemunho deste nosso ato de adoração."

Dirige-se para o fogo e realiza o ritual da consagração do círculo (ver p. 155-159). Seu movimento seguinte é retornar à ponte e auxiliar os outros três oficiais a entrarem no círculo, e, em seguida, o restante do grupo. Quando todos já se encontram no seu interior, o Norte fecha-o retirando a vassoura, deixando-a próxima do bordo do círculo. Ela, então, se reúne aos outros que estão dispostos em forma de arado em torno do fogo sagrado, com a parte aberta voltada para o Norte. A Senhora que prestará o juramento dirige-se para sua posição no Norte e próximo do bordo do círculo, esperando a convocação do Leste para que ela se una à congregação.

Como no caso do juramento do membro, a Senhora jura pela espada do *coven*. Entretanto, no seu caso, a lâmina não lhe é oferecida. Ela segura a arma pelo punho, com a lâmina apontando para o alto, enquanto assume o compromisso. Mais uma vez, é o Leste que tem a custódia da espada, enquanto os braceletes estão sob os cuidados das Senhoras do Norte e do Sul. O taça e o vinho estão sob a responsabilidade do Oeste. Quando tudo está pronto, o Leste fala:

Leste: "Irmãos e irmãs, esta noite, surgindo de dentro das nossas fileiras, teremos uma Senhora. Uma de nossa própria escolha, que se comprometerá diante de nós a servir a Deusa e a liderar esse *coven* para adorá-la... Chamo agora essa Senhora para que se una a nós."

Ela vem, caminhando por entre a congregação, até ficar próxima e defronte do Oficial do Leste.

Leste: "Senhora, aceita de mim, em nome da Deusa, essa espada, para que possas jurar sobre ela." *Senhora:* "Este é o meu desejo."

Ela toma a espada desembainhada das mãos do Leste e a segura pelo punho. Primeiro tocando o ponto no chão e depois, sustentando-a com a lâmina para o alto, ela pronuncia os votos:

Senhora: "Assim como essa espada primeiro toca a terra e depois é voltada para os céus... eu prometo agir como verdadeira ponte entre a Nossa Senhora e a sua congregação... Agir com integridade e sem favoritismo... Trazer a harmonia para a nossa fraternidade, a fim de que possamos ser verdadeiramente uma reunião de mentes afins... Ser útil para aqueles que buscam encontrar o caminho da iluminação... Ouvir o coração e a mente em relação ao que é dito dos outros... Olhar por trás do véu que esconde os mistérios e ajudar os outros para que façam o mesmo... Servir a essa congregação por meio do cargo de Senhora... E, acima de tudo, ser leal à Deusa e a tudo o que ela representa... e conduzir o nosso *coven* em sua adoração... Por essa espada e pela minha alma... eu prometo."

A Senhora beija a espada e a entrega de volta ao Leste. O Leste chama as Senhoras do Norte e do Sul para que apresentem os símbolos do cargo. Essas se aproximam em silêncio da Senhora, que estende os braços para receber os braceletes que lhe são colocados nos pulsos. Quando isto é feito, elas se inclinam e voltam aos seus lugares. O Leste então fala:

Leste: "Tuas duas irmãs te trouxeram os símbolos do teu cargo. Lembra-te de que eles são usados para todos nós, e que em nosso nome agirás como Senhora deste *coven*."

Senhora: "Meu Senhor do Leste, prometo lembrar bem disto, e, se esquecer, peço que todos vós me lembrem da minha promessa. E, ao término dos meus sete anos, estarei pronta para ser julgada pelos meus méritos por todos vós antes de reconfirmar esse meu juramento."

É a vez de o Senhor do Oeste ficar defronte da Senhora e lhe oferecer a taça com vinho, e proferir as palavras:

Oeste: "Senhora, eu te ofereço essa taça, como símbolo do Caldeirão da Inspiração. O vinho simboliza a sabedoria e o conhecimento contidos no caldeirão. Ao beber profundamente do vinho, beberás profundamente do caldeirão, e uma parte da sabedoria será passada para todos nós, pela graça da Nossa Senhora e de tudo o que ela representa."

Senhora: "Eu lhe agradeço, meu Senhor do Oeste, e oro para que esse símbolo se torne realidade e que as camadas de escuridão saiam de nossos olhos para que possamos ver com clareza o caminho que escolhemos trilhar."

A Senhora segura a taça com o braço esticado acima de sua cabeça e invoca a Mãe com a Oração do Santo Graal:

Abençoada Mãe, fonte da minha vida
Vem a mim neste momento com o seu ventre
condescendente.

Permite-me viver em amor a tudo o que és, Para que o
meu espírito buscador sirva ao Santo Graal.

Ela bebe da taça e a vira de cabeça para baixo, mostrando que está vazia. A Senhora a devolve ao Oeste com as palavras:

Senhora: "Bebi profundamente do vinho e agora oro para que o que fiz simbolicamente possa tornar-se realidade e que eu possa ter garantido para mim bastante sabedoria. Eu a peço, em nome da Mãe."

O Leste se dirige, então, à congregação.

Leste: "A nossa Senhora prometeu servir a nós. No que nos toca, nós prometemos lhe servir. Como foi por todos aceito, e em nome de todos, eu os conduzirei a isto."

A congregação se ajoelha. O Leste se aproxima da Senhora e se ajoelha também. Ela segura as mãos dele entre as suas.

Leste: "Em nome da Senhora Nossa Mãe e no interesse de todos... prometo servir-vos fielmente em pensamentos, palavras e atos... Manter a dignidade do nosso cargo... e obedecer a todas as instruções legítimas, segundo os princípios da nossa fé... Buscar servindo a vós, a Mãe, Nossa Senhora, e a tudo o que ela representa... Na verdade, honestidade e sinceridade, no interesse de todos nós, eu prometo."

Coven: "Em nome da Nossa Senhora, assim será feito."

Senhora: "Aceito a vossa lealdade como é devida à Mãe. Em Seu nome, eu a recebo."

Todos se levantam e se inclinam diante da Senhora. Ela devolve o cumprimento, cruzando os braços na altura do peito e se inclinando também. Então, volta para a sua posição no Norte e, colocando a vassoura por cima do bordo do círculo, abre outra vez o portão para o mundo exterior. O Leste conduz todos para fora do círculo.

A Senhora, em vez de deixá-lo, fecha-o por trás deles e retorna para o fogo sagrado. A congregação distancia-se, deixando-a dentro do círculo.

O que acontece em seguida é assunto entre a Senhora e a Deusa. É o momento em que se realiza o pacto ou o elo especial entre elas, e não envolve nenhum outro membro do *coven*. A única coisa que a congregação tem a fazer é esperar que ela deixe o que é agora o seu círculo, quando se sentir pronta para isto.

Pode haver uma festa de celebração em seguida, e em geral cada membro leva comida ou bebida para ser partilhada por todos.

III – Instrumentos e Símbolos

l - Os Instrumentos de Trabalho

Na maioria das religiões existem determinados recipientes e objetos que adquirem significado sagrado e ritualístico. A Arte também possui os seus. Na verdade, como fé que durante longo tempo teve que sobreviver oculta, ela é particularmente rica em artefatos sagrados.

Como era perigoso possuir esse tipo de instrumento, a maioria deles era de natureza doméstica e comum. Independente disto, tinham e ainda têm natureza religiosa, rica no significado e no uso simbólico. Por isso vamos falar agora dos instrumentos comuns e sobre o seu uso e significado dentro da fé.

Os instrumentos podem ser claramente divididos em duas categorias, isto é, os pessoais e os que pertencem ao *coven*. Entre os pessoais, os básicos são: primeiro, a faca; segundo, o cordão; terceiro, a estaca. O *coven* possui seis, a saber: a taça, a faca, a estaca do altar, a vassoura, a espada e o caldeirão. Este último é opcional, principalmente pela dificuldade de se obter algum conveniente e em boas condições de uso. Porém, é muito importante ter um caldeirão, e, se houver lugar em que possa ser colocado permanentemente, fará parte dos símbolos do altar.

Iniciando com os objetos pessoais e depois passando para os do *coven*, faremos um pequeno resumo sobre cada um, seu significado e uso particular em relação à Arte. Como serão descritos resumidamente, os interessados poderão — e devem — pesquisar sobre eles. Uma investigação dessa natureza é proveitosa tanto para quem a faz quanto para o *coven* e também para a fé.

A Faca

No nível pessoal, é símbolo de poder. Como instrumento, possui a capacidade de direcionar a vontade sob a forma de energia mágica. Nos trabalhos internos, é usada como ponto focal para concentração, durante a Dança do Moinho, e como indicador da direção dessa energia, quando levantada. Utilizada nesse contexto, serve ao mesmo propósito do bastão ou da espada do mago.

O outro aspecto que ela assume é de natureza sexual, e, como símbolo fálico, é usada na consagração do vinho. Em reuniões gerais do *coven*, o ritual é realizado com a faca do *coven*, mas, durante trabalhos realizados por dois membros e nos rituais mensais, quando são realizados por um pequeno grupo do *coven* ou por somente dois participantes, utiliza-se a faca do par que está oficializando a cerimônia.

Pelo aspecto de fertilidade inerente à Antiga Fé, é incompatível com a natureza e a criação de vida que uma pessoa possa consagrar o vinho dentro de uma taça. Excetuando o nascimento por intermédio de uma virgem, a vida pode ser criada somente pela penetração da mulher pelo homem, fertilizando seu óvulo. Assim também acontece com o vinho dentro da taça. Somente por meio do simbolismo do ato sexual poderá o vinho ser transformado de simples vinho em fluido misticamente enaltecido, contendo pequena porção da sabedoria do caldeirão sagrado, representado pela taça. Ao baixar a faca para dentro da taça com vinho, levada por uma mulher, temos o simbolismo da união entre o masculino e o feminino no ato da criação, energizando a taça com a vida e com a sabedoria das eras contidas no interior daquela vida.

Num nível mais prático, a faca é usada para marcar ou traçar o círculo de trabalho tanto para o *coven* quanto no nível individual. Dessa forma, quando o trabalho é exterior, torna-se equivalente ao arado. Nas histórias antigas, a fundação de uma nova cidade era marcada, arando-se as linhas de fronteira para delinear seus limites. Era sempre feito em atitude profundamente reverente e

religiosa, invocando os deuses para que reconhecessem as fronteiras e para auxiliar, favorecer e proteger tudo o que fosse construído dentro daqueles limites.

Hoje fazemos os mesmos pedidos ao marcar ou traçar o perímetro do círculo. Feita a marcação, os deuses e deusas são invocados para que o círculo seja "comparado a uma parede de pedra em torno do seu bordo e para proteger tudo o que estiver no seu interior". Quando utilizada para esse propósito, a faca torna-se *de facto* o arado de pontas de ferro sagrado, que tanto cria um limite sagrado quanto o destrói, como no caso da antiga cidade de Cartago — os romanos ritualisticamente araram o seu solo e a amaldiçoaram formalmente, cobrindo-o com sal.

Em outro nível, a faca é usada da maneira comum, isto é, para cortar coisas. Quando uma pessoa descobre o galho de árvore que servirá para a sua estaca, reza a tradição que esse deverá ser cortado com uma faca ritualística. Quando cortamos as folhagens a fim de montar uma guirlanda para ser usada sobre a estaca, mais uma vez a faca ritualística é utilizada. Ela também é usada para cortar os alimentos durante o banquete após qualquer ritual. Resumindo, é um objeto comum que, no passado, não levantava dúvidas sobre quem a usasse. Na verdade, esperava-se que todos tivessem uma.

Tradicionalmente, a faca é consagrada por quem a possui e é de uso estritamente pessoal. Também segundo a tradição, todo membro do sexo masculino pertencente ao *coven* deve forjá-la, enquanto as mulheres recebem as suas, forjadas pelo companheiro de trabalho ou por um membro do *coven* que saiba fazê-lo. Infelizmente hoje em dia são poucas as pessoas que têm conhecimento necessário para forjar e temperar uma lâmina e, em geral moram muito longe. Além disso, uma faca com a lâmina forjada artesanalmente custa caro. Sei disto porque uma das minhas facas é forjada à mão. Foi-me dada de empréstimo para ser usada nessa vida. Se tivesse que comprar uma, ela me custaria uma boa soma de dinheiro, mesmo que a lâmina tivesse apenas 10 cm. Minha primeira faca ritualística foi uma faca de caça. Ela foi limpa ritualisticamente e consagrada pelo

mestre do nosso *coven*. Tive sorte por ele ter feito isto por mim. A maioria das pessoas adquire uma que lhes seja simpática, e elas mesmas a consagram.

Qual o objetivo e o aspecto teológico por trás da consagração de uma faca?

(1) Limpar a lâmina de sua história anterior. Retirar todas as influências seculares que existiram na sua execução. Apresentá-la, na sua consagração, limpa e sem influências, pronta para ser recarregada com o poder mágico. A limpeza é realizada ritualisticamente sob a invocação dos quatro elementos: terra, ar, fogo e água.

(2) Carregar magicamente a faca com uma parte do poder que existe dentro do círculo. Instilar na faca um pouco da nossa identidade de personalidade, de modo que ela se tome parte de nós, e, por nosso intermédio, que parte da nossa vontade se manifeste por meio da faca. Como objeto mágico, ela se constitui extensão do nosso braço, cuja ponta é um foco de energia gerada para fim determinado. Resumindo, a faca torna-se expressão física de parte da nossa alma, pois dentro da aura dessa faca está uma parte da nossa alma. Um juramento feito com a faca significa o mesmo que jurar pela própria alma. Para um verdadeiro membro do *coven*, ele e a faca são uma coisa só.

As civilizações antigas davam grande valor à natureza sagrada da lâmina. Por isso, o reconhecimento da personalidade de determinadas lâminas e dos seus nomes emprestava-lhes certo tipo de vida própria (por exemplo, a espada do Rei Artur, Excalibur). Se alguém sentir necessidade de personalizar sua faca com um nome, nada melhor do que o nome do primeiro ato mágico realizado após sua consagração.

Os rituais de limpeza e consagração da faca e dos outros instrumentos serão descritos posteriormente.

Um ponto que deve ser lembrado é que a faca é instrumento sagrado e, como tal, deve ser tratado com reverência e respeito. A faca possui um lugar dentro da fé e também aos pés do

altar, devendo ser respeitada. Quando morre um bruxo, sua faca é queimada com ele ou, então, destruída. Uma vez dedicada ao serviço da Deusa, nunca deverá ser usada em uma tarefa não-sagrada. Sua utilização para cortar alimentos durante os banquetes faz parte do ritual; portanto, essa função é também ritualística.

Um lembrete: a faca desembainhada nunca deverá ser usada como foco de concentração durante uma reunião do *coven*. Por exemplo, se numa determinada noite alguém estiver se concentrando na lâmina da sua faca durante o ritual do Moinho, o companheiro na sua frente poderá parar inesperadamente, e você terá um sacrifício involuntário nas mãos! Lâminas expostas devem ser mantidas fora do círculo e guardadas para as ocasiões em que houver somente duas pessoas trabalhando juntas.

O Cordão

O cordão, como parte dos símbolos pessoais, é frequentemente usado para determinar grau ou posição dentro do *coven*. Naturalmente isto é assunto particular dos *covens* dentro do sistema do clã. Pessoalmente, prefiro me ater a duas cores para serem usadas pelos membros. No caso dos iniciantes, a cor seria o vermelho. Após o juramento do irmão iniciado, ela seria trocada pela cor preta. Se algum grupo ou *coven* desejar incluir a troca dos cordões como parte da cerimônia do juramento, não há razão que impeça, porém, não deveremos esquecer que qualquer cor usada para determinar graus dentro de um *coven* ou grupo terá validade somente dentro daquele grupo e não será símbolo de autoridade em qualquer outro *coven* ou grupo dentro do clã.

No caso da Senhora e dos outros oficiantes do *coven*, mais uma vez cabe ao grupo decidir o que lhe parece melhor. Novamente falando em termos pessoais, penso que as cores mais apropriadas para os oficiantes são: prata para a Senhora, amarelo ou laranja para o Leste, dourado ou amarelo-ouro para o Sul, preto ou marrom escuro para o Oeste, e branco ou preto, ou uma

combinação destas duas cores para o Norte. Quero enfatizar que essa escolha deve ser feita entre os *covens*, porque o que é significativo para um pode não o ser para outro dentro do mesmo clã.

Um ponto que sempre traz alguma controvérsia é o número de nós que deve ser dado no cordão. Alguns dizem que o número correto é treze, enquanto outros preferem nove. No caso do treze, é o mesmo número de membros de um *coven* completo, como também o número de meses do ano lunar ou sinódico. O número nove, ou três vezes o três, sempre teve significado mágico. Novamente a minha opinião é que cabe à pessoa dar os nós na sua corda de acordo com os pensamentos e influências que ela julga lhe serem pertinentes.

No meu caso sempre usei nove nós, e cada um foi dado ligado a um fato memorável do passado. Usando o cordão como rosário, os nós me fazem lembrar de algum ato específico ligado a alguma coisa realizada dentro do círculo. Em relação a dois deles, compreendi posteriormente que tinham sido um erro, e eles agora me lembram de pensar antes de agir, um bom lema para qualquer ocultista praticante ter sempre em mente.

Uma das perguntas que me foram feitas quando me liguei à fé foi: Onde um bruxo usa o laço? A resposta era: em torno do pescoço. Por que em torno do pescoço? No juramento do membro iniciado, a oficiante do Sul coloca o seu cordão em torno do pescoço do candidato para conduzi-lo à Senhora. Nesse caso o cordão transforma-se em cabresto. Isto me fez pensar, e posteriormente desenvolvi uma teoria a ser considerada. Esse uso do cordão nada mais é do que um garrote ritualístico.

Em primeiro lugar, devemos considerar e tentar compreender a mentalidade antiga em relação ao que fazia uma pessoa tornar-se voluntária para o sacrifício. Hoje em dia, achamos difícil compreender como alguém podia escolher morrer dessa forma. Acredito que atribuir à fé o ato de aceitar o destino de mensageiro dos deuses ainda é mais difícil de ser compreendido, embora no passado várias culturas tenham considerado essa crença mais norma do que execução.

Sei que, em alguns casos, considera-se que usavam prisioneiros ou escravos, mas muitas vezes, as vítimas desejavam acompanhar o grande líder ou o rei à sepultura. Como exemplo, é só buscarmos os registros das escavações no cemitério de Ur, na Caldéia. Os corpos encontrados nos túmulos não eram de escravos forçados a morrer, mas de voluntários. E um fato a considerar é que não havia bens enterrados junto com os corpos. Isto nos leva a pensar que as próprias pessoas consideravam-se bens pertencentes ao rei, uma comitiva que o serviria na vida além-túmulo.

Com a exploração comercial das turfeiras, foram descobertos mais e mais túmulos. A ação da água lodosa preservou os corpos em estado quase perfeito. Outros corpos descobertos em locais distantes, como Dinamarca, Irlanda e Inglaterra, mostraram sinais de ter sido ritualisticamente mortos, e por estrangulamento, com o cordão utilizado ainda na posição. Se foram sacrifícios voluntários, nunca saberemos, mas o ponto comum é que todos foram ritualisticamente estrangulados.

Temos um caso de testemunho ocular do uso do garrote num sacrifício humano se dermos um passo para trás no tempo, para a época das vítimas das turfeiras, mais ou menos no ano de 922. Possuímos a descrição de um viajante árabe, Ibn Fadlan, cuja curiosidade levou-o a presenciar os ritos funerários do chefe de uma tribo sueca da região do Volga. Sem nos aprofundarmos na história, os dois fatos principais são: primeiro, a relação dos nomes de todas as servas ou escravas, entre as quais uma que desejava morrer por seu dono. Segundo, após uma série de rituais complicados, a voluntária era levada até a Velha Bruxa—também conhecida como Anjo da Morte — e às suas duas filhas.

Na parte final do ritual, a sacerdotisa que desempenhava o papel de Anjo da Morte conduzia a menina para uma tenda erigida sobre o corpo do chefe. Sua entrada funcionava como sinal para que todos os homens comessem a bater em seus escudos com pequenas varetas. Seis amigos mais chegados do morto entravam na tenda e tinham uma relação sexual com a voluntária.

Após isto, ela era colocada ao lado do corpo, com dois homens segurando suas pernas, e dois segurando os braços. A Velha Bruxa ou Anjo da Morte passava um cordão em torno do pescoço da moça e entregava as extremidades aos homens que seguravam os seus braços. Enquanto eles mantinham a moça presa, ela a apunhalava entre as costelas com uma faca de lâmina larga. Novamente, o cordão é um instrumento da morte num sacrifício voluntário. Há também o fato de o Anjo da Morte possuir o cordão. No *coven*, ela é a Senhora do Norte, a Face Pálida, que preside o caldeirão.

Com o cordão, temos o lado escuro e cruel da Antiga Fé: os sacerdotes da tribo sacrificando pelo bem da tribo. O estrangulamento da vítima era somente uma parte da cerimônia. Mas, como acontece com todas as coisas, o tempo modificou o conceito. Embora o sacrifício do Rei Divino não seja mais praticado, o instrumento tornou-se parte dos símbolos da fé.

Mantendo-se em mente a idéia do mensageiro sacrificado da Deusa, a simbologia que está por trás do encaminhamento do membro iniciado pela Senhora do Sul no momento do juramento, utilizando o cordão como cabresto, expressa a concordância com o destino a ele apresentado. A condução forçada é uma pseudo-morte aos pés da Deusa, representada pela Senhora. O retorno conduzido pela mão é uma estilização do renascimento e de tudo o que envolve o juramento feito. O renascimento acontece dentro do clã escolhido. Este é o motivo da escolha, feita por alguns membros, de novo nome após o juramento. Atravessando uma pseudo-morte, eles retornam como uma pessoa diferente, um renascimento simbólico dentro do *coven*.

Se o *coven* decidir que usará cordões de cores diferentes para distinguir os iniciados dos membros aceitos, esse é o momento da troca dos cordões. Esta troca poderá ser um ato simples ou complicado, segundo o desejo do *coven*. Na verdade, uma idéia a ser considerada é que os cordões dos iniciados devem ser mantidos para eles pelo *coven*. Quando o iniciado submete-se ao juramento

de membro aceito, dá-se, para comemorar o evento, um nó na corda, que é então destinada a novo iniciado. Quando se completarem os treze nós, o cordão será guardado como parte dos símbolos do *coven*. A passagem do cordão de um iniciado para outro significa que uma pequena parte da história do *coven* está sendo construída nele. Como existe um poder mágico inerente no cordão, este, por sua vez, passa um pouco para todos os que o utilizarem.

Tudo que auxilia a continuidade dentro da estrutura do clã e do *coven* somente reforça os laços entre os membros. E, assim, todos se tornam um só no culto à Deusa.

A Estaca

Talvez seja mais correto dizer "as estacas", pois existe mais de um tipo desse instrumento. Há a estaca individual, a do *coven* e a estaca de abrunheiro², utilizada para amaldiçoar os inimigos do clã, do *coven* ou do grupo. A estaca do *coven* e a de abrunheiro em seus diferentes aspectos, atributos e usos serão tratadas no capítulo referente aos símbolos do *coven*, embora vários atributos sejam comuns a ambas.

Como acontece com muitos instrumentos da Arte, as origens da estaca perdem-se nas brumas do tempo e da história. As poucas alusões que temos do seu uso nos primeiros tempos nada mais são do que especulações e conjecturas, como as que encontramos no livro de Alfred Watkins, *The Olã Straight Track*. Diz-se que o seu "Men-of-the-Leys" ou "Dodmen", com suas varinhas de avaliação em forquilha, possuem um ancestral comum com as feiticeiras. É teoria impossível de ser ou não comprovada, embora haja possibilidade, à luz da tradição, de ligação das feiticeiras com as estradas antigas, em particular com as

² Arbusto europeu, da família das rosáceas. Conhecido também como ameixeira-brava. (N. do E.)

encruzilhadas, um dos lugares tradicionais de encontros. Na verdade, a lenda reza que muitas feiticeiras foram queimadas em encruzilhadas.

Um dos poucos fatos de que temos certeza é que a vara em forquilha é peculiar à Arte. Como exemplo, lembro-me de uma visita que fizemos a Stonehenge. Tínhamos visitado Salisbury Plain e decidimos ir até Stonehenge. Na ocasião eu era o único do grupo que tinha levado a minha estaca, e a estava usando como cajado para apoio. No caixa da saída, ouvimos um dos atendentes dizer baixinho para outro: "Ele é um bruxo. Aquilo que está segurando é uma estaca dos bruxos". Um caso claro de reconhecimento por identificação — a estaca em forquilha foi a marca registrada.

Qual a função, no nível pessoal, exercida pela estaca? Ela é um emblema da fé, do pertencimento à fé e de sua aceitação, bem como de tudo o que está a ela ligado.

Serve como um "altar" pessoal e como um cajado, para ir e voltar dos encontros, e como símbolo ou sinal de que aquela pessoa pertence à Arte. A mais importante é, naturalmente, a função de altar.

Neste conceito a estaca representa o Deus-Rei Divino das clareiras, o Deus da caça e da fertilidade. Também nesse conceito de totem está incluído o ritual do sacrifício do Rei-Sacerdote Divino nos rituais da Véspera de Maio, para liberar o espírito do verão; por exemplo, a libertação do Jack-de-Verde, simbolizado por um arbusto que dança e que é empurrado sobre ele para "matá-lo". No aspecto do Deus-Árvore é o Rei-Carvalho santificado servido pelo Amigo Robin ou Robin Hood, junto com Marion e os outros onze, formando um *coven* completo de treze membros. Simboliza também a Criança-consorte Cornuda da Deusa sob a forma de Diana das Florestas, a Diana Nemorensia. Sob esse enfoque, o dono da estaca-altar torna-se, num sentido, descendente do guardião rei-sacerdote da árvore sagrada no bosque de Diana, em Nemi.

Como uma ferramenta individual de trabalho, o uso da estaca pode ser simples ou complexo, dependendo da escolha que

se fizer. Uma dupla, unindo-se para trabalhar fora das reuniões principais do *coven*, deve colocar como altar uma estaca. Isto pode ser feito de duas maneiras e, mais uma vez, ser ato simples ou elaborado. No primeiro caso, que é o mais aconselhável para trabalhos externos ou, se houver espaço, para trabalhos internos, a estaca é colocada como altar no centro de um círculo.

Independente de o ritual ser realizado ao ar livre ou dentro de algum ambiente, utiliza-se um círculo com nove pés (2,75 m), e seu traçado é ligeiramente modificado pela ausência da vassoura. O fechamento do círculo é feito pelo lado de dentro, traçando-se uma linha que o cruza. Se o ritual estiver sendo realizado dentro de um ambiente, a estaca pode ser fincada num balde de areia, e o círculo, traçado com uma faca, de maneira simbólica. Para os que possuem espaço que pretendam usar com frequência, o melhor é utilizar um pedaço de lona com um círculo pintado em branco.

Quando a estaca é fincada no centro, acende-se uma pequena vela no meio da forquilha ou entre os garfos. Os bolos e o vinho são consagrados da maneira usual, e a Dança do Moinho, realizada segundo o movimento dos ponteiros do relógio ou em sentido contrário, dependendo do propósito para o qual o ritual está sendo trabalhado.

Nesse estágio, devemos observar a questão do trabalho realizado com os corpos desnudos. Mais uma vez, trata-se de decisão das pessoas envolvidas. Há uma tradição de trabalhar com os corpos desnudos e também boas razões mágicas para isso. Enquanto prática de ambiente fechado, há muito o que ser considerado. Por outro lado, a entrada nos quarenta e algumas gordurinhas localizadas bem como dobras de pele são boas razões para evitá-la. A escolha de trabalhar desnudo deve ser tomada pelas pessoas que irão trabalhar juntas. Ninguém deve ser forçado a fazê-lo contra a sua vontade.

No caso de uma dupla trabalhando, com espaço suficiente para colocar uma estaca dentro do círculo, ou no caso de um indivíduo trabalhando sozinho, os objetivos e os métodos são diferentes dos estabelecidos para o ritual do círculo. É mais ato

cerimonial do que ritual de trabalho prático. Algumas pessoas acham que uma vez por mês é o ideal, enquanto outras preferem encontrar-se a cada mudança de fase da Lua e vão ao ponto de manter um calendário especial para celebrar todo o ano sinódico. Sem nos aprofundarmos até esse ponto, é muito agradável trabalhar segundo uma ritualística, de acordo com a nossa vontade ou do nosso companheiro, fora dos ritos usuais. Nos ritos cerimoniais, a estaca, com o auxílio de um balde de areia, é colocada numa área limpa. Próximo dela deve haver uma mesa; se houver pouco espaço, uma mesa pequena é ideal. Nela deverá haver candelabros e velas, um pequeno pote cheio de areia com varetas de incenso fincadas, um copo e uma garrafa de vinho. No caso de uma dupla masculino-feminina, os dois elementos podendo consagrar os bolos e o vinho, também deverá haver sobre a mesa os bolos e a faca para realizar a consagração da maneira usual.

A pessoa trabalhando sozinha e não podendo consagrá-los, deverá acender a ou as velas e as varetas de incenso e realizar um ritual particular. Quando chegar o momento de colocar o vinho, deve encher o copo, elevá-lo e, ao mesmo tempo dizer:

"Minha Senhora... Deusa da Noite... oro para que me vejas e me ouças... Pois o que fiz foi em tua honra e em teu nome... Oro para que aceites esse ato de adoração, embora solitário... E oro para que me sejam concedidos a paz interior e o conhecimento que é a marca dos seus seguidores... Por meio desse conhecimento... obter sabedoria para aceitar a vida como ela é e vivê-la em amor pelo que és... Pois o meu espírito buscador encontra a paz no serviço a ti... Eu esvazio esse copo em nome da Nossa Senhora e em memória dos que conheci... Que possam eles partilhar do que sinto nesse momento... Assim, oro em nome da Nossa Senhora."

O copo é esvaziado, e a cerimônia termina.

Um ponto que deve ser notado é que a estaca usada como altar pessoal nunca é enfeitada, como a utilizada pelo *coven*. Se a pessoa sentir necessidade de colocar flores no altar, deverá ser

como um buquê ou uma única rosa, como lembrança da Rosa Além-do-Túmulo, e vista como símbolo da imortalidade.

"Busca e encontrarás" resume perfeitamente o trabalho necessário para obter uma boa estaca de freixo. Os lugares onde ainda existem matas são muito poucos e distantes, mas, quando você encontrar a estaca, o reconhecimento de que é a sua é imediato. Você sentirá na mão. Um ligeiro formigamento nos dedos confirmará que é a sua, e somente sua. Reza a tradição que deverá ser cortada no período da lua cheia com a sua própria faca. Como a maioria das florestas que possuem freixos fica afastada das cidades, as pessoas costumam cortar a sua estaca durante o dia. Entretanto, existe um ritual que nunca deverá ser negligenciado, embora seja simples. Quando alguma coisa é tomada, alguma coisa deve ser deixada. Quando retirar a sua estaca, deixe uma pequena moeda em pagamento.

O próximo passo que deve ser observado é a consagração da estaca. Como acontece com todos os instrumentos pessoais, a consagração da estaca é realizada em nome dos quatro elementos: terra, ar, fogo e água. Mas, antes disto, ela deve ser calçada com ferro. Isto é feito cravando-se um prego na sua extremidade. Como o mesmo deve ser realizado com a estaca do *coven*, as razões serão apresentadas mais tarde, no capítulo referente aos símbolos do *coven*.

Quanto ao ritual da consagração, ele é geralmente realizado pelo próprio dono e ao ar livre. Resumindo: primeiro, a estaca é passada pelo fogo para ser purificada, e, em seguida, aspergida com água. Depois, é fincada no elemento terra. Em seguida é soprada três vezes, e, finalmente, o dono passa seu cordão pelo pulso e por ela enquanto invoca a Deusa na sua face de Mãe: "... para impregnar essa estaca com parte dos seus poderes a fim de torná-la verdadeiramente um instrumento mágico."

Uma vez purificada e consagrada, nunca mais deverá ser vista como um simples pedaço de madeira. É objeto de trabalho magicamente impregnado, altar, representação do Deus Cor-nudo. Em certo aspecto, adquire o mesmo significado ritual da Árvore

Sagrada no bosque de Diana, e, até certo ponto, o dono passa a ter as obrigações do sacerdote-rei do bosque sagrado e de servidor do Deus Cornudo e da própria Deusa.

A Consagração dos Instrumentos

Como o mesmo ritual é utilizado para todos os instrumentos pessoais, daremos como exemplo a consagração da faca. Somente no final é que acontece uma pequena diferença em relação à estaca, que será explicada. Esses rituais incluem o uso do fogo e da água, devendo, portanto, ser realizados ao ar livre.

A escolha do local e da época cabe à própria pessoa, ou, se for o caso de uma dupla, a consagração será realizada quando ambos determinarem qual é o momento certo. Para seguir estritamente a tradição, o ritual deverá ser realizado entre a lua crescente e a cheia. Em sentido mágico, a lua crescente equivale ao poder crescente. Durante os estágios minguantes, o poder lentamente decresce, e a energia que impregnará a faca ou a estaca será mais fraca. Prefiro não julgar a validade dessa crença. Todos os objetos que consagrei sempre foram submetidos a ritual durante períodos de lua cheia. Mas, como mencionei, cabe a cada um julgar o seu melhor momento.

Como acontece com qualquer trabalho mágico, deve-se traçar o círculo. No seu centro fica o fogo, o primeiro dos elementos a ser utilizado no ritual de consagração. Afaça deve ser passada por ele três vezes. A cada vez, repete-se a frase:

"Assim como eu passo essa faca pelos fogos da purificação, seu passado e seu presente são queimados e dela retirados."

O passo seguinte consiste em aspergir a faca com água três vezes, dizendo-se:

"Com as águas do tempo e do perdão, eu lavo as cinzas do passado e do presente. Por isso, ela está pronta para servir a um novo propósito."

Em seguida, a faca é fincada no elemento terra, com as seguintes palavras:

"Assim eu planto essa faca na terra, ventre da Mãe. Desse ventre provém a vida, e essa vida, passando para essa lâmina, terá o poder de fertilizar o vinho e de direcionar a energia que surge dentro do círculo. Assim, pelo ventre da Mãe, essa lâmina torna-se instrumento e foco da minha vontade."

A parte final do ritual é quando a faca é retirada da terra. Em nome do elemento ar, ela é soprada três vezes, empregando-se as seguintes palavras:

"Por esse sopro, da mesma forma que a vida é soprada em nós, eu sopro vida em minha faca. dessa forma, sopro parte da minha vida sobre essa lâmina. Em nome da Nossa Senhora. Assim seja."

Como já vimos antes, o ritual da estaca segue, na maior parte, esse mesmo ritual. A parte diferente é que, quando a estaca é fincada na terra, as palavras são:

"A estaca que planto no solo, pelos poderes da Nossa Senhora, a Deusa, será impregnada pela energia que existe dentro do círculo, tornando essa estaca verdadeiro símbolo do altar da sua criação. Eu o declaro em seu nome."

O passo seguinte é cravar o prego na extremidade da estaca, com estas palavras:

"Com esse ferro, fecho a extremidade da minha estaca, preservando os poderes a ela passados pela Nossa Senhora, a Rainha dos Céus e da Noite. Em seu nome eu oro para que ela torne

essa estaca um verdadeiro símbolo do seu seguidor. Pelo seu nome, assim será."

A próxima etapa é segurar a estaca com ambas as mãos e soprar três vezes sobre ela, usando as palavras:

"Assim como a vida é soprada em nós, eu sopro vida sobre esse símbolo do Deus Cornudo, filho da Nossa Senhora. Assim, parte de mim é transferida para essa minha estaca."

A parte final do ritual é a ligação entre o possuidor e a estaca, por meio do cordão. Ele é passado em torno da estaca, e as extremidades, seguras pelo dono, na mão esquerda. As palavras a serem usadas nessa parte são:

"Pelo cordão uno-me à minha estaca, como símbolo do que me trouxe para o círculo; e, por essa união, mais uma vez assumo o meu compromisso com a Senhora e com a Fé. Em seu nome, assim seja. O ritual foi cumprido."

O ato final, embora não seja parte do próprio ritual, é expor a vara à lua cheia. Com a estaca entre você e o disco lunar, encha uma taça com vinho, usando uma pequena oração sua ou como a que uso, repetindo a Oração do Santo Graal. Levanta-se a taça, usando a prece como forma de consagração:

Abençoada Mãe, fonte da minha vida. Vem a mim
nesse momento com o teu ventre
condescendente.

Permite-me viver em amor a tudo o que és, Para que o
meu espírito buscador sirva ao Santo Graal.

Após alguns minutos de silêncio, é feita uma pequena libação do vinho, derramando-o na terra:

"Para a Deusa, em toda a sua glória e beleza. Que por muito tempo ela inspire meus pensamentos e minha mente a seu serviço."

A segunda libação é feita aos pés da estaca, cuidando para que um pouco de vinho caia sobre a sua extremidade. Ao mesmo tempo, repetem-se as seguintes palavras:

"Ao Rei Carvalho, ao Rei Freixo *e ao* Senhor, que uma parte de seus poderes faça morada nesse símbolo."

O restante do vinho é bebido como brinde, e, antes de bebê-lo, repete-se:

"Em honra da Nossa Senhora e de todos do *coven*. Que uma parte da paz e da compreensão que aqui encontrei possa ser passada para todos em nome da fraternidade e do *coven*. Em seu nome. Assim seja."

Mais uma vez, repito, a partir desse momento, a estaca não é mais um pedaço de madeira, mas símbolo magnetizado da Arte, e, como tal, deve ser respeitado.

2 - Os Símbolos do Coven

Como já mencionado, determinados recipientes e objetos são de natureza sagrada para a Arte. Já fizemos referência à faca e à estaca a nível pessoal. O próximo passo será descrever os instrumentos do *coven*: a taça, a faca, as estacas do altar, a vassoura, a espada e o caldeirão. Em alguns *covens* existem outros instrumentos — a tesoura e a peneira — que também são parte dos instrumentos sagrados, embora peculiares à tradição daquele *coven* e, por isso, não são estudados nesse livro.

Entre todos os instrumentos, os três mais importantes são a taça, a faca e a estaca. Com eles, um grupo pode começar a trabalhar em rituais completos, e acrescentar, mais tarde, os demais cuja ordem de importância é: a vassoura, a espada e o caldeirão. Deve ser lembrado que qualquer juramento feito sobre a espada poderá ser realizado sobre a faca do *coven*, usada como substituto. Mesmo que um *coven* ou grupo não possua todos eles, o significado e as qualidades que cada um simboliza devem ser compreendidos por cada membro. Mais uma vez, lembro que estamos falando no nível básico. Qualquer pesquisa mais profunda será certamente gratificante, e o conhecimento obtido ampliará a tradição do *coven* e do clã.

A Taça

É um dos instrumentos com significado dual. Por um lado, representa os órgãos sexuais femininos. Por outro, o Caldeirão da Inspiração, atributo da antiga deusa druida Cerridwen. É dos símbolos pagãos que se tornaram cristianizados no conceito do Santo Graal (consultar *The Mysteries of Britain*, de Lewis Spence).

Ao mesmo tempo, na consagração do vinho, ela simboliza os dois aspectos juntos. Examinando o ritual da consagração dos bolos e do vinho, descobrimos como isto acontece. "Pois, pela

união da taça e da faca, simbolizamos a união dos dois elementos para a continuação da vida. Pois a taça é o símbolo da Mãe, e a faca simboliza o Rei Cornudo."

Independente das histórias do nascimento por meio de uma virgem, a vida humana necessita dos elementos masculino e feminino para criar. Embora as pessoas saibam e lidem com ele há milhares de anos, cada nascimento ainda é um milagre em si mesmo. Conhecemos a mecânica da concepção, mas não sabemos o que é a vida. Ela pode ser reproduzida em laboratório, mas não é isolada como substância para que seja possível dizer: "Isto é N miligramas de vida." Vida é a centelha da divindade que anima a alma. Ao elevarmos a taça com a faca, esperamos que o ato sexual simbólico impregne o vinho com a própria essência ou energia da força da vida.

Embora seja somente simbólico, existem algumas alusões históricas quanto a determinados sacerdotes-magos que foram capazes de transmutar o vinho em outra substância, impregnando-a com poderes mágicos. A oportunidade de verificarmos isto nessa vida ou em qualquer outra é muito remota, mas, ao realizar o ato simbólico, vivemos (melhor dizendo, sonhamos) com a esperança de que ocorra impregnação espontânea. O ato de compartilhar de uma taça verdadeiramente impregnada pode e muda nossa vida de tal maneira, que ela nunca mais será a mesma, isto é, se houver vida para nós depois disso. Compartilhar da divindade dessa forma significa que deixaremos de ser indivíduos e que nos tornaremos unos e parte dessa divindade. Desta forma a taça transforma-se no cálice do amor e do medo, para ser partilhado com respeito e reverência.

"Eu invoco a Mãe para impregnar essa taça com a sabedoria do caldeirão, para que ela possa ser passada para nós, seus seguidores."

Desta maneira, pedimos a uma força externa que ative o conhecimento interior que está guardado dentro de cada um, para que possamos saber quem somos e de onde viemos, em outras palavras, as raízes de onde viemos.

Em outro nível e num sentido mágico, estamos participando de uma festividade de sacrifício ritualístico. Na época do sacrifício do Rei Divino, um pouco do sangue era guardado numa taça e misturado com as outras bebidas. Os sacerdotes tomavam um pequeno gole da beberagem como meio de absorver parte da divindade do ser sacrificado. O resto do sangue era aspergido sobre a congregação, como bênção. Naturalmente o tempo alterou o conceito, e, aos poucos, a água passou a ser utilizada como substituto.

Para impregnar a taça, o símbolo masculino da faca é inserido no símbolo feminino da taça, em imitação do ato da procriação. Assim, pela magia da afinidade, o vinho é carregado com a força da vida que contém nela todos os elementos encontrados no Sangue Real — Sang Real — do sacrifício. O aspecto cristianizado é o ato da transubstanciação. Para o *coven*, é a impregnação do vinho pela força ou espírito de vida divina.

Em outro nível, a taça é instrumento de participação. Assim como todos os presentes na reunião unem-se nos rituais e participam de prática e objetivo comuns, o ato de partilhar da taça simboliza a participação na festa da Deusa. Tomada em seu nome e por ela abençoada, isto significa que uma parte do seu poder é transferida primeiro para o vinho e depois para a congregação. Permeio desse ato realiza-se a união de mentes afins em laço comum de amizade, ligando cada membro do grupo aos outros do *coven*.

Como foi mencionado, a taça e o caldeirão são permutáveis como conceito. Neste estão inseridas as lendas do Graal, um mistério dentro de outro. O Sangue Real ou Sangreal é o maior sacramento oculto dentro do corpo da Igreja Cristã, embora não aprovado por essa mesma Igreja, em parte por ser uma mistura de mitos pré-cristãos e cristãos.

O significado oculto da Taça do Graal faz parte dos mitos da Arte e traz com ele a pergunta: "A quem serve o Graal?" ou "Quem faz a Terra Perdida florescer?". Na resposta a estas perguntas está o coração da Senhora.

A Faca do Coven

Ela é encontrada em *covens* ou grupos já estabelecidos. Como possui os mesmos aspectos da que é utilizada no nível pessoal, muitas vezes emprega-se a faca do Senhor do Leste para consagrar os bolos e o vinho.

Num sentido, a faca do *coven* é representação da faca sacrificial do templo, lâmina usada somente para o propósito de matar a vítima do sacrifício. Dedicada aos deuses do clã, da tribo e, posteriormente, da cidade-estado, a faca era usada para matar o Rei Divino sacrificado na Véspera de Maio e enviar o mensageiro sagrado aos deuses. Com a mudança das vítimas humanas para as animais, a faca, como instrumento da morte, perdeu a sua utilidade, sendo substituída pelo cabo do machado, mas, mesmo assim, a faca ritualística ainda era encontrada nos altares dos deuses.

No Museu do Capitólio, em Roma, existe parte de um friso muito bem conservado do Templo de Vespasiano. Entre os instrumentos representados estão o cabo do machado e a faca. A fé estatal do Império Romano dava grande ênfase à leitura dos augúrios no fígado da vítima do sacrifício. Nesse caso, a faca era utilizada na retirada desse órgão e no preparo das poções sagradas do corpo para os altares dos deuses.

Embora a faca do *coven* não seja mais usada na Fé como instrumento de sacrifício de sangue, ela permanece como lâmina dedicada ao serviço da Deusa, tendo o seu lugar no altar. Nesse caso, em relação a um *coven* que tenha o privilégio de poder separar um local e declará-lo *territoria sacra* onde os símbolos são dispostos como num altar, deve haver muito cuidado na escolha desse local.

Algumas pessoas escolhem um quarto vago para isto, o que suscita a pergunta: "Até onde, para cima e para baixo, deve ser considerado sagrado? O quarto de baixo também fará parte do local sagrado?" Como conceito cristão, a resposta é sim. No passado isto provocou alguma incerteza quanto ao uso das

catacumbas nos mosteiros, quando foram incorporadas às construções mais modernas com finalidade secular. A área que existiu sob o altar principal seria parte da área sagrada? Portanto, antes de estabelecer um altar permanente para a Deusa, deve-se considerar tudo que ficará envolvido nessa demarcação. Minha opinião é que os símbolos do *coven* devem ser levados e retirados pelos oficiantes para cada encontro.

Assim como a taça é o recipiente da Senhora, a faca do *coven* é o instrumento do Oficial do Leste, seu companheiro na consagração dos bolos e do vinho. Nas suas mãos, como a faca utilizada na consagração de ambos os elementos da festividade, ela nada mais é do que um símbolo fálico. Mais uma vez, a união da taça e da faca simboliza o ato sexual. Assim como o intercuro sexual pode levar à criação da vida sob a forma de uma criança, o casal simbólico formado pelo sacerdote e pela sacerdotisa por meio da união da taça e da faca é o canal pelo qual flui parte do poder da Deusa, impregnando a taça com a força ou a energia da vida.

Na maioria dos casos, é ato puramente simbólico, embora de significado profundo; mas, em algumas ocasiões, o símbolo torna-se realidade. O vinho e os bolos ficam impregnados com o poder da Deusa. Quando isto ocorre, há uma alteração sutil nos rituais. Em vez de você trabalhar os rituais, eles começam a trabalhar você. A partir do momento em que a faca toca o vinho, tudo o que o grupo tencionou realizar é relegado. Instintivamente todos sabem o que fazer e o que vai acontecer. É muito semelhante a um painel de ligações elétricas — um por um é acionado e, de repente, a força flui. A união entre a Deusa e a congregação é fluxo de mão dupla, estabelecido em área atemporal. Tudo dentro do círculo parece parar. Há uma sensação de consciência e emoção ampliadas. Isto é sentido com grande intensidade e compreensão. De alguma maneira, por alguns momentos, tempo e espaço cessam de existir. Você compreende o que significa ser capaz de girar, sem movimento, entre dois mundos.

Embora todos se sintam fisicamente drenados por isto, brota do interior de cada membro alguma sensação de euforia. Todos são atingidos de alguma maneira. As coisas adquirem clareza e intensidade que não são desse mundo. Conhecimento e instinto ficam interligados, como se fossem um. Todos sabem, com certeza, que viram e se sentiram parte da magia do círculo.

Com freqüência há uma sensação esmagadora de tristeza ao término do ritual. Algo obtido por alguns momentos é perdido para sempre, embora interiormente haja a certeza de que foi recebido por meio daquela experiência, e o envolvimento florescerá mais tarde sob a forma de maior compreensão. Assim, no momento determinado pela Senhora, o brinde da taça e do vinho é dividido conosco, a sua congregação.

Um outro uso para a faca do *coven* é que, em alguns grupos recentemente formados, ela pode — e com freqüência acontece — substituir a espada do *coven* no ritual do juramento. Alguns *covens* dispensam a espada. Mais uma vez esse é assunto a ser tratado pelos membros do grupo. Entretanto, quando a faca substitui a espada, ela nunca deverá ser usada em julgamentos ou em questões de justiça. Nesses casos, o membro é "chamado pela espada e, pela espada, julgado". A faca do *coven* jamais poderá desempenhar essa função.

Em nível mais prosaico, sempre houve alguma dúvida quanto à forma que a faca do *coven* deveria ter. Olhando por essa perspectiva, durante os anos a faca evoluiu para adaptar-se à sua função. Desde a primeira pedra dura, passando pela adaga de fio duplo até a faca curva de lâmina larga sobre o altar romano, a faca sagrada tomou forma adaptada ao seu propósito. Hoje em dia, como sua utilização é puramente ritualística, a faca do *coven* costuma ser pontuda e de fio duplo.

Pela tradição, ela deveria ser forjada à mão por um dos membros habilitados do grupo. Contudo, na maioria dos casos, é comprada e, então, dedicada à fé. Não nos devemos esquecer de que, como os outros instrumentos da fé, a faca deverá ser ritualisticamente limpa, consagrada e depois dedicada à Deusa.

Diferente da faca de uso pessoal, isto é realizado na presença do *coven* ou do grupo, até mesmo porque o ritual de purificação é realizado pela Senhora e pelo Senhor do Leste particularmente. Somente então ela estará pronta para desempenhar seu papel nos rituais do *coven*.

As Estacas do Coven

Mais uma vez devemos lembrar que, diferentes dos outros símbolos do *coven*, a estaca e a faca atendem a dois níveis dentro de um grupo de trabalho. A estaca e a faca pessoais partilham dos mesmos atributos dos objetos do *coven*, a única diferença sendo que a estaca e a faca do *coven* desempenham papel mais formal dentro dos rituais.

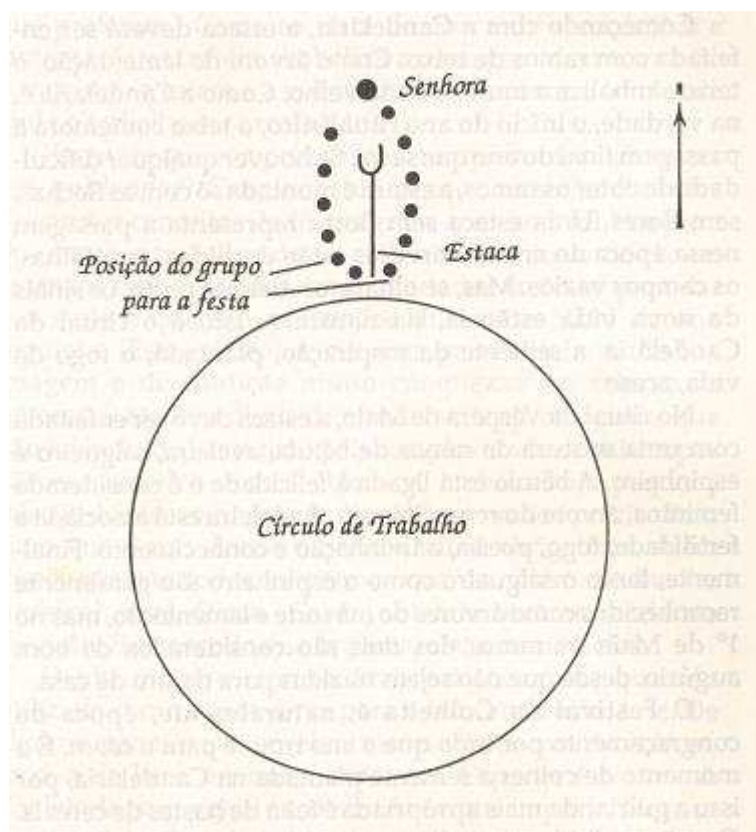
Outro aspecto a ser considerado é o uso do plural "estacas" nesse subtítulo. Tradicionalmente, a estaca de freixo é o esteio dos trabalhos comuns no círculo. Em ocasiões muito raras, em que é preciso defender o *coven* ou um de seus membros contra ataque exterior, traz-se para o círculo uma estaca de abrunheiro.

Como se trata de madeira de maus presságios, a única utilização da estaca de abrunheiro se dá no ritual solene de alguma maldição formal. Nesse ato, ela representa o Deus de Duas Faces. Da mesma origem sai o poder, que pode ser usado tanto para o mal como para o bem; por isso raramente deve ser invocada ou trabalhada. Em vinte anos de prática de ocultismo, somente uma vez participei de uma maldição formal. Foi, aliás, inteiramente merecida, mas posso dizer que os sentimentos que gerou foram os mais desagradáveis, para classificá-los da forma mais suave possível. A maldição formal é uma das armas do arsenal da fé, mas raramente deve ser usada, mesmo para defesa pessoal.

Como disse anteriormente, a estaca de freixo como conceito é uma representação do Rei-Deus das clareiras e também do espírito reencarnado do Velho Rei no Jovem Menino-Deus da Mãe, em seu aspecto de Diana das Florestas. Para o *coven*, a estaca de

freixo é o guardião da entrada do círculo, o elo entre o mundo da Deusa e o mundo do círculo. Um de seus aspectos é o de Herne, o Caçador, como deus da caça e da fertilidade. Sob essa forma, é ele quem conduz a Caçada Selvagem na Candelária. Cavalgando a Égua da Noite, com os Cães do Inferno acompanhando, ele busca as almas dos mortos para conduzi-las ao submundo.

As proximidades do Grande Carvalho no Parque de Windsor têm a reputação de serem habitadas pelo espectro de Herne na época da Candelária. A ligação de Herne com o carvalho é encontrada nos conceitos do Rei-Carvalho e Senhor das Matas. O poderoso carvalho, guardião do portal, ou o freixo sagrado, símbolo do nascimento e do renascimento, colocado fora do círculo, preside os trabalhos na posição ao norte. Movendo a posição da estaca, ela preside a festa realizada após o ritual. Essa posição da estaca em relação à festa confirma o aspecto da Criança com Chifres e a Mãe, representada pela Senhora do Sul. É o filho presidindo a festa em honra à Deusa.



Para os quatro rituais principais, a estaca do *coven* é enfeitada com flechas e guirlandas. Também as flechas simbolizam a dualidade do conceito do Deus Cornudo. São uma lembrança do Deus da caça e também da noção de que uma das várias faces da Deusa é a de Divina Caçadora. Ao prender as flechas cruzadas com as pontas para cima, estamos nos lembrando desses conceitos antigos.

Fixamos a guirlanda, amarrando-a com arame nas flechas cruzadas. O tipo da guirlanda depende daquilo a que se destina o ritual.

Começando com a Candelária, a estaca deverá ser enfeitada com ramos de teixo. Como árvore de lamentação, o teixo simboliza a morte do ano velho. Como a Candelária é, na verdade, o início do ano ritualístico, o teixo comemora a passagem final do ano que se foi. Se houver qualquer dificuldade de obter os ramos, a estaca é montada só com as flechas, sem flores. Uma estaca sem flores representa a paisagem nessa época do ano. As árvores estão despidas, sem folhas, os campos vazios. Mas, se olharmos mais de perto, os sinais da nova vida estão lá, na natureza. Isto é o ritual da Candelária: a semente da inspiração, plantada, o fogo da vida, aceso.

No ritual da Véspera de Maio, a estaca deve ser enfeitada com uma mistura de ramos de bétula, aveleira, salgueiro e espinheiro. A bétula está ligada à felicidade e é considerada feminina, árvore do renascimento. A aveleira está associada a fertilidade, fogo, poesia, adivinhação e conhecimento. Finalmente, tanto o salgueiro como o espinheiro são geralmente reconhecidos como árvores de má sorte e lamentação, mas no 1º de Maio os ramos dos dois são considerados de bom augúrio, desde que não sejam trazidos para dentro de casa.

O Festival da Colheita é, naturalmente, época de conagração por tudo que o ano trouxe para o *coven*. É o momento de colher a semente plantada na Candelária, por isso a guirlanda mais apropriada é feita de hastes de cereais. Os grãos colhidos simbolizam o espírito e a tradição do *coven* nos últimos meses. O período de tempo entre o Festival da Colheita e a Véspera

de Todos os Santos é a época para reflexão sobre o que o passado significou para o indivíduo e também quanto às lições aprendidas dentro do grupo.

A Véspera de Todos os Santos é o momento da morte. Como esse ritual difere de todos os outros, pelo uso de círculos gêmeos, devemos lembrar que a parte principal é realizada no segundo círculo. Se a estaca for enfeitada, deve ser com teixo. (Eu prefiro somente as flechas cruzadas, sem a guirlanda, para esse ritual, mas essa é uma visão pessoal. Mais uma vez, cabe aos membros envolvidos decidirem o que preferem.) Como se trata de época de recordações e lamentações, também simboliza a passagem de um mundo para outro; a estaca e a guirlanda não pertencem ao círculo onde o trabalho será realizado.

Pergunta que sempre surge é: por que tantas diferenças nas guirlandas? Simplesmente porque elas são símbolos físicos dos conceitos da fé, insígnias que nos lembram para que estamos trabalhando em cada um dos rituais. São como as cinzas simbólicas dos ramos ofertados no Natal para dar boa sorte e que são queimados durante o Natal do ano seguinte. (Estes símbolos são uma parte diminuta de linguagem e de tradição muito complexas em relação às árvores. É assunto digno de estudo mais aprofundado, que não foi incluído nesse livro pela complexidade e também por não ser um dos nossos objetivos, embora haja pequena relação das árvores no Apêndice.) Novamente é preciso ficar claro que o uso dessas madeiras não é obrigatório. Além disso, não são todas as pessoas que as obtêm. Se lhe for possível, será ótimo. Caso contrário, outras madeiras servirão. É o conceito que importa, e não os símbolos.

O abrunheiro, sendo árvore agourenta, quando utilizado como estaca serve para o lado escuro da Arte. De alguma maneira ela representa uma cabeça com duas faces: uma, a do bem, e a outra, a do mal. O poder é neutro. A finalidade para a qual é trabalhada é o que importa. No caso da estaca de abrunheiro usada como altar, o uso do poder que é despertado destina-se ao mal. Mais uma vez devemos enfatizar que esse assunto deve ser levado

a sério. A única razão para ser usado é a ausência de qualquer coisa que possa substituí-la.

Por exemplo, se alguém estacionar diante da sua saída de garagem, é melhor bater-lhe do que lançar-lhe alguma maldição. Por meio da utilização do ritual de amaldiçoamento, o grupo envolvido pode, o que acontece com frequência, perder um ano inteiro de trabalho. Os sentimentos e as emoções que surgem durante o ato transformam bastante a atmosfera do grupo. As pessoas tendem a evitar-se. Não se abrem mais durante os encontros. Uma vez ativado o lado escuro das pessoas, é difícil subjugar-lo novamente.

Então, por que incluir o ato de amaldiçoar em primeiro lugar? Assim como a vida não é somente doçura e luz, a fé também não. A capacidade de realizar uma vingança mágica contra os inimigos do *coven* é parte intrínseca da Arte, e os porquês a respeito desse poder devem ser compreendidos por quem pratica os rituais. Outra coisa a ser notada é que a estaca nunca é enfeitada para um ritual de amaldiçoamento.

Pelos perigos inerentes ao ritual de amaldiçoamento, esse trabalho não será mencionado. É conhecido por todos os grupos dentro do clã e lá permanecerá. Sua divulgação poderia despertar a tentação de usá-lo sem haver a compreensão total dos valores morais envolvidos na decisão de praticá-lo. Em vinte anos, recorri a ele somente uma vez e sinto que, se tiver que usá-lo, nos próximos vinte anos será ainda muito cedo. Quem desejar incluir um ritual formal de amaldiçoamento terá que descobrir o seu próprio caminho. Somente a pesquisa dos conceitos e mecanismos de um amaldiçoamento poderá levar à compreensão total dos perigos inerentes a um trabalho com esse tipo de ritual.

Na criação da estaca do *coven*, pelos vários aspectos formais e cerimoniais envolvidos, a forma é diferente daquela da estaca pessoal. Frequentemente, a pessoal é uma forquilha de freixo. Pela tradição, a estaca do *coven* é de abrunheiro, montada sobre a cabeça de um forcado ou de um par oco de "chifres" de ferro. Dependendo do espírito totêmico do animal guardião adotado pelo

grupo, *coven* ou clã, a máscara desse animal será fixada na base dos dois dentes. Isto cria o símbolo do jovem Deus Cornudo sob o aspecto do espírito-guardião do *coven*. Primitivo, talvez, mas, como sinal de identificação, age diretamente como chave para todos os conceitos envolvidos nos trabalhos do clã.

A máscara da cabeça do carneiro, montada abaixo dos dentes da estaca do nosso *coven*, não necessita de explicações. Todos no clã sabem o que significa e qual a sua razão de ser. O mesmo pode ser dito quanto à estaca de abrunheiro. A pequena máscara de veado, montada abaixo dos dentes, é a chave para o conceito de Herne, o Caçador, e seus cães de caça, conceito ligado à maldição.

Ao colocar a máscara do animal na estaca, estamos voltando à pré-história e ao espírito-guardião animal ou totem do grupo. Dizer, por exemplo, "Eu pertenço ao clã do cabrito montes", significa envolvimento mais pessoal com seu *coven* ou grupo do que simplesmente mencionar: "Eu sou membro de um *coven*". Dessa forma, o espírito do *coven* pode ser ampliado e aumentado para formar o espírito do clã.

Calçando com Ferro

Como deve ter sido notado, tanto a estaca pessoal como a do *coven* devem ser calçadas com ferro após o ritual da consagração. Por trás disto há uma história de teoria mágica. A ligação da arte da ferraria com as varas mágicas repousa na maneira mágica e pouco compreendida por meio da qual as pedras podiam ser tratadas com fogo para serem transformadas em ferro. Outro uso do fogo permitiria a esse elemento ser moldado em todo tipo de coisas. O ferreiro possuía a capacidade e o conhecimento para realizar essa tarefa. Como acontece com a maioria dos comércios secretos, dizia-se que esse tinha uma origem divina, revelada somente a algumas pessoas selecionadas após longo serviço prestado a um mestre — um tipo de antiga "loja fechada".

Na teoria, o ferro não-natural era capaz de neutralizar a magia natural de um encanto. Seguindo essa linha de pensamento, surgiu a idéia de que uma bruxa não podia atravessar o ferro. Como uma bateria, a estaca é carregada ou impregnada de poder mágico no ato da consagração. Como esse poder não pode atravessar o ferro, ao calçar a estaca com esse elemento, o poder não mais escaparia para a terra, permanecendo no corpo da estaca. Ao fixar o prego na extremidade da estaca após a consagração, retemos no corpo da mesma o poder mágico da Deusa, tornando-a um verdadeiro altar da sua criação.

A Vassoura

Independente de todas as ilustrações que mostram uma feiticeira voando em sua vassoura, esse tem sido sempre instrumento masculino. Quando uma feiticeira "montava sua vassoura", certamente não era da maneira apresentada na maioria dos livros, mas, sim, de forma mais natural. As partes que compõem uma vassoura são masculina e feminina. Como tal, são puramente sexuais, tanto na simbologia quanto na interpretação.

Não temos certeza de quando a vassoura passou a fazer parte dos instrumentos da Arte. Existem alusões à sua utilização nos julgamentos medievais das bruxas. Há também alusões a seu uso como pênis artificial ou "dildo". Os rituais daquela época tinham, na magia sexual, ponto forte. Esperava-se que o Diabo, ou Mestre do *coven*, servisse, pelo menos, a três ou quatro mulheres a cada encontro. Por isso, um dos fatos que surgiu nos antigos julgamentos, foi a história de que, quando uma mulher tinha uma relação com o "Diabo", seu pênis era sempre frio e duro, e o ato, um tanto doloroso para a mulher. Sem investigar tão profundamente os assuntos de magia sexual, é fácil verificar como uma das extremidades da vassoura começou a ser cortada com a forma de um pênis. Ela representa o membro frio e duro do Diabo. Seguindo

essa tradição, uma extremidade da vassoura ainda é moldada dessa forma.

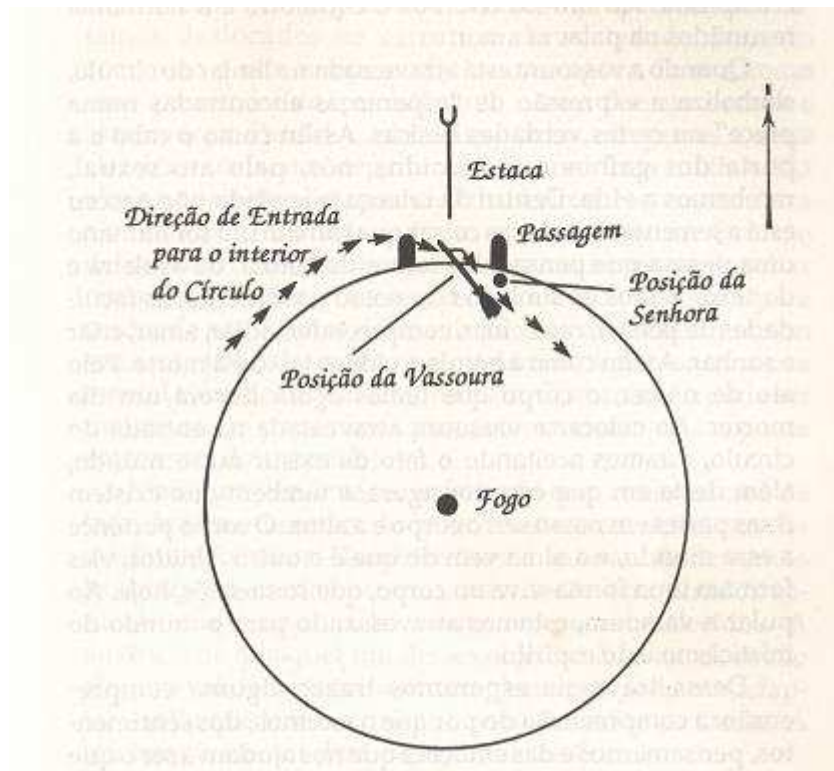


A parte do feixe de galhos cortados da vassoura é o componente feminino e é feita de determinadas madeiras. Mais uma vez, temos a linguagem e a tradição das árvores. Como a guirlanda sobre a estaca, elas dizem alguma coisa e têm significado para o iniciado. O primeiro tipo de galho encontrado numa vassoura é naturalmente a bétula, a árvore do nascimento e do renascimento. Em seguida temos a aveleira, que é a árvore do fogo, da fertilidade, da poesia, da adivinhação e do conhecimento, e, finalmente, o teixo, a árvore da morte e da ressurreição. Observando essas madeiras, a mensagem é simples. Somente por meio do nascimento haverá vida. Dessa vida virão a poesia, a arte e o conhecimento. Com o nascimento deverá haver a morte, e, com a morte, o renascimento ou a ressurreição. Mas somente haverá nascimento e vida mediante união do masculino com o feminino. Pela união do cabo com os galhos, temos o ato simbólico da criação.

O lugar da vassoura nos rituais é o da ponte entre o mundo do círculo e o mundo exterior. Sendo objeto masculino, está sempre sob os cuidados do Leste ou de quem traçar o círculo. Colocada entre dois marcadores ao Norte e atravessada no perímetro do círculo, todos os que atravessarem o anel sagrado devem cruzá-la da esquerda para a direita. A extremidade da vassoura, que representa a vagina ou o ventre, está sempre colocada dentro do círculo.

Quando todos tiverem sido auxiliados a entrar no círculo pela Senhora, ela o fecha, colocando a vassoura dentro do perímetro. Quando o *coven* ou o grupo decide que os bolos, a taça com o vinho e o vinho devem ser deixados aos pés da estaca até serem necessários, a Senhora terá que deixar o círculo para buscá-los. Para fazer isto, ela coloca novamente a vassoura sobre o perímetro do círculo, como anteriormente, e a atravessa da direita para a esquerda. Levando os bolos, a taça e o vinho de volta, ela entra novamente no círculo, dessa vez cruzando a vassoura da esquerda para a direita. Então fecha o círculo, trazendo-a para dentro dele.

Quando o ritual termina, todos deixam o círculo, pulando novamente sobre a vassoura, da direita para a esquerda. A Senhora é a última a deixá-lo e fecha-o novamente, retirando a vassoura. O Leste, então, reverte a face da estaca para que tenha início a festividade. A simbologia envolvida no uso da vassoura como ponte mais uma vez refere-se e reforça o conceito da Deusa como figura da Mãe. No ventre da Mãe estamos protegidos do mundo exterior. Em outro sentido, estamos entrando na caverna-ventre do caldeirão. Ao trabalharmos no círculo, começamos a compreender alguma coisa do relacionamento complexo entre a humanidade e a divindade, bem como do inter-relacionamento entre a humanidade e nosso meio ambiente descoberto nas forças da natureza. Tudo o que os homens podem fazer, a natureza pode desfazer. Ao destruir seu equilíbrio, nós nos destruimos. Cada ser humano deveria ser um servo da natureza, como acontece com todas as outras formas de vida dentro dela.



Hoje em dia, ciência e misticismo são considerados coisas separadas, embora no passado fossem parte indivisível do conceito de harmonia e equilíbrio divinos.

Nos dois elementos da vassoura estão os opostos masculino e feminino. Ao uni-los teremos o equilíbrio e a harmonia resumidos na palavra amor.

Quando a vassoura está atravessada no limiar do círculo, simboliza a expressão de "esperanças encontradas numa prece" ou certas verdades básicas. Assim como o cabo e a parte dos galhos estão unidos, nós, pelo ato sexual, recebemos a vida. Dentro da criança que ainda não nasceu está a semente de todas as coisas que tornam um ser humano uma pessoa que pensa. Nos ramos da bétula, da aveleira e do teixo vemos os símbolos do nosso nascimento, as faculdades de pensar, raciocinar, compreender, odiar, amar, criar e sonhar. Assim como a bétula é vida, o teixo é a morte. Pelo ato de nascer, o corpo que temos agora deverá um dia morrer. Ao colocar a vassoura atravessada na entrada do círculo, estamos aceitando o fato de existir outro mundo, além deste em que estamos agora, e também que existem duas partes em nosso ser: o corpo e a alma. O corpo pertence a esse mundo, e a alma vem do

que é o outro. Unidos, eles formam uma forma-viva ou corpo, que somos nós, hoje. Ao pular a vassoura, estamos atravessando para o mundo do misticismo e do espírito.

Dessa travessia esperamos trazer alguma compreensão: a compreensão do por que nascemos, dos sentimentos, pensamentos e das emoções que nos ajudam a ser o que somos, dos motivos que nos impulsionam a buscar por nós mesmos e pelas nossas almas mais chegadas. Por meio do envolvimento nos trabalhos do círculo, aceitamos o anseio propulsor impaciente que o Destino colocou em nós para buscarmos as respostas ao mistério inerente à vida. Passamos a aceitar esse destino com compreensão, de modo que, quando for o momento da centelha divina que está em todos nós retornar ao seu local de origem, poderemos dizer com consciência: eu aprendi. Agora poderei repousar um pouco.

Um outro aspecto a respeito da colocação da vassoura atravessada no círculo, que não deve ser esquecido, é a cura do espírito. Muitos de nós, que seguem o Caminho da Deusa, começamos perdidos em nosso próprio tempo. Estamos deslocados na estrutura da sociedade, fora do compasso e sem compreender a nossa época. Somos como uma pessoa ferida, cambaleando numa floresta escura e assustadora. Perdidos, sós e assustados, chegamos a uma clareira e, nela, nos deparamos com uma bela mulher. Ela alivia a nossa dor, limpa e cuida dos ferimentos, nos conforta e nos dá paz, e, acima de tudo, nos compreende. Quando deixamos a clareira, sabemos que seremos capazes de achar novamente esse céu secreto e que a Deusa lá estará para cuidar de nós. Dentro do seu círculo nos redescobrimos; em seu santuário, curamos o nosso espírito e achamos uma paz mental além de toda a compreensão. O seu círculo pode ser muitas coisas para várias pessoas, e a vassoura é a ponte entre esses dois mundos.

Mais uma vez deve ser enfatizado que, como no caso da taça, da faca e da estaca do *coven*, somente nos referimos aos atributos básicos. Também nesse momento devemos lembrar que os símbolos do *coven* serão encontrados somente nos grupos já há

muito tempo estabelecidos. A ausência de qualquer um desses objetos não afeta de modo algum a validade dos rituais. Simplesmente podemos adaptar aquilo que temos e deixar o resto nas mãos da Deusa. A seu tempo, ela nos dará o que for necessário.

A Espada do Coven

Historicamente falando, a inclusão da espada entre os símbolos do *coven* não é muito antiga. A espada, como arma da nobreza, ficava um tanto deslocada nas mãos de um membro de *coven*, pois durante anos os membros praticantes do *coven* foram os antigos "sábios" ou "grandes conhecedores" da aldeia. Pelos perigos de serem identificados como heréticos, o grupo reunia-se somente à noite, em algumas épocas do ano. Um camponês ser apanhado com uma espada certamente levantaria suspeitas, e isto era algo que um membro da Fé evitaria de todas as maneiras.

Isto não excluía a possibilidade de haver alguns senhores de terras entre os membros da Fé. Tenho certeza de que havia. Nos assuntos financeiros, certamente eram os líderes. Seriam também os únicos a ter liberdade inquestionável, inacessível à classe camponesa. Além disso, sendo os responsáveis pela designação do padre da paróquia e pelo pagamento de qualquer patrocínio da Igreja, poderiam garantir que esta mantivesse os olhos fora dos negócios do senhor das terras e que também deixasse os camponeses em paz.

Outro aspecto de que a liderança era, sem dúvida, vantagem para o senhor das terras, estava no relacionamento com o camponês agricultor que cuidava dos animais, dos serviços da terra e do recolhimento dos animais nos redes. Em época de grande superstição, quem causasse algum dano aos animais ou às plantações se descobria como alvo de alguma maldição conseguida pelo dono das terras sob a forma de um líder mascarado de um *coven*. Colocar determinadas pessoas sob a proteção da Deusa significava que essa ordem tomava mais a forma de comando

divino a ser passado aos outros pela mulher-sábia do local ou pela feiticeira. Pertencendo ao local, ela conhecia as pessoas mais prováveis de fazerem mal aos animais por ódio ou vingança. Por isso, alguns grupos poderiam ter a espada entre seus instrumentos de trabalho, pois o líder, sendo um homem rico e dono de propriedades, podia ser visto portando uma.

Hoje em dia a espada é mais comum e mais aceita. Sob esse enfoque, resta-me explicar o seu uso e o que representa em nossos trabalhos. Para nós, a espada é instrumento de juramento. É também símbolo da justiça e de julgamento quando se trata de ato de banimento ou de amaldiçoamento formal.

Além do ritual de justiça, banimento e amaldiçoamento, não há outra função da espada que não possa ser realizada com a faca, fazendo dela um objeto geralmente encontrado em *covens* ou grupos estabelecidos. Para a cerimônia de juramento, a espada é usada da maneira descrita no juramento do membro, do oficiante e da Senhora. Quando utilizada para justiça, a pessoa é chamada para a espada e, pela espada, julgada.

Este ato em si não é um ritual mágico, e seria normalmente realizado num círculo não-consagrado, com os membros dispostos em torno do perímetro. Se a pessoa acusada estiver ou não ali, a que estiver fazendo a acusação deve confirmar, segurando a lâmina da espada, que está falando a verdade. Se o acusado estiver presente, agirá da mesma forma ao contestar a acusação. Se houver alguém que tenha alguma coisa a acrescentar, fará sob juramento e pela espada. Se for tomada a decisão de banir formalmente o membro, por dano ao *coven*, grupo ou a um dos membros, isto será feito em reunião especialmente convocada, realizada num círculo consagrado, e a sentença, pronunciada pela Senhora. É, então, tarefa do Leste, como responsável pelos registros, informar aos outros grupos do clã o ocorrido.

Um membro que julgar ter um bom motivo, poderá solicitar um amaldiçoamento formal e também ajuda de todos os membros do clã. O primeiro passo é trazer o assunto diante da Senhora ou do Leste, se sentir que existe a possibilidade de algum

tipo de vingança de alguém de fora ou de um membro banido do *coven* ou do clã. Haverá, então, uma reunião informal, e o assunto será considerado por todos.

Mais uma vez, essa reunião é realizada em círculo não-consagrado, e a pessoa que desejar o amaldiçoamento deverá jurar pela espada que está dizendo a verdade. No devido momento, deverá garantir que obedecerá ao veredicto da decisão da maioria, se o pedido for rejeitado. Como já foi mencionado, um amaldiçoamento formal não é realizado de modo leviano, pois produz efeitos sobre o grupo. Mas, se for decidida a sua realização, o próximo passo será resolver se ele envolverá outros grupos do clã ou se será realizado no nível de *coven*. Será estabelecida uma data, em geral durante a lua nova, período em que deverá ser realizado.

Se os outros *covens* do clã estiverem envolvidos nesse ritual, o Leste os informará das razões, intenções, hora e local e o nome ou nomes das pessoas envolvidas. Naturalmente o ritual será realizado num círculo consagrado e a Senhora usará a espada para pronunciar a maldição formal e dirigi-la à pessoa ou pessoas que agora se tornarão inimigas comuns do clã. Novamente deve ser lembrado que um amaldiçoamento formal não é coisa lançada indistintamente sob o impulso do momento. É arma do nosso arsenal, usada para nos defendermos ou defendermos nossos companheiros contra o mundo exterior. Como tal, é usado raramente e com muito, muito cuidado. Lembre-se: maldições muitas vezes provocam retorno.

Como a faca, a espada deve ser forjada à mão por um membro do *coven*. Novamente, quantas pessoas estão habilitadas para isso? Por isso, na maioria dos grupos ou *covens*, as espadas são compradas e custam muito caro. No primeiro grupo ao qual me associei, a espada do *coven* era curta e antiga, tendo sido encontrada numa loja de material usado. O seu cabo foi polido pelo Mestre. Da mesma forma, consegui uma lâmina antiga e ele, como ex-ferreiro, ofereceu-se para recuperar o cabo para mim. Este seria de metal, todo trabalhado num desenho de rosa e um

castelo. A bainha seria igual à da espada do *coven*, com uma "Mão da Glória" apontando para baixo. Eu já tinha feito a bainha, e o castelo e a rosa já estavam quase terminados quando ele faleceu. Minha espada, junto com ele, desapareceu — uma perda que lamento até hoje. Mas, voltando à questão da espada, quando se consegue uma lâmina, o cabo pode ser refeito para adaptar-se às idéias que o *coven* sente que pertencem à espada.

No caso da "Mão de Glória" voltada para baixo na bainha da espada, a simbologia por trás dela é óbvia. O dedo em riste está defendendo contra o mal ou direcionando o poder que surge num ritual mágico no círculo. Nesse caso, a espada substitui a vareta do mago, como instrumento para direcionar o poder — por exemplo, no caso de dirigir uma maldição.

O desenho do castelo e da rosa que eu escolhi para o cabo pode ainda ser encontrado pintado nas cabines e na mobília de algumas barcas tradicionais. Há quem diga que se refere ao Castelo de Windsor e à rosa inglesa da lealdade. Talvez seja verdade, mas estes símbolos podem ser interpretados como o Castelo de Vidro da mitologia galesa ou o castelo que viaja sem movimento entre dois mundos, enquanto a rosa é a "Rosa-Além-do-Túmulo", a primeira flor da terra desabitada restaurada. Isto faz parte do ciclo de morte-ressurreição da Deusa.

Não há madeira tradicional que deva ser usada para o cabo da espada; portanto, ela será a da preferência de cada um. Eu prefiro o sabugueiro. Na lista de madeiras sagradas, o sabugueiro não é somente considerado agouroto, mas está associado à Arte da Feitiçaria. Em outro aspecto, é tido muitas vezes como feminino, e com frequência os julgamentos eram realizados sob um pé de sabugueiro.

Há uma antiga e tradicional maneira de se tratar essa madeira; o ponto principal é que deve ser deixada um ano secando. Depois disso, tira-se a casca e corta-se na forma desejada para fixá-la na espada. O único problema com o sabugueiro é que ele tem facilidade de quebrar e lascar; por isso temos que tomar cuidado e nos assegurar de que está bem encaixado. Como todos

os instrumentos do *coven*, deve ser limpo e dedicado à Fé. Os rituais respectivos serão tratados em outro capítulo.

O Caldeirão

Não devemos esquecer que, embora o caldeirão e a taça tenham vários atributos em comum, o significado simbólico do primeiro é bem mais profundo do que o da segunda. Pode-se dizer que o próprio tempo, em vez de enriquecer o mito do caldeirão, empobreceu-o bastante. O caldeirão do *coven* era o caldeirão de Cerridwen, o Undry ou o caldeirão do qual cada um, na proporção da sua situação e do mérito, era alimentado. Foi o caldeirão de Bran que deu vida aos mortos. Era o caldeirão no qual se preparavam as poções e bebidas mágicas. Finalmente, para o *coven*, ele era também o caldeirão da adivinhação. Parcialmente cheio com água e alguma coisa brilhante no fundo, funcionando como ponto focal de concentração, era usado como espelho mágico para revelar o futuro. Nas mãos de um adivinho era instrumento mágico muito útil.

Ritualisticamente, o caldeirão do *coven* é o símbolo do Caldeirão da Inspiração descoberto no castelo da mitologia celta. Tradicionalmente guardado por nove virgens, era o caldeirão da Deusa da Face Pálida. Dentro dele estavam contidos todo o conhecimento e toda a inspiração. Beber dele equivalia a adquirir conhecimento e compreensão.

Ao mesmo tempo, era o caldeirão da vida. Como acontecia com o caldeirão do Deus celta Bran, ele dava vida aos mortos. Portanto, a vida provinha do caldeirão, assim como todas as coisas que significavam vida — amor, ódio, coragem, covardia, ganância, generosidade, intolerância, compreensão, nascimento, morte e renascimento, resumindo tudo o que faz as pessoas serem como são. (Não sou o único a ter essa interpretação do caldeirão. No antigo e estranho livro *The Rosicruáans: Their Rites and Mysteries*, publicado pela primeira vez em 1870, cujo autor é Hargrave Jennings, encontramos: "Reivindicamos o caldeirão das

feiticeiras enquanto, como no original, o vaso ou a urna da transmigração ígnea, na qual todas as coisas do mundo transmutam.")

Ao observarmos o caldeirão da Deusa sendo trabalhado nos rituais, começamos a compreender algo sobre nós mesmos, a reconhecer nossas fraquezas. Com essa compreensão vem o conhecimento de que as coisas podem ser mudadas por ato da vontade. Isto faz parte do Credo, nas palavras "assim seja". Talvez fosse melhor dizermos: "assim seja porque eu quero", porque, com o envolvimento, vem a compreensão e, com ela, a transformação.

Quanto mais nos envolvemos nos caminhos da Deusa, mais nos tornamos conscientes do "eu" — não o "eu" como entidade solitária, mas como parte desse planeta, parte do fluxo e refluxo do tempo, do espaço e da natureza, sendo capaz de ver a harmonia e o equilíbrio da vida e da natureza, e de tornar-se uno com essa harmonia e esse equilíbrio. Devemos usar os presentes da Deusa com sapiência, porque eles são nossos somente nessa vida, e também compreender que, quando se tira alguma coisa, deve-se deixar algo em troca. A devoção ao culto é absorvida pela Deusa, para ser substituída pela compreensão que vem por meio do caldeirão.

Um sinal da compreensão do significado do caldeirão é encontrado nos rituais da Véspera de Maio. Antes de se iniciar a festividade após o ritual, o Leste chama a atenção da Senhora para o caldeirão, aos pés da estaca, com as palavras: "E quanto à poção aos pés do altar, Senhora?" Sua resposta é: "É para lembrar a todos que, no leite da Mãe, está a suavidade da vida misturada ao amargor do desapontamento. Assim, o equilíbrio é atingido. Para o bem numa das mãos, encontramos a tristeza na outra. Colocando-os aos pés do altar dentro do caldeirão, nós os aceitamos como vindos dos deuses e tiramos deles o ensinamento."

Para encontrar o Santo Graal, o cavaleiro tinha que ser perfeito: honrado, casto, caridoso e bravo; em resumo, tinha que

possuir todas as virtudes que distinguiram o cavaleiro do homem comum. Nos Mistérios do Caldeirão, o buscador da verdade da taça sagrada deveria, por sua vez, possuir determinados atributos. Para receber a bênção do Caldeirão-Graal, primeiro deveremos ter compreensão. Compreensão da natureza da busca — estamos empenhados nisto por um desejo básico de aprender por amor ao conhecimento e à compreensão? Ou buscamos o poder do auto-engrandecimento?

Mediante a compreensão do próprio ser, inicia-se o desdobramento mágico do caldeirão: buscar, com essa compreensão, a verdadeira natureza da divindade e da relação pessoal entre a divindade e o homem e ver que dentro de cada coisa viva está uma centelha da divindade, e, no nível pessoal, permitir que essa divindade floresça do interior e cresça forte. Finalmente, que a sabedoria obtida com esse florescimento, no relacionamento com os outros e com a nossa própria vida, seja de envolvimento, compreensão e compaixão.

Isto não significa uma vida de "dar a outra face". Longe disto. Devemos tentar compreender por que certas pessoas fazem determinadas coisas. Devemos compreender nossos próprios motivos de rejeitar ou evitar uma pessoa se ela agir de determinada forma conosco. Quando trabalhamos contra ela, devemos questionar as razões pelas quais estamos agindo assim. Será questão de "eu quero, por isso penso que devo" ou de "sinto que devo agir assim" e aceitar a responsabilidade do ato?

O uso do caldeirão nos rituais perdeu-se nas brumas do tempo. Vários são os atributos e significados que o envolvem. No conceito do Graal, algumas partes do mito foram cristianizadas, e alguns elementos cristãos, incorporados a ele. Devido à multiplicidade inerente ao simbolismo ligado à taça, essas adaptações se ajustarão bem dentro do conceito geral. Por isso, quando dizemos que o Caldeirão-Graal pode ser tudo para todos os homens, nunca nada foi tão verdadeiro. O que qualquer grupo ou *coven* deve decidir é o que o caldeirão significará para eles; o que ele simbolizará nos rituais.

No nível pessoal, o caldeirão pode ser, e muitas vezes é, usado como instrumento de vidência, um meio de induzir a clarividência. Em muitos casos, é somente uma dessas coisas de "bruxa" que as pessoas gostam de ter perto. Em relação ao *coven*, se o caldeirão tomar parte nos rituais, deverá haver entendimento quanto aos mitos e à simbologia ligados ao seu uso. Isto implica compreensão de vários significados atuais conhecidos e alguns rejeitados por não se ajustarem ao que o caldeirão representa para os rituais do grupo ou do *coven*. É melhor ser capaz de dizer: "o que o caldeirão significa para nós é..." do que mencionar "o significado do caldeirão é mais ou menos esse, e está ligado a uma dessas coisas" e, então, tentar relacionar estes aspectos ao seu próprio mito particular. Desta forma, poderemos trazer clareza e dar continuidade ao simbolismo do caldeirão, que é melhor do que tentar entender a multiplicidade dos aspectos e simbologia atuais, o que pode levar à confusão.

Para mim, caldeirão é o símbolo do vaso que contém meio de gerar idéias e pensamentos. Essas idéias e esses pensamentos não têm forma e nem expressão, embora, ao mesmo tempo, sejam plenos do conhecimento que, de alguma maneira, deve ser ganho e merecido. O caldeirão, no sentido místico, é o reservatório em suspensão da existência. Com isto quero dizer que está cheio da vida passada e da vida futura, o símbolo do nascimento e do renascimento. Na morte retornamos a esse reservatório e esperamos o renascimento que há de vir. Junto com ele virão todas as coisas que formam a vida — os triunfes, as tristezas, as alegrias e as mágoas, presentes da vida e pagamentos que faremos pelas vidas passadas — mais um passo na espiral da conscientização espiritual.

Em outro nível, o caldeirão é o recipiente da inspiração, o local no qual todos os desejos são respondidos. Nesse sentido, é o caldeirão da mente. Dentro de cada um, é a resposta a muitos dos nossos problemas. Explorar-se a si mesmo e aos seus motivos talvez seja uma das coisas mais difíceis de serem feitas. Submetermo-nos à análise crítica e tentar explicar os motivos de

determinados atos é ganhar esclarecimento e capacidade de criar mudanças. Há também crescente conscientização nos relacionamentos com os outros e uma aceitação dos seus pontos de vista, mesmo quando contrários aos nossos. Uma lição do caldeirão é a tolerância; outra é a compreensão; uma terceira seria a capacidade de estudar suas próprias idéias e pensamentos de maneira construtiva, porém crítica. Quando nos dirigimos à Deusa com coração e mente abertos, ela nos oferece uma porção da sabedoria do seu caldeirão.

Diferentemente dos demais instrumentos do *coven*, o caldeirão é dos objetos que devem ser vistos mais como conceito espiritual do que objeto físico. O próprio recipiente atual nada mais é do que um gatilho para o conceito místico. Ao ser colocado aos pés da estaca do altar, deverá criar certas imagens e pensamentos na mente. Alguns grupos, quando trabalham em ambientes fechados, utilizam um caldeirão de ferro fundido para fazer uma bebida chamada ponche, para a qual todos os presentes contribuíram de alguma maneira. Como simbolismo puro, é uma boa idéia. Tudo o que pode ser usado fisicamente para expressar um conceito místico só pode ajudar a criar um conceito correto para o trabalho.

Um pormenor que deve ser lembrado sobre o caldeirão é que, como parte dos símbolos do *coven*, sua utilização dentro dos rituais é muito limitada. Vários grupos passam bem sem ele. Se alguém tiver um pequeno caldeirão que deseje usar, que o faça. Para mim, o conceito do caldeirão e seus significados são muito mais importantes do que ele próprio. Por isso cada grupo deve decidir qual o significado que o caldeirão terá.

O Crânio

O crânio é um dos instrumentos com associações mais antigas e conhecidas sob várias formas de pensamento e trabalho ocultos, embora na tradição da Arte não seja objeto tão comum, principalmente por, suspeito, estar ligado ao roubo e à profanação

de sepulturas, satanismo, vodu, etc. Talvez o uso do crânio em rituais seja visto como algo demoníaco em consequência do pensamento cristão em relação a qualquer prática mágica contrária à palavra de Deus, bem como por estar ligado ao Demônio e ao lado escuro da natureza humana.

Ao mesmo tempo, dentro da igreja cristã houve e ainda existe o reconhecimento de que os restos mortais de determinadas pessoas — os santos — possuem certos poderes. Estes em geral envolvem cura, e, conseqüentemente, eram tratados como relíquias sagradas. Conservadas em tumbas magníficas, tornaram-se foco de peregrinações. Acredita-se que estas relíquias, quando acompanhadas de preces, formam, para os crentes, um elo com o espírito do santo na esperança de obter alguma graça sob a forma de milagre. Da mesma maneira, o crânio, nos rituais, agia como foco de moradia para um espírito. Havia somente esse tipo de contato em nível pessoal para o grupo ou *coven* e restrito somente àquele grupo.

No passado, várias culturas criaram alguma mitologia sobre crânio ou ossos como instrumentos de culto. Historicamente falando, no caso do pensamento europeu, essas idéias basicamente originam-se no culto celta às cabeças. Para os celtas, a cabeça era a fonte de poder espiritual e força de vida do homem. Com ela, o poder do homem morto era transferido para quem o tivesse matado e trabalharia a seu favor. Ao segurá-la, a coragem e a bravura do guerreiro morto poderiam ser invocadas para agir como defesa contra qualquer forma de perigo sobrenatural.

Ao decorar a casa, paliçada, estaca do portão ou os portais do templo com crânios ou cabeças cortadas tanto dos inimigos do clã como dos guerreiros da tribo, a mensagem era: esse local ou área está defendido pelas almas unidas destes guerreiros mortos. A crença de que existe uma relação entre a alma da pessoa morta e a cabeça fazia com que o crânio de um antigo sacerdote ou xamã servisse freqüentemente como foco no ritual de invocação da alma do homem morto,, habitante do outro mundo. Como na vida era reconhecida como moradia do poder espiritual da pessoa viva, na morte tor-

nava-se a casa vazia do mesmo espírito. Por meio do ritual, aquele espírito podia ser chamado para aquele objeto reconhecível a fim de ajudar e proteger os membros vivos da família, grupo ou clã do morto.

Uma das coisas que achamos difícil compreender hoje em dia é que a morte não fosse barreira entre os dois mundos, como é agora. Com as palavras "descanse em paz", o que estamos querendo dizer ou pedir é que a alma da pessoa permaneça em seu mundo e não atravesse para o nosso, embora para os celtas os mundos físico e psíquico estivessem interligados nesse plano. Em vez da luz e das trevas, havia um reino obscuro através do qual determinadas pessoas podiam atravessar a separação entre o mundo dos vivos e o dos mortos, trazendo informação, enquanto os mortos podiam contatar os vivos com os mesmos objetivos em mente. Desta forma, passado e futuro podem ser trazidos para o presente. Ao reconhecer isto, considera-se possível para a alma atravessar do outro mundo para este, o material, sob a forma de guardião ou espírito profético.

Ao reconhecer a possibilidade do contato com o bem vindo do além, não podemos esquecer que o mal possui o mesmo poder. Portanto, é necessária proteção sobrenatural contra o mal sobrenatural. O culto ao crânio deveria crescer para se equiparar às necessidades espirituais de qualquer época.

Acredito que nos tenhamos afastado desses conceitos e idéias, tendendo a considerá-las fantasia e superstição primitivas. Mas o fato de termos agido dessa maneira não significa que não haja verdade nisso tudo. Muitas pessoas acreditam na imortalidade da alma, embora, ao mesmo tempo, neguem a existência de fantasmas. A idéia de que "fantasma" é o eco de acontecimentos passados constitui uma das teorias atuais mais comentadas. Isto ignora o reconhecimento de que, se existe alma imortal dentro de uma pessoa, essa alma deve ter o poder de retornar a um determinado local de alguma forma importante para ela em existência passada.

Neste sentido, o crânio dentro do círculo é o reconhecimento desse fato. Além disso, os ritos e rituais ligados ao crânio não são, de forma alguma, tentativa de chamar os mortos por encantamentos ou para prender aquela alma ou espírito para servir ao grupo. Qualquer contato feito com o outro lado será na base de vontade e desejo mútuos de ambos os mundos, dentro do contexto das práticas e rituais da Arte.

Quero dar outro aviso. O fato de haver determinada utilidade no crânio em determinados aspectos da prática da Arte não permite ou justifica a profanação em nome da Fé. Os grupos podem e realizam os rituais sem ele. Alguns nunca sequer pensaram em ter um. Quanto a isto, se houver a possibilidade e o grupo desejar obter um crânio por meios legais de fornecimento a escolas de medicina, não há razão para não fazê-lo. Mas não podemos esquecer que um grupo que usa o crânio está aberto a todos os tipos de carga.

Um dos primeiros rituais é o de limpeza do crânio realizado com e em nome dos quatro elementos: terra, ar, fogo e água. Por trás desse ato está o reconhecimento de que o crânio deve ser limpo de todas as suas ligações passadas. Num sentido oculto, o crânio não está sendo usado como meio de chamar de volta a alma que o habitou, mas como meio de atrair o fantasma de uma pessoa com ligações com a feitiçaria. Nesse sentido, o crânio age como uma chave para o reconhecimento que, por um lado, o grupo está trabalhando dentro da estrutura reconhecível de "O Crânio dentro dos Ritos". Por outro, os membros do grupo estão se abrindo para um contato sobre o rio do esquecimento.

Com esse objetivo, a pergunta é exatamente o que está sendo contatado ou o que está vindo. Será uma pessoa que morreu há muito tempo e que espera o renascimento ou um aspecto do Deus Cornudo, se manifestando enquanto pessoa? Esta é mais uma pergunta sem resposta. Creio que, na maioria das vezes, se trata de fantasma, espírito ou alma de alguém que já morreu e pertenceu a Fé. Acredito nisto porque, nos casos em que soube que o crânio estava sendo usado, o contato gradualmente revelou um caminho

individual reconhecível. Em um deles, o contato era feminino, com nome e vida passada claramente identificável. Em outro (e nesse somente repito o que me foi revelado), era masculino e grande apreciador de mulheres e de piadas sujas, embora em ambos os casos o contato tenha se tornado real com um bom fluxo de material inspirado para trabalhos desse tipo.

Para introdução do crânio no círculo, talvez a melhor idéia seja um trabalho interno. Pela natureza passiva do rito, e sendo necessária a introdução ao movimento real, as chaves principais são a paciência e a simplicidade. No lugar do fogo no centro do círculo, é colocado o crânio entre duas velas, com todos os presentes sentados à volta e virados para o centro. Aqui começa a paciência. Nesse caso, é somente esperar pela primeira leve sensação de contato mútuo. Gradualmente isso se fortalecerá e se delineará até uma forma reconhecível e estabelecimento do sexo.

Há uma troca de idéia entre os membros, como impressões que sentem quanto à identidade do contato que emana no crânio. No final, chega-se a um nome consensualmente aceito. O crânio, então, recebe formalmente o nome, e por meio disto é trazido para o *coven* ou para o grupo, como um dos membros invisíveis, parte da companhia oculta.

A partir do nome, a *persona* do contato tende a se fortalecer e a se desenvolver em caráter reconhecível, com suas artimanhas e fraquezas particulares. Assim, quando houver uma taça com vinho consagrado em um dos encontros, a prática é colocar uma libação em sua homenagem e memória. Isto é feito porque ela também é parte do grupo de trabalho.

Cerca de três ou quatro meses antes da dissolução do meu grupo, houve uma sensação gradual de que o espírito de contato estava se desprendendo do grupo. No final, sentíamos que o nosso crânio estava "vazio", e que o nosso contato se mantinha firme no outro lado.

Para alguns, tudo isto parecerá fantasioso e motivo de críticas. Para ser franco, também tive minhas dúvidas quanto ao primeiro caso. O que fiz foi sentar e esperar. Após algum tempo,

comecei a sentir que havia ali mais do que supunha. Havia uma resposta definida que vinha do crânio. Para minha surpresa, não era o tipo de resposta que eu esperava. Não havia um fluxo súbito de conhecimento esotérico do que poderíamos descrever com um líder do passado contatando os novos seguidores desse lado. Era muito mais sutil do que isto e difícil de ser compreendido.

Parecia ser o eco de uma vida passada, com outro eco de outra vida. Havia um sentido de perplexidade do porquê ela sentia o chamado do grupo. Aos poucos, quando alguns aspectos da sua natureza se tornaram conhecidos, compreendemos que o seu fantasma ou espírito estava aprisionado nela. Ela não tinha sido, naquela vida, uma seguidora da Deusa, porém, subjacente àquela memória havia uma outra, e era aquela memória de vida passada que estava respondendo, por intermédio do último renascimento e memória, e respondendo ao nosso chamado.

Em algumas ocasiões, havia a sensação distinta de que ela não queria estar ali e da falta de compreensão do porquê estava. Em outras, sentíamos a sua vontade de estar e da compreensão do que buscávamos e estávamos tentando conseguir. Nesses encontros havia a sensação da ligação com o passado e da sua lembrança que se refletia na maneira de como toda a natureza dos rituais havia mudado. Pelo menos, dois ou três de nós, a cada encontro, sentíamos isto de maneira mais forte do que os outros. Em outro encontro, eram outros dois ou três que sentiam. No fluxo e refluxo desse contato, cada um de nós voltou com melhor compreensão, que foi muito considerada antes de ser posta em prática.

O RITUAL DA PURIFICAÇÃO E DA APROVAÇÃO

Como já foi dito antes, em primeiro lugar o crânio deve ser limpo das influências passadas. Se for trazido para o círculo antes disso, haverá grande possibilidade de se reativar experiências

traumáticas de vidas passadas, e, ao mesmo tempo, as portas ficarão abertas a todo tipo de sordidez. Pela natureza não-realizada de acontecimentos passados que emanam do crânio, as forças do caos podem e com frequência se aproveitam e usam a abertura criada pelo crânio para fluir. Quando o caos penetra o círculo, é preciso forte ação mágica para fazê-lo retornar ao seu lugar. Por isso, de maneira alguma um crânio deve ser trazido para o círculo antes de ser limpo.

Cabe ao grupo decidir o local e o momento desse rito. Por sua natureza, prefiro o período da lua nova e acho que deve ser realizado como evento especial e não enquanto aproveitamento de um outro encontro. Mas isto é escolha pessoal. Como é necessário um ponto de fogo bem grande, maior do que a chama simbólica da vela usada para trabalhos internos, o lugar apropriado é um círculo externo consagrado e totalmente magnetizado. Isto é realizado com e em nome dos elementos da terra, ar, fogo e água. São escolhidos quatro membros para representá-los e participar como tal na ordem ritual correta.

Estágio I

Se houver outros membros presentes durante o ritual, devem entrar no círculo antes e se colocar junto à borda, do lado de dentro. Entram, então, os membros que vão representar os quatro elementos. A pessoa que representa o ar coloca o crânio perto do fogo, e o círculo é fechado. Com os representantes dos quatro elementos juntos no centro do círculo, o resto do grupo começa a "rodar o moinho" em movimento anti-horário, até que o Ar sinta que pode parar, quando então, pega o crânio com a mão direita e, com a esquerda, simula retirar alguma coisa do crânio pelas narinas, enquanto diz:

Ar: "Assim como eu retiro a respiração destas narinas... assim a vida e a memória da vida passada são retiradas."

Isto é feito três vezes, usando-se as mesmas palavras. O crânio é recolocado perto do fogo. A Terra se aproxima e diz:

Terra: "... Eu represento a Mãe de cujo ventre provém toda a vida... e também o lugar para o qual, com a morte, todos retornaremos... e salpicando essa terra... eu simbolizo esse retorno."

Isto é repetido três vezes e, a cada vez, um pouco de terra que foi levada com esse propósito para dentro do círculo é salpicada sobre o crânio. O Fogo, então, segura o crânio com a mão direita e o passa nas chamas com a mão esquerda, dizendo:

Fogo: "Assim como tu passaste pela sepultura e pelos fogos da purificação... local onde ambos, passado e presente, se queimaram em ti."

Isto é feito três vezes, e o crânio é recolocado no seu lugar pelo Fogo. A Água se aproxima dizendo:

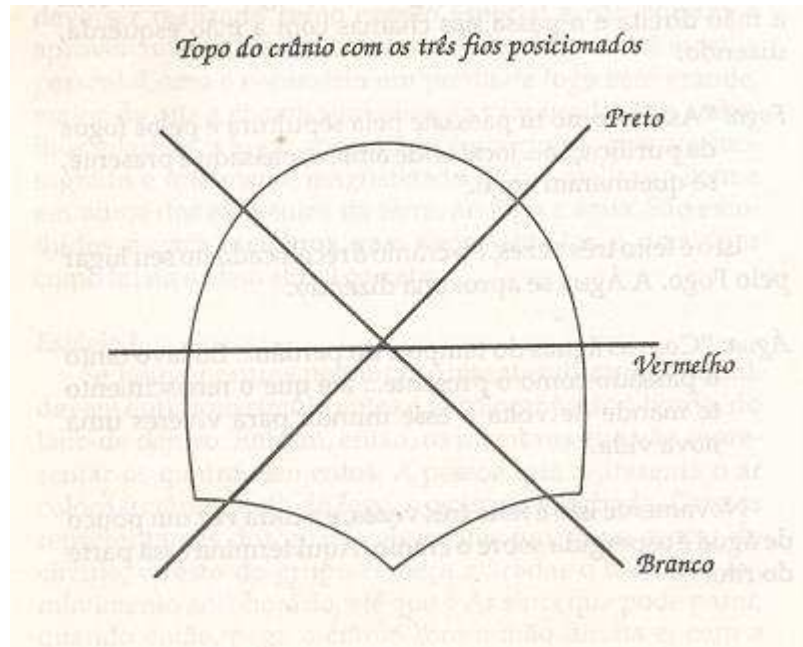
Água: "Com as águas do tempo e do perdão... Eu lavo tanto o passado como o presente... até que o renascimento te mande de volta a esse mundo para viveres uma nova vida."

Novamente isto é feito três vezes, e a cada vez um pouco de água é aspergida sobre o crânio. Aqui termina essa parte do rito.

Estágio 2

Naturalmente, o segundo estágio é o do nome. Deve ficar claro que, mesmo que faça parte do rito da purificação, esse estágio pode e muitas vezes é realizado em data posterior, e geralmente ao ar livre. Como já mencionado, o crânio é trazido para o círculo traçado na forma usual para essa ocasião. De preferência, deve ser transportado por um membro do sexo masculino. É colocado entre duas velas. O restante do grupo se senta em torno e se dá as mãos, enquanto focaliza a atenção no crânio. Aos poucos as impressões começam a surgir, e, se alguém tiver uma que seja bem forte e definida, deve mencioná-la. À medida que a sensação for se intensificando, surgem o nome, o estilo da vida passada e uma sensação geral sobre o

contato. Num determinado momento, quando sentir que deve, a Senhora pega o crânio com a sua mão direita e sopra nas cavidades das narinas, dizendo:



Senhora: "Por intermédio da nossa Senhora e em seu nome... eu sopra a vida proveniente do grupo em ti... Em seu nome... que assim seja."

Coloca o crânio novamente no lugar e, a seguir, arruma três fios de lã colorida no topo do crânio, cruzando-as entre si:

Primeiro, o fio vermelho, símbolo do elo vermelho da vida pelo renascimento.

Segundo, o fio preto do conhecimento e símbolo do membro iniciado do *coven*.

Terceiro, o fio branco da morte e do mundo além da morte.

Nesse ponto deverá haver uma reação sentida por todos. Se for boa, significa que foi aceito. Um pouco de vinho retirado da consagração é aspergido sobre o crânio pela Senhora, com estas palavras:

Senhora: "Em nome do [grupo, *coven* ou clã] e com esse vinho... eu te nomeio [nome], sabendo que por meio desse crânio... tu

escolheste ser chamado por nós e de boa vontade te uniste a nós para auxiliar na adoração aos Deuses Antigos... e, acima de tudo, à Deusa."

Antes de terminar o rito, todos partilham uma taça de vinho em honra do novo contato, e, mais uma vez, um pouco de vinho é aspergido sobre o crânio. Assim, o crânio recebe um nome, e, aos poucos, o contato é estabelecido.

O CRÂNIO DENTRO DOS RITUAIS

A principal função do "crânio dentro dos rituais" é a de servir como acesso aos trabalhos especiais. Por seu intermédio e vindo do outro lado surgem com freqüência um clarão de iluminação e o conhecimento que, em um instante, impulsiona todo o grupo vários degraus à frente no caminho. Muitas vezes confirmam-se os objetivos e as ambições do grupo ou *coven*. Além disto, há novos pensamentos e idéias colocados nas mentes do grupo, que ampliam o caminho a ser trabalhado e também abrem outros. Nesse sentido, o contato espiritual se torna ou ganha atributos do sacerdote-rei orientador e líder que habita a tumba real.

Em outro aspecto, torna-se o crânio da profecia. No passado, quando era mais utilizado para isto, segurava-se o crânio com as mãos enquanto se fazia a pergunta. Se ele ficava mais leve, a resposta era "sim". Se ficasse mais pesado, a resposta era "não". Hoje, em vez de segurá-lo, coloca-se o crânio no centro do círculo de um ambiente obscurecido, dirigindo-se as perguntas ao espírito de contato. Todos os presentes colocam a mente num tipo de fluxo livre, até que as respostas comecem a chegar.

Para ser sincero, não estou muito convencido de que todas as respostas sejam enviadas pelo espírito. Pelo simples fato de várias mentes estarem buscando uma resposta por meio de contato externo, isto propicia que elas mesmas encontrem a resposta

dentro delas. Qualquer que seja a origem, as respostas chegam com o tempo e, posteriormente, mostram que estavam corretas.

Existe outra forma de tradição em relação ao crânio dentro da Arte, que chegou a nós por intermédio de ancestrais muito antigos, embora hoje seja utilizada muito raramente, se é que ainda o seja. E o uso do crânio como totem, o símbolo animista do clã, que evoluiu gradualmente para outra forma de ritual. Por isso, e também como assunto de interesse histórico, devo descrevê-lo.

Desde os tempos pré-históricos, tem havido o reconhecimento do elo mágico entre o caçador e sua vítima. Foram encontrados vários exemplos desse elo, desde as famosas pinturas rupestres da máscara de veado, do Deus coberto de hera ou do mago na Caverne dês Trois Frères, em Arège, até as pilhas ritualísticas de ossos de animais escondidas no fundo das cavernas. Crescendo nesse conceito de harmonia mágica entre caça e caçador, passando por determinados rituais mágicos, o passo seguinte seria o reconhecimento gradual por parte do clã ou da tribo do animal envolvido: urso, bisão, veado ou qualquer outro. Entrelaçado com o conceito do ritual para uma caçada proveitosa veio o reconhecimento de que a fertilidade das espécies caçadas era de importância primordial. Se elas não procriassem, significaria a fome para a tribo.

O tempo trouxe mudanças. Não havia mais rituais realizados no fundo das cavernas, mas ao ar livre, dentro do círculo. Como parte do ritual, a agora familiar estaca das bruxas era montada como porta de acesso ao círculo. No lugar da estaca em forquilha que conhecemos, havia um mastro reto com um crânio do animal totêmico fincado na extremidade. Embora a vida tenha mudado da sobrevivência que dependia das caçadas para as atividades agrícola e pastoril, no ciclo da natureza e na fertilidade dos campos, o culto ao Deus Cornudo e a Deusa Grávida ainda tem garantido o seu lugar.

Nessa fé havia ainda o conceito do sacrifício animal como agradecimento aos deuses guardiães dos rebanhos e manadas e, acima de tudo, à Deusa Mãe da terra. Na verdade, parte do animal

sacrificado era consagrada aos deuses e queimada no fogo sagrado. O resto era cozido e comido depois pelo grupo. Era festa sagrada, partilhada pelos deuses e pelo povo. O que tinha sido praticado dentro das cavernas era realizado agora ao ar livre, com envolvimento maior do grupo ou clã nos rituais. Mesmo que as circunstâncias e o estilo de vida tenham mudado, o conceito de fertilidade permanece o mesmo, mudando apenas na aparência externa. Em vez de boa caçada, orava-se por boa colheita.

À medida que o conceito da Deusa e dos Deuses Antigos tomava forma mais humana, a natureza do sacrifício também mudava. Assim como a vida se tornava mais complexa e mais organizada, expandia-se a visão sobre os deuses. Em vez do sacrifício animal, surgia o conceito do mensageiro humano. Deuses e Deusa ganhando caráter mais humano podiam ser contatados por um ser humano, essa alma levando as preces e pedidos da tribo. Desenvolvido paralelamente ao conceito de mensageiro dos deuses, e com o mesmo objetivo de força e bem-estar para a tribo, surgiu o sacrifício do Rei Divino, em que a força da tribo era fixada em uma pessoa não por direito de nascimento ou por herança, mas por seleção. Enquanto o rei fosse forte e vigoroso, assim seria a tribo. Sacrificado em seu apogeu, o rei tornava-se companheiro dos deuses pelo bem da tribo.

Posteriormente esse conceito foi modificado, e o sacrifício voltou mais uma vez a ser animal, com o que surgiu o conceito muito interessante do bode expiatório. O infeliz animal, portador de todos os males e pecados da comunidade, deveria levá-los diante dos deuses junto com a sua vida, como símbolo de expiação e pagamento para libertação — uma vida substituindo a do rei.

Comesse conceito da possibilidade de transferir doenças e pecados para um animal a ser sacrificado e, ao mesmo tempo como lembrança do sacrifício do Rei Divino, fica muito clara a idéia do Mestre de um *coven* como líder espiritualmente inspirado, tendo que realizar um sacrifício de sangue a cada sete anos. Como

no caso do sacrifício do Rei Divino, o Mestre detém os poderes de um líder, e deve pagar o preço por esses poderes.

Durante sete anos, pelas graças da Senhora, o Mestre lidera o *coven*. No final do sétimo ano, o preço dessa regra é transferido para o "Carneiro Real". A vida do carneiro é oferecida à Deusa, substituindo a do Mestre. As partes sagradas são oferecidas ao fogo sagrado, e as outras são utilizadas nas festas sagradas. A cabeça do carneiro sacrificado é queimada ao lado da "Ponte Entre os Dois Mundos". Por essa razão, o avental algumas vezes usado pelo Mestre como parte dos seus paramentos, como no caso dos utilizados por outros membros, simboliza nada mais do que o avental do açougueiro.

Hoje em dia não há mais necessidade do sacrifício. Ele foi substituído pelo juramento do ofício feito e confirmado pela Senhora e pelos quatro oficiantes a cada sete anos. Entretanto, podemos ocasionalmente achar um grupo que marca a sua porta de entrada para o círculo com uma cabeça queimada de carneiro como lembrança do espírito-totem animista do clã. Da mesma maneira, a estaca ou mastro em forquilha é o símbolo do jovem Deus Cornudo das florestas e da caça, aquele que permanece entre o *coven* e a Mãe, a Deusa.

VI – Os Rituais

1 - Início dos Rituais

Esses rituais não são tentativas de fazer ressurgirem as maneiras antigas, mas uma criação baseada nelas. Os instrumentos e os símbolos pertencem todos à tradição antiga, mas palavras e pensamentos estão adaptados à época atual. Algumas pessoas não os aceitarão, alegando tratar-se de improvisação, enquanto outras dirão com severidade: "as coisas não são dessa maneira, não na antiga tradição". Minha resposta é que o trabalho desses rituais traz uma abertura de conscientização do passado e do presente. Aqueles que já trabalharam com eles sentem que se estão satisfazendo e proporcionando respostas a algumas das nossas necessidades e sentimentos. "A pérola que temos na Senhora é a fonte de toda a sabedoria." Quem sou eu para rejeitar o que ela me enviou?

Antes de continuar, devo esclarecer um ponto. Ao serem adaptados para a época atual, todos os rituais foram escritos para *coven* completo de treze membros. Porém, aquele que desejar trabalhar com esses ritos poderá adaptá-los ao número de participantes.

Outro ponto a ser lembrado é que, de acordo com a antiga tradição celta, é o lugar, o local de trabalho, que traz o poder, muito mais do que a congregação reunida. Portanto, uma pessoa solitária, segurando a taça de vinho em honra à Senhora e aos Deuses Antigos, em local apropriado, pode conseguir com esse simples ritual tanto quanto um *coven* de treze membros trabalhando os rituais completos.

Uma das razões que me levou a reexaminar tudo o que aprendi e a escrever esse livro foi a maneira pela qual nosso grupo se desfez após a morte de Robert Cochrane. Na época eu senti, e ainda sinto, que os Mistérios Antigos merecem tratamento melhor do que recebem agora. O principal ponto fraco era, e ainda é agora, a importância do Mestre e da Virgem, respectivamente os líderes masculino e feminino, no grupo. O problema é que geralmente eles

são os membros fundadores e os líderes do *coven*. Aos poucos tudo o que dizem se transforma em lei dentro do *coven*, de modo que, quando um dos dois se afasta ou morre, a tendência do *coven* é se encerrar. Basicamente o problema é que a Arte como fé está tão fragmentada que a recuperação total está fora de cogitação. As mansões ainda existem, mas precisam de novos suprimentos.

Isto não significa que o passado deva ser rejeitado. A Arte não é estática, mas sim dinâmica, embora firmemente enraizada na história. O ato de adoração não está na congregação, o local sagrado é uma finalidade em si mesmo. Ao invocar novamente os Deuses Antigos e, acima deles, a Deusa, o ato de adoração pode e está ligado à época de hoje, muito mais do que simples tentativa de recriação da Era Dourada perdida, se é que existiu uma. Os tempos mudaram, e, com eles, as necessidades, mas as verdades básicas ainda são válidas hoje, como sempre foram. Relegadas por séculos, exceto para alguns escolhidos, as mensagens ainda percorrem os corredores do tempo para serem ouvidas por aqueles que possuem ouvidos e desejam ouvir.

Como Traçar o Círculo

A história do círculo mágico é antiga, muito antiga. Não é somente uma área de trabalho, mas um símbolo da eternidade, como se não tivesse começo e nem fim. Ao traçar o círculo, a área se torna, *de facto*, solo sagrado, defesa contra as forças hostis e contém a energia que forma o cone de poder.

Tradicionalmente, o círculo das feiticeiras possui três metros de diâmetro, mas, no caso de treze ou mais trabalharem um ritual, é melhor um círculo maior. Se o tamanho tiver que ser aumentado, isto deverá ser feito baseado em múltiplos de três. Uma coisa que deve ser lembrada é que não importa se o círculo é elaborado ou simples; ele deve ser traçado e tratado com reverência e respeito, pois será, sem dúvida, solo sagrado. O trabalho ao ar livre é ideal, mas atualmente nem sempre é possível.

O círculo é traçado pelo oficiante do Leste, mesmo quando a convocação é realizada pela Senhora. Para fazê-lo, o oficiante necessita de determinados instrumentos e meios para acender o fogo sagrado. Precisarão da vassoura, duas facas, duas tábuas ou marcos para o Portão do Norte e uma corda com o comprimento da metade do diâmetro do círculo que está sendo traçado.

A primeira tarefa é fincar uma das facas firmemente no chão onde ficará o fogo ou chama sagrada. Em seguida amarrará uma das extremidades da corda na faca, enquanto, com a outra amarrada na extremidade oposta, traçará o círculo. Com o auxílio de uma bússola estabelecerá o Norte, e, mantendo a corda esticada, começará por ali a traçar o círculo, terminando novamente no Norte, onde a faca será deixada fincada no chão.

A tarefa seguinte será colocar os dois marcadores para o portão do Norte, fincando-os na terra, na borda do círculo, e separados entre si por 15cm a 90cm. O oficiante retornará ao centro do círculo, pegará a sua faca e deixará o fogo pronto para ser acendido. Em seguida enrolará a corda e retirará a outra faca da borda do círculo.

O passo seguinte será acender o fogo, o que dependerá de escolha pessoal. Eu uso isqueiro e fósforos, mas, antes de acendê-lo, tiro algumas fagulhas simbólicas com uma pederneira, respeitando meu sentimento pessoal.

Após o fogo ter pego bem, o Leste estará pronto para deixar o círculo. Para tanto utilizará seu instrumento, a vassoura. Ela é a ponte entre os dois mundos, e o Leste a levará para o Norte. Ele a colocará atravessada sobre a borda do círculo e entre os dois marcos, com a extremidade de galhos voltada para dentro. Pulando por cima, da direita para a esquerda, ele deixará o círculo e dirigirá-se à Senhora. Ela o aguardará do lado de fora do círculo, segurando a estaca em forquilha. O Leste se aproximará e se curvará em reverência.

Leste: "O círculo está traçado de acordo com a nossa tradição. O fogo está aceso. Necessitamos agora de que a Senhora entre e

chame Nossa Senhora e os Guardiães, a fim de tornar esse solo sagrado por sua presença."

Senhora: "Antes que se junte aos outros membros do nosso grupo, peço-lhe que realize mais uma tarefa. Leve nosso altar e finque-o com firmeza no lugar de costume."

O Leste, com reverência, toma a estaca e finca-a a cerca de 90cm da borda do círculo, de modo que fique entre os dois marcos, quando vista do lado de dentro do círculo. Em seguida reúne-se com o restante do grupo, que está a alguma distância.

A Senhora entra no círculo, cruzando a vassoura da esquerda para a direita e a retira. Vai, então, até cada quadrante, começando pelo Leste. Cruza os braços sobre o peito, inclina-se e invoca o espírito do quadrante: "Esteja conosco e testemunhe o nosso ato de adoração." Após ter feito isso, finalizando com o Norte, ela se aproxima do fogo e, por alguns momentos, reflete sobre o que está para acontecer, antes de iniciar a Invocação do Círculo:

Pela estaca e pelo caldeirão, pela taça e pela faca, Pelo direito de oficiante que ocupo, Vós, antigos poderes da vida e da morte, Reuni-vos na proteção do círculo.

Parente por parente, sangue por sangue, Pelo vento noturno selvagem e pelo céu estrelado, Pela cor castanha da urze e pela madeira escura, Representeis a noite para esse círculo.

À semelhança de um marco de pedra, Mantendes a guarda em torno do anel do círculo, Enquanto surgis atravessando a escuridão. No Leste está a obscura pedra de Hele.

Eu convoco diante de mim a matilha do reino das fadas, De dentes pontiagudos, pêlo branco e orelhas
vermelhas,

Para rondar além das fronteiras do círculo. E amedrontar o coração dos intrusos.

Poderes ancestrais deste nosso sangue, Somos o vosso povo,
guardai-nos bem, Pela terra e pelo ar, pelo fogo e pela água,
Pela mímica mágica e pelo encanto pronunciado.

Eu invoco a nossa Deusa da Arte, E os Antigos da
montanha e da colina. Com o fogo flamejante e a fumaça
flutuante. Eu dedico os limites deste círculo.

Por três vezes o três, Assim será!

O ritual da consagração do círculo é um dos mais ricos em simbologia. Para estudá-lo, podemos dividi-lo em três partes distintas. Na primeira, a Senhora invoca pelo seu direito de oficiante. Afinal, ela se dedicou à liderança do *coven* ou grupo para servir à Nossa Senhora da Noite. A invocação da estaca, do caldeirão e da taça é uma referência ao Deus Cornudo e ao Caldeirão da Inspiração, e a tudo o que significam. A taça e a faca naturalmente representam os aspectos feminino e masculino da Fé Antiga e a união dos dois, como mostrado na consagração dos bolos e do vinho.

"Parente por parente, sangue por sangue" é uma invocação às nossas raízes ancestrais, o parentesco da raça; aqueles de nós que têm nas veias o sangue antigo frequentemente sentem e partilham do mundo sobrenatural celta nos pensamentos e nos sentimentos.

Ao criar a imagem mental de um monumento de pedra como círculo de trabalho, com a pedra de Hele brilhando indistinta fora do leste (como em Stonehenge), e invocando a Senhora da Noite e os Senhores Antigos da montanha e da colina, podemos gradualmente sentir-nos voltando no tempo, afinando-nos com as vibrações e a atmosfera rural, e por uma pequena duração de tempo, tornarmo-nos unos com o espírito oculto da terra.

Ao invocar os cães de caça do reino das fadas, estamos invocando a matilha de Gwyn ap Nudd, O Caçador Selvagem, os Cães de Gabriel ou de Herne, liderados pela Cadela Malhada,

enquanto ele cavalga a Égua da Noite. Ao chamar por Gwyn para rondar além das fronteiras do círculo, estamos pedindo um elemento que nos proteja, impedindo a entrada no círculo de todos que não devem. O estranho é que muitas vezes não sentimos somente que estão ali, pois realmente podemos ver suas formas indistintas em torno do círculo. Outro fenômeno estranho é que, com frequência, por nenhuma razão aparente, os cães das redondezas começam a latir. Presenciei isto várias vezes.

Ao criar o que é verdadeiramente um santuário para os que estão dentro do anel, descobrimos não somente certa qualidade de paz de espírito, como também sabedoria obtida por meio do envolvimento.

Temos aqui outro poema que também pode ser utilizado para a consagração do círculo:

Pelo bastão mágico e pela chama da luz ígnea, Invocamos
mais uma vez o mais Antigo dos Deuses!

Esteja presente em todo o seu antigo direito, Para renovar a
nossa vida na natureza primordial.

Deusa da bruxaria e da lua que anda nos céus, Senhora da meia-
noite e do céu estrelado, Realizamos a tua dança pedindo uma
bênção mágica. Abre a visão do olho interior!

Senhor da mata e da floresta,
Oh, Cornudo, atende ao chamado do nosso *coven*,
Liberta-nos da prisão do mundo,
Quando o manto escuro da noite estiver sobre nós.

Agora o círculo está traçado com uma lâmina sagrada. E
nenhum inimigo reconhecido ou não poderá entrar! O círculo
está traçado — que se torne verdadeiramente
mágico! Nossas vontades estão
unidas — e assim será!

Consagração dos Bolos e do Vinho

A consagração dos bolos (ou pão) e do vinho deverá ser tratada como ponto central do ritual principal. Na sua forma mais primitiva, era a partilha física do corpo do Rei Divino sacrificado. Resumindo, era o canibalismo ritualístico. Na versão cristã, a comunhão é o simbolismo da partilha do corpo e do sangue do Cristo sacrificado, realizada em memória da Última Ceia.

No início da teologia cristã, os elementos da Eucaristia eram transformados no corpo e no sangue do Cristo pelo ato mágico da transubstanciação. Novamente, era a união da congregação por meio da participação da festa do sacrifício. Analisando o pão e o vinho sob esse enfoque, a idéia de que ambos os elementos eram carregados e magicamente transformados durante o ritual mágico da bênção, compreende-se e reconhece-se com facilidade o significado disto: a participação do poder da Deusa. Basta lembrar que a taça eqüivale ao caldeirão do qual fluem a sabedoria e a inspiração da Deusa.

Há duas maneiras de lidar com a taça, o pão e o vinho. Eles podem ser trazidos para o círculo pela Senhora e deixados no ponto norte da borda do círculo. A outra maneira é colocá-los aos pés da estaca para serem retirados pela Senhora antes que ela convoque o Leste para ajudá-la na consagração. Prefiro essa última, pois a Senhora dirige-se ao símbolo dos Deus Cornudo para realizar a festa, estabelecendo um elo entre a Mãe, o Deus Cornudo e o povo.

A Senhora deixa o círculo e se aproxima da estaca enfeitada. Antes de retirar o vinho e os bolos do lugar, ela se inclina e medita por alguns momentos sobre o significado do ritual. Então, inclina-se mais uma vez e volta para o círculo. Coloca os bolos e o vinho no chão e fecha novamente o círculo. A Senhora chama o Leste, e, enquanto segura a taça, ele a enche com vinho. Depois se afasta para trás e segura sua faca. A senhora inicia a invocação de Concentração de Poder.

Senhora: "Invoco a Deusa para que assista a esse nosso ritual — para levantar o véu entre nós. Ao unir a taça com a faca, simbolizamos a união dos dois elementos, para a perpetuação da vida. Pois essa taça simboliza a Mãe, e a faca simboliza o Deus Cornudo, seu amante."

Ela levanta a taça bem alto com ambas as mãos. O Leste se adianta e, passando os braços em torno dos da Senhora, levanta a faca e a segura com ambas as mãos, apontando para baixo e acima da taça.

Leste: "Pelo símbolo da faca eu invoco o Deus Cornudo para unir-se com a Mãe e imantar essa taça, a fim de que a sabedoria dos tempos se possa mesclar com o vinho em benefício de todos nós."

Ele abaixa a faca dentro da taça e, ao mesmo tempo, beija a Senhora. A taça então é colocada de lado. (Pode ser passada a um assistente.) A Senhora pega os bolos que estão embrulhados num pano limpo e os traz para o Leste.

Leste: "Eu invoco os Deuses Antigos para que observem esse nosso sacrifício com alegria e compreensão. Pois fazemos isto em memória do passado. Ao comer deste pão, levamos conosco a antiga sabedoria dos lugares altos e solitários. Pelo chamado do sangue pelo sangue, clamamos os nossos direitos desta nossa herança."

Ele toca cada pedaço de pão ou de bolo com a faca, dizendo:

"Pela taça, pela faca e pela estaca, eu abençoo esse nosso pão sagrado."

Poderá dizer esses versos como bênção e consagração:

Pela virtude desta faca,
Seja coberto de sabedoria e de vida!
Que a Mãe Terra nos dê os grãos.

Que possamos semear e colher.
Para que voltemos quando a hora chegar.

Para a terra que reivindica o que lhe é de direito, Pois a
semente permanece escondida nela, Na morte está a
promessa do renascimento. Pela terra e pela água, pelo vento
e pelo fogo, Sejamos abençoados em nome dos Antigos!

A Senhora leva o vinho para cada um, e o Leste, o pão ou os
bolos.

Senhora: "Com esse vinho e esse pão renovamos o nosso
compromisso com cada um, na fé, no amor, na harmonia.
Nesta forma de adoração que os muitos se tornem um."

Como podemos notar, pode-se usar tanto o pão quanto o
bolo neste ritual, pois ambos são feitos de grãos, presentes da Mãe
Terra que sustenta a vida. Da mesma forma, o vinho pode ser da
escolha do *coven* ou do grupo, embora o tinto seja mais
apropriado, considerando-se o antigo significado e a origem do
ritual.

No livro de Charles Godfrey Leland, *Aradia or The Gospel of
the Witches*, no qual ele relembra as tradições que
sobreviveram das feiticeiras da Itália, aprendemos que elas
realizavam uma refeição ritualística semelhante, utilizando bolos
feitos de farinha de trigo, vinho, sal e mel na forma de uma lua
crescente. Muitas feiticeiras atuais preferem fazer os bolos
ritualísticos especialmente dessa forma. Entretanto, se o *coven*
preferir algo mais primitivo, talvez pedaços de pão de farinha
integral ou uma receita da região (por exemplo, bolo de aveia, na
Escócia), caberá a ele decidir.

Um bom artigo para o *coven* adquirir é uma travessa de
louça ou bandeja que pode ser decorada com estampa
apropriada, por exemplo um grande pentagrama (a estrela de
cinco pontas).

2 - Os Quatro Grandes Sabás

O primeiro dos Quatro Grande Sabás é a Candelária, a 2 de fevereiro. Essa é a época em que, tradicionalmente, o Caçador Selvagem corre pelos céus com a rajada fria do inverno³. Ao mesmo tempo é a época do ano quando começam a surgir os primeiros sinais da primavera. Por isso, as primeiras flores da estação, os galantos, possuem o nome antigo de "sinos da Candelária". O mês de fevereiro recebeu esse nome do latim *Februarius mensis*, que significa época de purificação, a antiga origem ritualística da limpeza da primavera. É o momento de tirar o espírito do ano velho, o que é feito dentro do círculo, e, após o ritual de banimento, o local é limpo com sal.

Também é o momento do plantio ritualístico de um grão de trigo ou de cevada num grande vaso de plantas, que é então guardado por um membro designado para essa tarefa. Então, em comemoração ao Caçador Selvagem, deixa-se o local ao som de cometas e de muito barulho, quanto mais selvagem, melhor.

O Grande Sabá seguinte é a Véspera de Maio, também chamado de Bekane ou Noite de Walpurges. Acontece a 30 de abril. É o momento das boas-vindas ao verão e ao nascimento do jovem Rei Cornudo. Antigamente era celebrado com fogueiras, pois o seu nome celta, Beltane, significa "fogo brilhante". A Noite de Walpurges recebeu o nome de uma santa chamada Walburga, que provavelmente foi uma antiga deusa da natureza sob a forma cristã.

É a época de planejar e começar coisas novas. Agora, a semente que foi ritualisticamente plantada na Candelária deve estar começando a brotar.

O primeiro dia de agosto traz o Sabá do Festival da Colheita. É o momento da ação de graças por tudo o que o ano proporcionou ao *coven*.

³ Considerar a diferença das estações no Hemisfério Norte e no Hemisfério Sul. (N.T.)

Parte dele pode ser a festa realizada após a colheita, e parte, um momento de meditação. De alguma maneira, é época de tristeza pelas coisas que já passaram e que não foram consideradas. Agora a semente no vaso deve estar madura e pronta para a colheita, como no campo. Mas é também a estação do "crescimento de Lammas", quando os antigos carvalhos sagrados da Inglaterra ganhavam folhas novas. Foi entre esses carvalhos na Floresta Nova "na manhã de Lammas" que o Rei Vermelho, William Rufus, teve morte misteriosa, talvez de sacrifício.

Quando a haste ritualística do trigo ou da cevada do *coven* é cortada, se algum membro quiser, poderá levar uma de suas sementes e plantá-la em sua casa como símbolo particular de culto utilizado como ponto de mentalização.

A Véspera de Todos os Santos, a 31 de outubro, é o Sabá conhecido por todos. É a antiga Véspera de Samhain, o festival celta do início do inverno. As brilhantes abóboras de cor laranja estão maduras e prontas para serem usadas como lanternas tradicionais, fazendo-se buracos, emprestando-lhes uma aparência de gnomo e acendendo uma vela dentro delas. Supõe-se que, na Véspera de Samhain, todos os tipos de criaturas estranhas circulam, e, como em Beltane, seis meses antes, trata-se de uma ocasião de divertimentos e de acender fogueiras.

Na verdade, é um antigo festival pagão de lembranças e comunicações com mortos. Nessa ocasião, temos os círculos gêmeos, um para os vivos e um para os mortos. O ritual atravessa de um círculo para o outro, e, como parte dele, os membros do *coven* podem acender uma vela para alguém que gostariam de relembrar. Essas velas são utilizadas no lugar do fogo sagrado, no centro do círculo dos mortos.

Veremos que esses Quatro Sabás ocorrem a intervalos regulares de mais ou menos três meses. Entre eles temos os Sabás menores dos equinócios da primavera e do outono, dos solstícios do verão e do inverno.

O solstício do verão era época antiga de festivais, e o solstício do inverno era mais conhecido como Yule, no qual as

pessoas celebram hoje em dia o Natal. A data da Páscoa depende da primeira lua cheia após o equinócio da primavera, o que revela que, originalmente, foi a festa paga da primavera.

Os quatro Grandes Sabás devem ser observados por todo o *coven*. Entretanto, os equinócios (em torno de 21 de março e 21 de setembro) e os solstícios (em torno de 21 junho e 21 de dezembro) podem ser celebrados enquanto reunião do *coven* ou por um trabalho em sua casa com o seu parceiro. Se não houver co-participante, você poderá realizar seu trabalho dentro ou fora de casa. A data correta dos equinócios e solstícios varia um pouco a cada ano, por razões astronômicas. É só conferir nos almanaques ou revistas especializadas.

Jejum e Purificação

Por tradição, antes dos quatro rituais principais da Candelária, Véspera de Maio, Festival da Colheita e Véspera de Todos os Santos, deve-se fazer jejum nas vinte e quatro horas que antecedem o ritual. No caso de qualquer trabalho mágico muito sério, o mesmo procedimento deve ser observado. A rigidez com que isto é seguido por um grupo ou *coven* depende da decisão de seus membros.

No caso do meu antigo grupo, dependia dos esforços físicos vinculados ao trabalho profissional de cada um. Quando se trabalha em escritórios não há nenhum prejuízo em se fazer abstinência total, mas, no caso de um ferreiro ou de um empregado de fundição que deixem de ingerir sal, logo se descobrirão doentes. No ritual do jejum, o bom senso deve ditar a severidade do regime.

O que deve ser evitado antes do ritual? Teoricamente, tudo, exceto água, mas na maioria dos casos atuais deixa-se de ingerir carne, peixe, vegetais, álcool e sal. Para aqueles que sentem necessidade de comer, admitem-se torradas com ovo cozido. Aceitam-se também café e chá, cuidando-se para que haja moderação. Em meu caso, como apreciador de chá que sou, o ato de

cortá-lo é prova de grande força de vontade. Eu precisaria de um anestésico para deixar tudo ao mesmo tempo.

Por trás do conceito do ritual de jejum existem dois objetivos. Em primeiro lugar, o ato de jejum requer grande força de vontade. Essa força de vontade também tem o seu propósito dentro do círculo. Em segundo, ele desenvolve o poder de superar as pontadas da fome e apelos do mundo exterior, enquanto, ao mesmo tempo, concentra toda a energia mental do indivíduo para auxiliar no trabalho mágico a ser realizado.

Desenvolver a vontade a ponto de ignorar o desconforto do corpo e até esquecê-lo significa que o espírito ou alma está livre desta existência terrena e é capaz de responder ao fluxo de força ou poder que surge dentro do círculo durante o ritual. Parte do objetivo do jejum é criar certa orientação dentro do corpo. Certa vez associamos determinadas drogas ao jejum, para obter tal finalidade. Hoje em dia, conhecemos isto melhor. As drogas pertencem mais à era do xamã-sacerdote do que à feitiçaria moderna.

Atualmente, a experiência fora do corpo, semelhante a um transe, é conseguida por um ato da vontade. Assim, pelos poderes da vontade e separando a psique do corpo, o iniciado atinge o estado de "girar sem movimento entre os dois mundos". Nesse período de tempo, o círculo se torna o centro do universo, parecendo que o firmamento gira em torno dele. É o mundo que não faz parte nem dos céus e nem da terra. É o mundo dos sonhos, das ilusões e, finalmente, quando a ilusão se torna realidade, da verdade.

Junto com essa orientação do corpo e como parte do processo, temos os cantos. Assim como uma peça musical pode expressar as emoções (por exemplo "Marte, o Senhor da Guerra", da suíte *Os Planetas*, de Holst — ao ouvi-la, não temos dúvidas quanto ao seu significado), o mesmo acontece com os cantos usados no círculo. A marcação do tempo e o controle da respiração criam alterações no corpo. O jejum e os níveis alterados de oxigênio na corrente sangüínea combinados produzem um estado

mental que deve ser o primeiro estágio para um trabalho mágico bem-sucedido. Enquanto o xamã-sacerdote dos tempos antigos utilizava drogas e a dança sagrada para atingir um estado ampliado de êxtase e de comunicação com os deuses, o bruxo moderno o consegue por ato de vontade e por meio do conhecimento, em busca de alguma compreensão da vida, dos deuses e do relacionamento espiritual entre ele mesmo e a Deusa.

De alguma forma, essa desorientação do ser físico na mesma maneira controlada é a chave para o encantamento mágico projetado, embora, neste caso, o canto do *coven* e a Trilha do Milho sejam a mesma abertura para a Deusa. Ao fixar os objetivos ou as finalidades que estão sendo trabalhadas dentro da mente coletiva do grupo, as forças ou poderes invocados dentro do círculo são escolhidos ou direcionados para o alvo determinado, seja ele bom ou mau, curador ou prejudicial.

Novamente devemos enfatizar que o jejum ritualístico é parte do rito de trabalho. Como tal, deve ser utilizado somente como parte desse tipo de ritual de trabalho ou para um encantamento mágico. Na maioria dos Esbás de lua cheia que coincidem com o ciclo ritualístico anual, esses são simplesmente atos de adoração. Nessas circunstâncias, não há necessidade de jejum ritualístico, pois os objetivos são diferentes, isto é, uma reunião de almas afins em comunhão com a Deusa e os Deuses Antigos, como dizem os versos do século 16, citados por T.C. Lethbridge em seu livro *Witches: Investigating an Ancient Religion*:

Diana e seu grupo alegre o pegarão pelos dedos, E o
conduzirão adiante com prazer para beber o
vinho doce. Para beber o vinho doce,
meus amigos, e respirar
o ar celestial,
E dançar, como dançam os jovens anjos. Oh, Deus,
ainda bem que eu estava lá!

Nas palavras da antiga saudação: "Feliz encontro e feliz partida, e feliz encontro novamente!" Se alguma vez participar de um ritual

desses e anos depois não mais o fizer, mesmo assim sempre haverá em seu coração um desejo de reaver os momentos passados no círculo das feiticeiras, sob céu claro, cheio de estrelas e uma grande lua. Esse é o momento no qual a Deusa penetra sua alma e a torna dela para sempre.

Pela natureza das coisas, e por se tratar de trabalho mágico, há sempre a necessidade de ligá-lo à terra. Neste sentido, da mesma maneira que tentamos deixar para trás as coisas do mundo quando entramos no círculo, o contrário deve ser feito ao sair dele; resumindo, um tipo de ritual de purificação e ligação com a terra ou literalmente, trazer os sentidos de volta à terra. Na maioria dos casos, significa fazer algo bem mundano, como beber algumas cervejas para liberar a tensão pós-trabalho. Ou, se houver um companheiro de trabalho que deseja e sente o mesmo que você, o sexo é muitas vezes usado como influência estabilizadora. Embora possa parecer maneira muito fria de falar, as emoções existente entre a dupla certamente são o oposto. Pela relação íntima e segura construída entre eles, a união do ato sexual é realmente uma união num ato de amor e, talvez, um clímax adequado para qualquer encontro.

Isto não é e nem nunca foi desculpa para orgia. Se as pessoas querem desculpar-se por esse tipo de coisa, que o façam, mas não o justifiquem como ato de adoração à Deusa. A união em amor e respeito é assunto particular, realizado em privacidade e não interessa a mais ninguém. A união na luxúria e na orgia não faz parte da Fé.

Com freqüência, ao trabalharmos um ritual muito pesado ou que talvez não tenha sido ligado apropriadamente à terra, fica uma sensação, no indivíduo ou no grupo, de ter ficado atolado num mar de depressão negra ou, em outras palavras, "sentem-se as más vibrações". Também, e com muita freqüência, existem pessoas que dão muito de si e, no final, sentem-se prejudicadas e desiludidas. Muitas vezes nesses casos, é necessária uma chuva fria sob a forma de purificação ou então deixar para trás os acontecimentos com o intuito de se desligar deles.

Se um grupo ou *coven* é chamado para trabalhar num ritual de amaldiçoamento ou banimento, isto muitas vezes deixa o grupo se sentindo sugado, inseguro e em estado de desarmonia. Nesses casos o ritual de purificação é muito útil, pois é a maneira de transformar uma sensação de culpa pessoal ou coletiva em rito e ato de expiação. Se o grupo inteiro sentir a necessidade de um ritual de purificação, o jejum fará parte dele, devendo ser observado por todos.

Se o ritual será simples ou complicado, mais uma vez caberá ao grupo ou ao *coven* a decisão. Ele pode ir de uma simples aspersão com água consagrada até o excessivamente formal e complicado "Grande Ritual da Purificação."

O ritual mais simples é realizado dentro de um círculo inteiramente imantado e consagrado. São necessários uma tigela com água e um pequeno feixe de galhos, unidos numa extremidade, para formar uma alça. Como a água deve ser aspergida, esse ritual é geralmente realizado ao ar livre, mas, se as pessoas preferirem ficar dentro de um recinto, não há nada que as impeça de realizá-lo dessa forma. O que deve ser lembrado é que se trata de trabalho de ritual e não de trabalho cerimonial. Por isso o círculo deve ser inteiramente imantado, bem como consagrado e traçado de acordo com os rituais completos do círculo. Não importa se for somente uma pessoa ou todo o *coven* a ser submetido à purificação, o ritual será o mesmo em todos os casos.

O Oficiante do Leste ou quem traçar o círculo, traz a tigela para dentro, colocando-a próxima do fogo, que já deve ter sido aceso. A água está aos cuidados do Oeste, e é ele quem a traz para dentro do círculo.

Com todos reunidos dentro do círculo, e esse já fechado, a Senhora, como sacerdotisa da Deusa, não fica em sua posição comum ao norte, mas ao lado do fogo, com todos à sua volta e em círculo. Nessas ocasiões, ela não inicia o ritual com a Prece do Santo Graal, porém usa algo mais apropriado para a ocasião, porque o grupo não está pedindo conhecimento ou inspiração, mas algo a ser retirado e afastado dele. Por isso ela diz:

Senhora: "Eu invoco os Deuses Antigos e os guardiões deste nosso grupo... para ver e compreender a carga que está sobre nós... E ao realizar... tire de nós a causa da nossa desarmonia... Onde uma vez foi pago um preço de sangue para essa absolvição... Ofereço água em seu lugar, sem a qual ninguém vive... O símbolo do esquecimento e do olvido do rio atemporal... para levar a discórdia de nossas almas e trazer harmonia em seu lugar." (Após alguns momentos de silêncio, a Senhora chama o Oeste para unir-se a ela no centro do círculo. O Oeste, levando a garrafa ou o frasco para ela, levanta a tigela para que a Senhora ali despeje a água.) "Pelos poderes inerentes a mim como sacerdotisa da Deusa... eu imanto essa água com os poderes sagrados invocados para a lavagem e limpeza da alma."

Ela coloca a garrafa ou o frasco no chão, tomando a tigela do Oeste, levanta-a como faz com a taça para a imantação do vinho. O Oeste tira a sua faca, levanta-a e depois abaixa a ponta dentro da água, dizendo ao mesmo tempo:

Oeste: "Pelo ato da união da faca com a água, simbolizando a união da Deusa enquanto Jovem Virgem com o Jovem Rei Cornudo... Possa a água neste recipiente ser imantada com os poderes do sangue sagrado do sacrifício... para pagarmos o preço para a remoção dos pesos que estão sobre nós."

Ele beija a Senhora. Embainhando a faca, ele toma a tigela. A Senhora pega o feixe de galhos e o mergulha na água. Sacudindo algumas gotas, primeiro sobre ela e depois sobre o Oeste, ela continua fazendo o mesmo com o restante do grupo, usando as palavras:

Senhora: "Com essa purificação, dada pelo conhecimento e retidão do nosso ato... Eu lavo de nós o que nos trouxe desarmonia... Neste ritual simbólico de limpeza que o conhecimento de tudo o que veio antes é agora retirado de nós... deixando-nos como um bebê recém-lavado... limpo de corpo e alma... e novamente

prontos para trabalhar os mistérios da nossa Fé." (Há uma pequena pausa, e a Senhora continua.) "Pela água imantada que é deixada... Da terra veio... para a terra voltará... Em nome da Deusa... que assim seja."

O ritual está terminado, mas, se o grupo sentir que deseja realizar a dança ritual do anel, no sentido horário como maneira de varrer tudo para longe, nada há que impeça. Mas é bom lembrar que, pela natureza do ritual, não deverá haver festividade após. A saída do círculo marca o fechamento do ritual.

O Marco Real

O marco real nada mais é do que uma expressão simbólica. É, de alguma maneira, uma expressão vazia das doutrinas da fé e da crença, embora no simples ato da sua criação torne-se uma expressão física de uma complexa teologia.

O que é um marco real? Em poucas palavras, simplesmente uma pilha de pedras erigidas, no local de trabalho pelos membros. Por trás do ato de transportar as pedras existe o conceito de que todos os membros participantes deixam com elas os pesos do mundo. Ao deixar as pedras numa pilha, deixa-se para trás as dores do mundo antes de se entrar no círculo sagrado da Deusa. Ao deixarmos a pedra, estamos dizendo: "Deixo as minhas dores no colo da Deusa."

Em outro nível, o ato de trazer as pedras e criar, por um período de tempo, um montículo, o grupo ou *coven* está criando o equivalente a um túmulo real. No sentido místico, o rei nunca morre. Embora o corpo feneça, a linhagem de sangue continua por intermédio da criança, que, por sua vez, será pai do próximo sucessor. O rei era o servo dos deuses, como também símbolo ou expressão física da força e do bem-estar do grupo, clã ou tribo. Em termos de magia por semelhança, se fosse permitido ao rei enfraquecer pela idade ou por enfermidade, a força do seu clã ou da sua tribo enfraqueceria da mesma forma.

A maioria das civilizações primitivas levava isto tão a sério que o rei era submetido a uma série de testes reais de resistência. No antigo Egito, havia a cerimônia Heb-Sed, em que o faraó tinha que correr determinada distância. Nos tempos antigos o rei seria o Sacrifício Divino, morto no seu apogeu pelo bem da tribo. Por meio desse sacrifício surgiu a tradição do reinado de sete anos. Ao término desse período o rei morria ou sacrificava um substituto. Hoje em dia, além de ilegal, o sacrifício do sangue é total e reconhecidamente desnecessário. Foi substituído pelo juramento de sete anos de ofício.

Quando o Rei Divino morria na Véspera de Maio e seu sucessor assumia o seu manto, o sangue do sacrifício era recolhido numa tigela. Algumas gotas dele eram misturadas com cerveja e, mais tarde, com o vinho. Era feita uma libação para a Grande Mãe Terra, e o resto, bebido pelos sacerdotes. Dessa forma, parte da divindade real era absorvida pelo clero. Em certo sentido, era uma festividade simbólica canibalesca.

O restante do sangue real era misturado com água e aspergido sobre as pessoas reunidas, usando-se pequenos feixes de ramos de bétula simbolizando o nascimento e o renascimento, o ciclo de morte e ressurreição, e as gotas de sangue e água representavam a última bênção do rei agora morto para o povo. O homem que dera a vida pelo bem do seu povo estaria com ele além da sepultura. Parte do seu sangue seria enterrado nos campos vizinhos, como símbolo do filho que retorna ao ventre da Mãe. O sangue traria a virilidade do último rei para fertilizar a semente escondida na terra.

Aparte final da cerimônia ou talvez, melhor dizendo, do drama sagrado, acontecia quando o sacerdote e a sacerdotisa copulavam no campo. Era um ato mágico de semelhança para aumentar a fertilidade dos grãos e daquela semente separada a cada ano, independente de ser ou não o ano do sacrifício do Rei Divino.

Para o clero lembrar que o Rei Divino era, por força da sua posição, membro e líder dos sacerdotes, a pilha de pedras que marcava o túmulo real se tornava a casa na terra da alma ou espírito do Sacrifício Divino. O túmulo contendo o crânio e os ossos do rei

seria um lugar de reverência para o povo, os ossos consagrados tornando o local sagrado. A crença era tanta que outros restos eram enterrados próximo, na esperança de que os restos e o espírito daquela pessoa partilhassem de alguma forma da divindade do rei morto. O clero chamava de volta as almas dos reis por meios mágicos para aquela casa na terra construída pelos sacerdotes. Por meio de transe mediúnico, as almas coletivas dos sacerdotes-reis eram invocadas para ajudar, avisar e proteger as pessoas pelas quais haviam morrido, até que o renascimento os trouxesse novamente a esse mundo. O rei não era somente mensageiro dos deuses no interesse do povo, mas também um bom ouvinte além-túmulo.

O próprio marco também agia com ponto de identificação para a alma renascida do Rei Divino, da mesma maneira que são usados os objetos sagrados para a identificação da alma renascida de um lama budista. Uma criança pequena que demonstre reconhecer aqueles objetos é examinada e testada para verificação se é uma alma antiga num corpo jovem. Da mesma forma, a pilha de pedras seria reconhecível pela alma renascida, porque representaria os restos mortais transportados e deixados no local sagrado pelo rei em vida anterior.

O tempo incumbiu-se de modificar algumas dessas idéias e significados e, em alguns casos, de modificá-los totalmente. As ondas de invasores, trazendo novas idéias, deuses e formas de adoração direcionaram o culto aos deuses nativos para um movimento secreto ou os adaptaram às suas próprias deidades. Ao mesmo tempo, houve o reconhecimento desses locais como pontos especiais sagrados. Com o tempo passaram a ser considerados locais de reuniões, de declarações e julgamentos executados pelos sacerdotes.

Aos poucos a função das pilhas de pedras foi se perdendo, e também o seu significado. Em vez de serem conhecidos como locais sagrados, tornaram-se campos para serem limpos e plantados, e as pedras foram espalhadas. À medida que os reinos tribais cresceram, também cresceram os centros para adoração. Em vez

de locais simples, desapareceram ou evoluíram para centros mais grandiosos e complexos de religião e também como extensões físicas de orgulho tribal.

Em alguns aspectos seu declínio lembra o da igreja cristã. As catedrais e as paróquias sobreviveram e ainda são usadas, mas quantos dos pequenos e afastados santuários resistiram? Se ainda estiverem marcados no mapa, a referência será somente como "o local x".

O conceito e a criação do marco real como demarcação de local de encontro sofreu outros golpes junto com o segredo da Antiga Fé durante a época da perseguição. A pilha de pedra era uma traição dos mortos revelando um local. Outro golpe (que ainda existe) é a falta de privacidade. Quantos grupos realmente possuem lugar próprio? Trabalhar sempre no mesmo local e criar um marco é sempre muito bom — se o grupo possuir o local ou se o dono permitir. Para quem pode, é melhor recriar o marco real simbólico e o conceito que ele representa.

Hoje o marco real deve ser trabalhado puramente como criação simbólica. As pedras não são mais utilizadas como local de repouso para o sacrifício do Rei Divino. Tornou-se um ponto para deixarmos nossas cargas — o lugar onde todos os pesos e argumentos são depositados. A caminhada do local de pedras para o círculo deve ser silenciosa, pois estamos preparando as nossas mentes para o ritual que se seguirá.

Cada pessoa que participará do encontro deverá encontrar uma pedra do tamanho de um punho ou um seixo para levar para o local. Quando chegar, a pedra deverá ser colocada numa pilha com uma pequena prece: "Com essa pedra, deixo para trás todos os pesares do mundo. Ao cuidar desses pesares, possa a Deusa dar-me um local apropriado e conveniente para adorá-la." Ao colocar a pedra na pilha, deixam-se para trás todos os sentimentos e emoções deste mundo. Desse momento em diante a pessoa se torna um adorador da Deusa, tratando as coisas do mundo dela e do seu círculo acima das suas.

Algumas vezes, se um membro está doente, outro irmão, como favor especial, pode levar uma pedra ao local. Ao fazer isto, o que está sendo dito é: " Embora eu não seja a pessoa, meus problemas estão sendo trazidos para o colo da Deusa e aí deixados para que eu seja ajudado a superá-los." Em outro sentido, o montículo de pedras é um memorial particular a todos que trabalharam com o grupo durante anos. Embora possam não mais estar no nível físico, as pedras que trouxeram são, de alguma maneira, parte deles, uma pequena parte que escolheram deixar para trás.

Neste sentido, o túmulo vazio pode ser vazio ou repleto de significado, dependendo da vontade do *coven*. Pode ser somente parte inexpressiva do ritual ou significar que, de fato, uma pessoa deixou algo para trás com a pedra e que, então, se dirige para o local de trabalho, sentido que realmente deixou para trás os pesares deste mundo antes de entrar no círculo sagrado.

Muito poucas pessoas dirão que o marco real não faz parte da Arte, e devo concordar com elas. Tradicionalmente não faz parte da Arte, mas é conceito redescoberto e que decidimos adotar. Como disse antes, na criação do marco existe significado e expressão ou idéia a ser descoberta. De alguma maneira, a própria pilha de pedras, não importa se pequena ou grande, é um local de reunião de almas afins. É o portal para o recinto sagrado anterior ao círculo e, como tal, o local para deixar as coisas do mundo.

Em outro sentido, sua criação é um testemunho de fé. Não mais os membros dos grupos precisam andar furtivamente à noite para realizar os seus rituais. Proclamamos o nosso local de adoração e o marcamos com o símbolo do túmulo vazio. Além dessa sepultura está a rosa das terras estéreis que então floresceu.

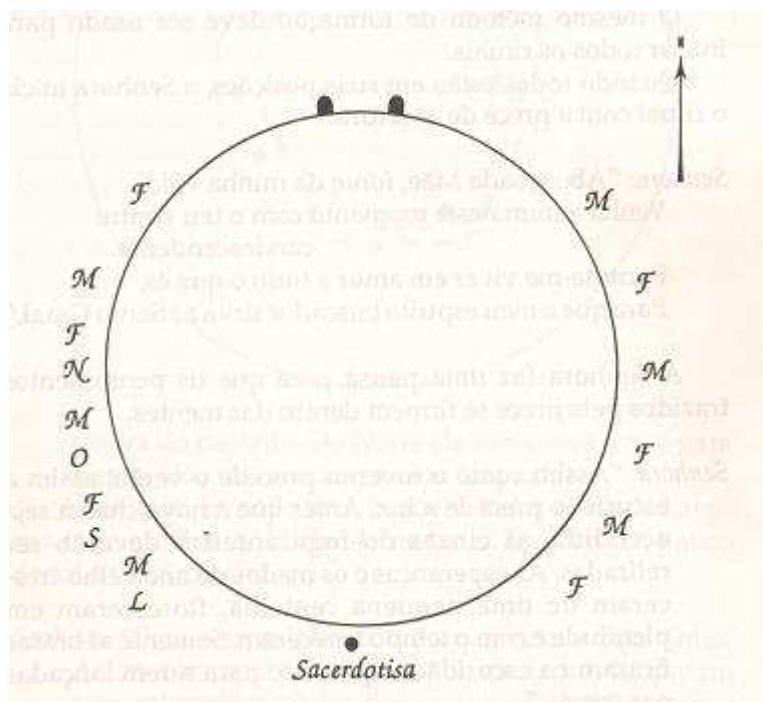
Candelária (2 de fevereiro)

O ritual da Candelária deve ser realizado ao ar livre, mas, se o local de trabalho comum for dentro de casa, o rito de limpeza será

realizado ali, e a festividade, se o tempo permitir, pode ser feita do lado de fora, com um pequeno ritual simbólico, e a Caçada Selvagem reencenada em seguida. Mas, como no meio rural a caçada não é um costume muito preservado atualmente, ela poderá ser omitida.

Outro ponto que deve ser observado quando o *coven* estiver completo fora do círculo, é que deverá seguir a ordem de masculino-feminino de posicionamento, sem considerar a Senhora. Após os membros estarem em posição, a Senhora se juntará ao grupo, assumindo seu posto ao sul, como mostrado na ilustração abaixo. Partindo dali, ela andarà no sentido horário, tocando cada membro no ombro, à medida que passar por cada um. Eles seguirão atrás dela, um por um, até ela completar uma volta e retornar à sua posição no sul. Ela, então se dirigirá ao norte e entrará no círculo, atravessando a ponte.

Na ilustração, podemos verificar que, ao formar o grupo, todos os oficiantes dos quatro quadrantes estarão na sua ordem correta. Diretamente atrás da Senhora estará o Leste (masculino), o Sul (feminino), o Oeste (masculino) e o Norte (feminino).



A Senhora vai até os portais gêmeos da entrada para o círculo e pula a vassoura que forma a "ponte". Com as duas mãos para cima, auxilia cada um dos oficiantes a entrar no círculo. Estes, por sua vez, fazem uma reverência a ela, tocando a testa em suas mãos, antes de seguir para os seus postos. O restante do *coven* faz o mesmo antes de ir cumprimentar e ser cumprimentado pelos quatro oficiantes, começando com o Leste e terminando com o Norte. Dirigem-se, então, para as suas posições em torno do fogo central, deixando espaços para os oficiantes se reunirem a eles, formando o círculo masculino-feminino. A Senhora completa o círculo, colocando-se ao norte, enquanto os outros se dão as mãos.

O mesmo método de formação deve ser usado para iniciar todos os rituais.

Quando todos estão em suas posições, a Senhora inicia o ritual com a prece de abertura:

Senhora: "Abençoada Mãe, fonte da minha vida, Venha a mim
neste momento com o teu ventre
condescendente.

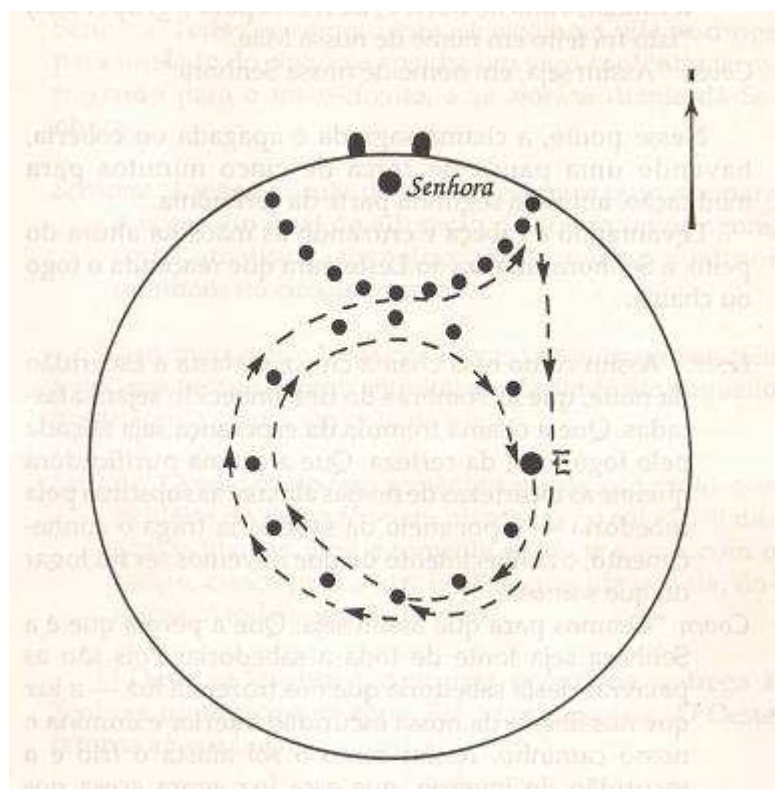
Permite-me viver em amor a tudo o que és, Para que o meu
espírito buscador sirva ao Santo Graal."

A Senhora faz uma pausa para que os pensamentos trazidos pela prece se firmem dentro das mentes.

Senhora: "Assim como o inverno precede o verão, assim a escuridão precede a luz. Antes que a nova chama seja acendida, as cinzas do fogo anterior deverão ser retiradas. As esperanças e os medos do ano velho cresceram de uma pequena centelha, floresceram em plenitude e com o tempo feneceram. Somente as brasas ficaram na escuridão, esperando para serem lançadas nas trevas."

Coven: "Ouvimos, sabemos e esperamos por isso. Assim como o vento Norte, que ele leve em suas rajadas a poeira do passado. Do Norte ele virá com a luz, e para a escuridão irá, mas antes

tudo limpará." A Senhora, levando uma pequena bolsa com sal, dirige-se a cada quadrante, iniciando no Leste. Espalha um pouco de sal à volta, dizendo:



Senhora: "Com esse sal retiro tudo que esteve aqui antes. Assim como no passado nossos ancestrais limpavam com sal onde nenhum homem ousara habitar, nós o fazemos. Com esse sal eu novamente dedico essa área à Nossa Mãe, e em seu nome eu novamente declaro essa área sagrada." (Ela repete isto em cada quadrante e, ao terminar, volta ao norte e, de frente para o grupo, diz:) "Isto foi feito em nome de nossa Mãe." *Coven:* "Assim seja, em nome de nossa Senhora."

Nesse ponto, a chama sagrada é apagada ou coberta, havendo uma pausa de cerca de cinco minutos para meditação, antes da segunda parte da cerimônia.

Levantando a cabeça e cruzando as mãos na altura do peito, a Senhora sinaliza ao Leste para que reacenda o fogo ou chama.

Leste: "Assim como essa chama cresce e afasta a escuridão da noite, que as sombras do desconhecido sejam afastadas. Que a chama trêmula da esperança seja atizada pelo fogo forte da certeza. Que a chama purificadora queime as incertezas de nossas almas e as substitua pela sabedoria — e por meio da sabedoria traga o conhecimento, o conhecimento do que devemos ser no lugar do que somos."

Coven: "Oramos para que assim seja. Que a pérola que é a Senhora seja fonte de toda a sabedoria. Pois são as palavras desta sabedoria que nos trazem a luz — a luz que nos liberta da nossa escuridão interior e ilumina o nosso caminho. Assim como o sol afasta o frio e a escuridão do inverno, que essa luz agora acesa nos aqueça interiormente, e que possamos ter a vida como deve ser, e que a vivamos em amor pelo que somos."

A Senhora chama, então, o Leste. Ele se aproxima com uma reverência.

Leste: "Estamos prontos esperando o seu comando." *Senhora:* "Então traga os outros para nos unirmos no ato final de adoração."

O Leste volta para o *coven* e o conduz no sentido horário para que, finalmente, forme um meio-círculo em torno da Senhora. Todos, exceto o Leste, se ajoelham. Ele se dirige para um lado do círculo e apanha um vaso contendo terra, trazendo para o meio-círculo, e se ajoelha diante da Senhora.

Senhora: "Irmãos e irmãs do círculo, estamos reunidos para o nosso ato final de adoração. O que fazemos agora, como ato físico, simboliza aquilo para o qual nos reunimos no círculo para fazer."

Neste momento o Leste pega o vaso e o entrega a ela. Ela pega uma faca e a enterra gentilmente, fazendo um pequeno buraco onde planta um grão de trigo.

Senhora: "Assim como essa semente é plantada no solo, que as idéias da nossa fé sejam plantadas no solo fértil das nossas mentes. Que a semente germine e que, com o tempo, cresça para a luz. Então, aquecida por ela, floresça em todo o seu esplendor."

O Oeste se levanta e, com uma reverência, entrega à Senhora um frasco com água. Ela o toma e o leva. O Oeste retorna ao seu lugar.

Senhora: "Com as águas da vida, eu abençôo essa semente. Pois sem essas águas não há vida."

Ela asperge a água no solo e sopra gentilmente por três vezes.

Senhora: "Assim como a vida é soprada em nós, que eu sobre vida neste nosso símbolo, em nome da Mãe." (Ela toma o vaso do Leste e o coloca aos seus pés.) "Neste vaso está todo o ciclo da vida. Da escuridão do ventre da Mãe nascemos para a luz. A vida no início é vigorosa, nos impulsionando em nossa juventude, tentando agarrá-la com ambas as mãos. Como a semente amadurece, em nossa maturidade atingimos a paz e a tranquilidade. Na velhice a morte nos chama e, no nosso momento, atravessamos as águas do esquecimento e renascemos novamente."

Com isto, todos se levantam, e o Leste mais uma vez atravessa a linha para buscar a taça com vinho e os bolos, e traze-los para a Senhora. Os dois consagram o vinho com a faca, como normalmente é feito. Após isto, os bolos também são abençoados da mesma forma. Com a Senhora segurando a taça, e o Leste, os bolos, eles andam em torno de cada membro do grupo. A Senhora dá a cada um gole do vinho, dizendo:

Senhora: "Com esse vinho renovamos a nossa promessa recíproca na fé, no amor e na harmonia. Assim os muitos se tornam um para adorar."

O Leste dá a cada membro um pedaço de bolo, dizendo:

Leste: "Com esse símbolo nos lembramos de que comemos da Mãe e do seu fruto, pois a semente morre para que possamos viver e, no devido momento, a nossa parte mortal torna-se uma com a terra. Pois no ato da morte está a promessa do renascimento."

Quando todos foram servidos, e a Senhora e o Leste terminaram, observam-se alguns minutos de silêncio, para que as pessoas possam pensar um pouco. O Leste retorna à sua posição à direita e conduz o grupo de volta, para novamente formar um círculo em torno do fogo. Todos se dão as mãos para iniciar a próxima parte do ritual.

A Senhora, ainda no norte, cruza as mãos sobre o peito. É o sinal para as pessoas no círculo começarem lentamente a andar no sentido horário, entoando o canto do *coven*. Aqui temos uma versão à Deusa Tripla que já utilizei e achei apropriado para o momento:

Conhecemos as suas três faces: A Virgem, a Noiva e a Grande Anciã, Realizando suas tarefas no anel de pedras.
Tornamo-nos o Caçador, o Veado e o Javali, Pois Caçador e Caça são um só.

Por três dias e três noites permaneci coberto com pedras, Até que o presente fosse passado e o futuro chegasse, Formando uma ponte para ser estendida entre
os mundos.

Tornamo-nos o Caçador, o Veado e o Javali, Pois Caçador e Caça são um só.

A ponte se estende sobre os três mundos místicos, Da terra para o espírito, para o Resplandecente, Para retornar mais uma vez de onde viemos, E trilhar novamente o caminho da espiral. Tornarmo-nos o Caçador, o Veado e o Javali, Pois Caçador e Caça são um só.

Com todo o *coven* cantando e andando no compasso, a Senhora decide o momento de parar. Ela se adianta, toca o ombro do Leste e volta ao seu lugar no norte. O Leste continua por mais uma volta, ainda com a sua mão direita dada à pessoa atrás dele, conduz todos para fora do círculo, passam pela Senhora e voltam para as posições em que estavam antes de começar o ritual. A Senhora deixa o círculo e volta para a sua posição no sul, dizendo:

Senhora: "Irmãos e irmãs do círculo, o ritual está feito, passemos à festividade."

Os alimentos e as bebidas são trazidos e todos se unem para se divertir.

Véspera de Maio (30 de abril)

É uma época de alegria e prazer. É um momento descontraído, como uma ação de graça pelo que recebemos do círculo. Nem todos os trabalhos são de natureza séria. Assim como a vida é agradável, os trabalhos devem refletir esse estado.

A ordem para o início do ritual da Véspera de Maio é o mesmo dos outros. Nesse, a estaca ou vara é colocada junto, do lado de fora do círculo e ao norte. Para essa ocasião, deve ser ornamentada com uma mistura de bétula, espinheiro, salgueiro e amentilho. Se não puderem ser obtidos, poderão ser utilizadas outras plantas. Aos pés da estaca coloca-se uma vasilha pequena ou, se houver, um caldeirão contendo uma mistura de leite, mel e salmoura ou outra bebida de gosto amargo.

Todos os membros do grupo são trazidos de forma usual e cumprimentam os oficiantes com uma inclinação. Colocam-se no meio do círculo em torno do fogo e se dão as mãos. A Senhora completa o círculo e volta-se para o grupo. Começa o ritual com a oração de abertura do Santo Graal:

Senhora: "Abençoada Mãe, fonte da minha vida, Venha a mim neste momento com o teu ventre
condescendente.

Permite-me viver em amor a tudo o que és, Para que o meu espírito buscador sirva ao Santo Graal."

Ela faz uma pausa de alguns minutos para deixar que os pensamentos despertados se fixem nas mentes das pessoas. Então, prossegue:

Senhora: "Irmãos e irmãs do círculo, mais uma vez estamos reunidos em nosso local sagrado para adorar a Nossa Senhora e os Deuses Antigos do monte e da montanha. Eles estão escondidos do mundo, e escondido será o nosso culto."

Coven: "Afastado dos olhares dos outros será realizado o nosso trabalho dos mistérios do nosso caminho escolhido."

Senhora: "Esta noite é de alegria, pois bendizemos o retorno do verão. O jovem Rei das Florestas renasceu, com a promessa de força e fertilidade. A semente plantada na escuridão do inverno está agora fortalecida pela nova vida. A Senhora não mais é a Mãe, mas a Jovem Virgem esperando pelo escolhido. Pela sua união, o antigo ciclo da vida, com suas promessas de nascimento e renascimento, será completado. Que as florestas cantem sua canção de vida, o espírito dela está muito forte em nós."

Coven: "Oh, Robin, oh Marion, cheguem-se a nós e nos inspirem e nos ajudem para que expulsemos aquilo com que nascemos, para que possamos ter outra forma. Ajude-nos a ser como a natureza é para nós, e não como somos agora."

Senhora: "Que tenha início a dança."

Com essas palavras todos começam a dançar no sentido horário. Utilizamos uma dança mais viva do que os passos cadenciados do Moinho. Um dos melhores ritmos para a dança é o antigo folclore *The Lincolnshire Poacher*. Pode ser assoviado,

sussurrado ou tocado por algum membro do grupo. A dança continua até que os membros fiquem com a respiração alterada e em leve estado de euforia. A Senhora, então, interrompe a dança, dando uma pausa para respirar, antes de chamar o Leste para, juntos, realizarem a consagração do vinho e dos bolos. Isto é feito da maneira usual, com o vinho sendo consagrado primeiro, e os bolos, depois. O restante do *coven* forma um meio-círculo em torno dos dois, e a Senhora passa com a taça por cada um, oferecendo um gole, e dizendo:

Senhora: "Com esse vinho renovamos a nossa promessa recíproca na fé, no amor e na harmonia. Assim os muitos se tornam um para adorar."

O Leste dá a cada membro um pedaço do bolo, dizendo:

Leste: "Com esse símbolo nos lembramos de que comemos da Mãe e do seu fruto, pois a semente morre para que possamos viver e, no devido momento, a nossa parte mortal torna-se uma com a terra. Pois, no ato da morte, está a promessa do renascimento."

Quando todos foram servidos e a Senhora e o Leste terminaram, observam-se alguns minutos de silêncio para que as pessoas possam pensar um pouco. O Leste conduz o grupo de volta às suas posições em torno do fogo. A Senhora fala:

Senhora: "Juntos dançamos uma música alegre. Juntos partilhamos o pão e bebemos do vinho em fraternidade. Pois neste ritual nada é solicitado. Viemos somente para dar — para dar os nossos corações e a nós mesmos. Nossa recompensa é o prazer de nos darmos a esse nosso círculo e para aqueles que se unem a nós a fim de nele trabalharem."

Coven: "Fazemos isto de livre vontade, pois o preço para pertencermos é o de darmos."

Leste: "E quanto à porção que está atrás do altar, Senhora?"

Senhora: "E um lembrete para todos nós de que, no leite da mãe, está a doçura da vida misturada ao amargor do

desapontamento. Há, desta forma, um equilíbrio. Pois o bem numa das mãos é contrabalançado pelas tristezas da outra. Pois ao colocá-los aos pés do altar, dentro do caldeirão, aceitamos isto dos deuses e retiramos dele um pouco de sabedoria."

Coven: "Assim é, e nós o aceitamos."

A Senhora faz, então, um sinal ao Leste, que conduz o *coven* em torno do círculo no sentido horário e depois para fora dele. Em vez de ficarem na forma usual, todos esperam num meio-círculo do lado de fora até que a Senhora deixe o círculo. Ela sai e, pegando o caldeirão aos pés da estaca, dá alguns passos, segurando-o no alto. Esvazia-o no chão e, antes de colocá-lo de volta, mostra que está vazio.

Senhora: "Assim como o caldeirão está vazio, esse é o símbolo do ano que se inicia. Devemos preenchê-lo com as experiências compartilhadas, e disto surgirá conhecimento e sabedoria. Mas, chega de pensamentos sérios. Que reine a alegria e que essa seja a nossa senha: realize a sua vontade, mas sem causar danos. Quem fará o papel de Robin e de Marion, que presidirão a nossa festa?"

A dupla que o desejar deve se apresentar como voluntária. Quando perguntados, devem dar um passo à frente para serem coroados com guirlandas, como rei e rainha da clareira. É feito um brinde a eles, que presidirão a festa.

Lammas (1º de agosto)

É a época de ação de graças, da contemplação amadurecida do trabalho realizado no ano. Suas sementes deverão ser consideradas, e devemos agradecer pelo que foi conseguido. Também é um momento de tristeza, pois a estação do crescimento terminou, e o ano começa a morrer.

O ritual inicia-se com todos os membros sendo trazidos para o círculo na maneira usual, e com a Senhora assumindo a sua posição ao norte e mantendo-se separada dos outros.

Em vez do Leste, esse ritual tem a participação da Senhora do Sul.

Sul: "Irmãos e irmãs do círculo, antes de iniciarmos o nosso ritual, façamos uma pausa para pensar. Relembremo-nos da época escura do ano, quando limpamos o nosso círculo e plantamos a semente no vaso. Esta semente agora cresceu e floresceu. Agora é o momento da colheita e do corte."

Coven: "Sabemos disto e compreendemos o significado que existe por trás do símbolo."

Sul: "Lembremo-nos das palavras e dos atos da Senhora que, com o auxílio do Senhor do Leste, plantou a semente no vaso. Assim como esse símbolo foi plantado, que os ideais da nossa fé sejam plantados no solo fértil das nossas mentes."

Coven: "Lembrámo-nos bem da prece que foi dita."

Sul: "Lembremo-nos também de que o Senhor do Oeste trouxe a água e de que a Senhora molhou o solo com ela, dizendo: Com as águas da vida eu abençoo essa semente, pois sem essas águas não pode haver vida."

Coven: "Lembramo-nos bem das palavras e dos atos."

Sul: "Lembremo-nos bem, quando a Senhora soprou a vida na semente, com as palavras: 'Assim como a vida é soprada em nós, que eu sobre vida neste nosso símbolo.'"

Coven: "Lembramo-nos do que foi feito em nome da Mãe e dos pensamentos por trás das ações."

Sul: "Chamo agora a Senhora para que entre no círculo a fim de realizar o que deve ser feito."

Com isto o círculo é rompido para que a Senhora possa entrar. Ela apanha o vaso com a haste de trigo ou cevada e entra no círculo. Todos se dão as mãos por trás dela. Ela coloca o vaso no chão, perto do fogo sagrado, e dá um passo atrás. Então, segura a faca com ambas as mãos e, com sua ponta voltada para cima, diz:

Senhora: "Vimos a Mãe em todas as suas formas. A Virgem recebendo a semente do Velho Rei, a Mãe nutrindo a semente nela colocada, e a Anciã com a semente crescida em sua plenitude."

Ela se ajoelha, segura a haste com a mão esquerda e, com a faca na direita, ela corta-a de uma só vez, dizendo:

Senhora: "Assim é realizado esse ritual, o preço é pago, o sacrifício é feito. Que desta semente agora morta brote uma nova vida, e que cada um, no tempo certo, pegue dela a sua semente. Depois, plante-a em sua casa, observe-a crescer e traga para esse círculo a semente que surgirá."

Coven: "Assim como levamos o símbolo da semente, que possamos levar conosco uma pequena parte da sabedoria da Mãe. Que cresça em nós e que, com o tempo, possamos devolvê-la de onde veio, para partilhá-la com os outros membros do círculo."

Senhora: "Agora que tudo foi feito, retorno ao meu lugar."

O círculo é rompido para deixá-la passar, e depois todos se dão as mãos. A Senhora retorna ao norte e se volta para o círculo. Antes de sinalizar para que a Senhora do Sul prossiga o ritual, ela repete a oração do Santo Graal, pois diz respeito somente a ela desta vez:

Abençoada Mãe, fonte da minha vida, Vem a mim neste
momento com o teu ventre
condescendente.

Permite-me viver em amor a tudo o que és Para que o meu
espírito buscador sirva ao Santo Graal.

Após uma pausa de alguns momentos para meditação, ela dá o sinal ao Sul para continuar, cruzando suas mãos sobre o peito.

Sul: "Por alguns momentos dancemos a dança do moinho. Que possamos nos abrir para a Mãe, pois é somente nos abrindo que podemos receber o que é nosso por direito do culto."

O *coven* solta as mãos e começa a dançar, usando a canção do círculo (página 175, ritual da Candelária) ou dando ritmo ao movimento com o canto: EEE...IAH...IOH...AHH. E continua até a Senhora do Sul sentir que deve interrompê-lo.

Quando a dança termina e todos estão descansados, a Senhora chama o Leste para que a auxilie a consagrar os bolos e o vinho na maneira usual. O restante do *coven* se coloca em meio-círculo em torno deles.

A Senhora vai a um por um, dando um gole de vinho, dizendo:

Senhora: "Com esse vinho renovamos a nossa promessa recíproca na fé, no amor e na harmonia. Assim os muitos se tornam um para adorar."

O Leste dá a cada membro um pedaço de bolo, dizendo:

Leste: "Com esse símbolo nos lembramos de que comemos da Mãe e do seu fruto, pois a semente morre para que possamos viver e, no devido momento, a nossa parte mortal torna-se uma com a terra. Pois no ato da morte está a promessa do renascimento."

Quando todos foram servidos e a Senhora e o Leste terminaram, observam-se alguns minutos de silêncio para que as pessoas possam pensar. O Sul conduz todos de volta às suas posições em torno do círculo. Todos permanecem em silêncio, até que novamente a Senhora fala:

Senhora: "Uma vez mais, Irmãos e irmãs do círculo, dancemos. Que seja um momento de alegria e compreensão. Que possamos deixar esse local de ação de graças com um sentimento de felicidade em nossos corações, um sentimento de bem-estar pelo trabalho que realizamos juntos. Minha Senhora do Sul, que a dança comece."

A dança começa no sentido horário e num ritmo mais rápido do que o utilizado para o Moinho. Se o *coven* desejar, canta para marcar o ritmo. Novamente, uma boa canção é a "*The Lincolnshire Poacher*."

Doreen Valiente escreveu alguns versos para essa ocasião, que foram publicados em seu livro "*Witchcraft for Tomorrow*." Eu os reproduzo aqui:

Venha dançar, entre,
E caminhe no círculo.
Encha-se da alegria que temos aqui,
Neste chão divertido.
Boa sorte para nós que temos fé,
E mantemos a nossa Arte com carinho,
É nosso prazer ter uma noite brilhante,
Na estação do ano.
É nosso prazer ter uma noite brilhante
Na estação do ano.

Enquanto as estrelas brilham, abençoamos o vinho,
Para os deuses antigos.
Que não haja bebedeira,
Que o fogo não se apague.
Boa sorte para nós que temos fé,
E que mantemos a nossa Arte com carinho,
É nosso prazer ter uma noite brilhante,
Na estação do ano.
É nosso prazer ter uma noite brilhante,
Na estação do ano.

Em toda parte, próximo e em torno,
Na chama que queima brilhando,
Dançaremos e cantaremos em volta do anel,
Na hora noturna do feitiço.
Boa sorte para nós que temos fé,

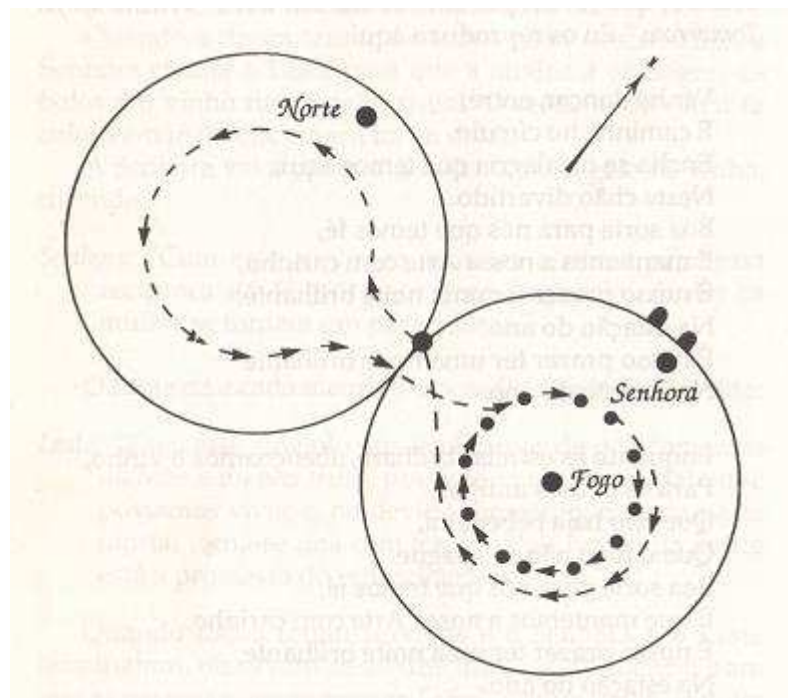
E que mantemos a nossa Arte com carinho,
É nosso prazer ter uma noite brilhante,
Na estação do ano.
É nosso prazer ter uma noite brilhante,
Na estação do ano.

Isto continua até que a Senhora sente que é o momento de parar. Ela vai até o Leste e lhe toca no ombro. Ele completa mais uma volta antes de interromper o círculo e conduz a todos na maneira usual.

O ritual termina como de costume, com alimentos e bebidas partilhados por todos durante a festa.

Véspera de Todos os Santos (31 de outubro)

Para o ritual da Véspera de Todos os Santos a ordem e a simbologia diferem enormemente de todos os outros rituais.



Em primeiro lugar, em vez de um, são usados dois círculos. Um deles tem o fogo no centro, enquanto o outro é escuro e vazio.

Nesse ritual cada membro trás uma vela que é levada círculo. A Senhora do Sul usa, para essa ocasião, vestimenta escura e sombria. Em vez de bolos e vinhos, são levados para o círculo cidra e maçãs em número suficiente para que cada um tenha uma. A cidra é levada pela Senhora do Norte, enquanto as maçãs são transportadas pelo Senhor do Oeste.

Na metade do ritual, antes de o *coven* ser conduzido pá rã o círculo escuro, o Norte e a Senhora trocam de lugar. O Oeste toma a sua posição onde os dois círculos se unem e, neste ritual, ele assume os atributos de Gwyn, Príncipe e Senhor da Montanha, na mitologia celta.

A Anciã ou Senhora do Norte está vestida de preto, com pesada maquiagem branca ou usa máscara branca com lábios vermelhos. Ela simboliza a Deusa de Face Pálida, que preside a festividade, e o caldeirão no castelo que gira sem movimento entre os dois mundos. (Esse é outro aspecto d.i mitologia celta. Ver *The White Goddess*, de Robert Graves.) Seu domínio é o segundo círculo. Ela reina soberana, e sua palavra é lei nesse círculo.

Entra-se no segundo círculo da maneira usual, e a Senhora toma sua posição ao norte. Mais uma vez, o restante do grupo dá-se as mãos em torno do fogo. A Senhora f; i/. ,1 sua prece:

Abençoada Mãe, fonte da minha vida, Vem a mim
neste momento com o teu ventre
condescendente.

Permite-me viver em amor a tudo o que és, Para que o
meu espírito buscador sirva ao Santo Grau

Há uma pausa de alguns minutos antes que ela continue:

Senhora: "Reunimo-nos essa noite na escuridão, pois as trevas
estão sobre nós. A noite é fria, e as nossas almas estão frias."

Coven: "Damos testemunho desta verdade."

Senhora: "O Rei está morto. A terra aguarda o renascimento da vida. Neste momento, invocamos aqueles que partiram antes de nós para que se unam a nós no círculo do medo, onde a Deusa de Face Pálida mexe o seu caldeirão."

Coven: "Esperamos o chamado."

Senhora: "Este é o momento do pranto, a época das recordações. O ano velho passou, com toda a sua glória. O ano novo ainda virá. Agora é o momento de renovar a promessa, de acertar dívidas antigas, de deixar as tristezas do ano velho e renovar as esperanças para o ano que chega."

Coven: "Estamos prontos para isto."

Nesse momento, a Senhora do Norte rompe o círculo das mãos dadas e volta-se para a Senhora. A um aceno seu, ambas se adiantam para trocar de posições. Ao se cruzarem, param, para que a Senhora segure as mãos do Norte e as toque com a sua testa, inclinando-se sobre elas. A Senhora toma o lugar do Norte no círculo, enquanto o Norte se afasta e se volta para dentro.

Norte: "Do norte vem o vento. Com o seu sopro está o frio da eternidade. Nele está o chamado do corvo, ouvido não por todos, mas só por aqueles cujos ouvidos podem ouvir. É o meu vento, e eu o enviei antes para limpar a terra das coisas velhas, para que o novo possa chegar. Pois eu sou aquela que aguarda além do rio. Para obter as minhas graças, você terá que penetrar a montanha e atravessar as águas. Lá eu o cumprimentarei e ensinarei a olhar no caldeirão, e, por meio da sabedoria obtida, conhecer o caminho que escolheu."

A Senhora do Norte percorre o círculo no sentido horário até chegar ao Oeste. Ela o toma pela mão e o conduz ao seu quadrante, dizendo:

Norte: "Vem, Senhor da Montanha, Príncipe da tua estação.
Dá luz ao meu povo, quando ele atravessar de uma

realidade para outra." *Oeste*: "*Eu* obedeço às suas ordens, Senhora."

O Norte entra no segundo círculo e toma a sua posição no perímetro e ao norte.

O Oeste acende a sua vela, e usando isto como um sinal, o círculo é rompido, e a Senhora conduz o *coven* para fora do sentido horário, em fila atrás dela. Ela vai até o Oeste.

Oeste: "O que deseja você, que está parada diante de mim?"

Senhora: "*Luz*, para que possamos ver além do véu." *Oeste*: "À medida que passar por mim, a luz será dada. Para enxergar além do véu, o que constitui um de nossos mistérios."

À medida que cada pessoa passa diante dele deve inclinar-se, e ele acende a vela de cada um com a sua vela. Todos passam e prosseguem para o centro do círculo escuro, onde se colocam novamente em formação. O Oeste se une a eles, e todos se ajoelham.

Norte: "Façamos uma pausa por alguns momentos, e pensemos naqueles a quem amamos e que já passaram. Que cada um de nós coloque a vela das recordações no chão diante de nós. Pois algum dia esperamos que outros façam o mesmo por nós."

Se desejar, cada pessoa poderá dedicar a sua vela a uma ou mais pessoas, usando as palavras:

"Assim com essa luz ilumina, que a luz da recordação ilumine [nome ou nomes] pelo que uma vez partilhamos e pelo que fomos um para o outro."

O Norte dá a cada um alguns momentos para meditar e depois ordena que se levantem. Todos o fazem, deixando as velas no centro. Depois se afastam alguns passos do círculo de luz formado por eles e iniciam a dança do moinho no sentido anti-horário,

cantando: EEE...IÀH...IOH...AHH para marcar o compasso. Enquanto dançam, o Norte inicia o seu próprio encantamento:

Norte: "Eu a invoco, aquela que é tão antiga quanto o tempo para que venha a mim e por meu intermédio penetre os pensamentos dos que trilham o Moinho. Por ela, para ela e por seu intermédio eu serei o canal pelo qual a sabedoria dos tempos fluirá para atingir a mente dos outros. Eu trarei a centelha da sua inspiração para essas suas crianças aqui reunidas. Pois, por meu intermédio, e estou aqui em seu nome, a inspiração se tornará um pensamento, e o pensamento será uma palavra a ser passada para os que esperam para ouvi-la. Neste instante do tempo eu me abro para ela, para que nos tornemos uma, para que os vínculos entre nós se reforcem e parte da sua sabedoria passe para nós. Pois, na verdade, somos dela, e somos as crianças do seu círculo."

O Moinho é trilhado até que a Senhora do Norte ache que é o momento de parar. Esperando um pouco para que todos se recuperem, ela chama o Oeste:

Norte: "Príncipe, aproxime-se, pois é o momento de dar aos companheiros do círculo a fruta e a bebida da árvore sagrada."

Ele vai até ela, e, juntos, consagram a cidra, usando a taça e a faca da maneira usual, e depois as maçãs.

Norte: "Em nome da Nossa Senhora, eu ordeno que se aproximem e que bebam, pois nesta taça está o símbolo do caldeirão." O *coven*, liderado pela Senhora, passa em fila pelo Norte, e, após inclinar a cabeça, toma um gole da taça, dizendo:

"Em memória da Nossa Senhora e do caldeirão, eu assim o desejo."

Dirige-se, então, ao Oeste, de quem recebe uma maçã.

Oeste: "Que essa fruta traga sorte e prosperidade para o ano que está chegando. Ao comê-la, você ingere a riqueza que a maçã simboliza. Em nome da Nossa Senhora, pegue-a e coma-a."

Cada um retorna ao seu lugar para comer a maçã. Enquanto isto acontece, o Norte e o Oeste, juntos, consagram outra taça de cidra, que é despejada no solo como uma libação pelos espíritos dos que já partiram.

Norte: "Em nome da Nossa Senhora, eu faço essa libação dos que já partiram e para o Guardião Escuro do Portal." *Coven:* "Em nome da Nossa Senhora, que assim seja."

O Norte', então, novamente fala para o Oeste:

Norte: "Príncipe, uma vez mais fique na sua estação. Pois é o momento de o meu povo atravessar novamente o rio e retornar para o lugar de onde veio."

O Oeste volta ao ponto onde os dois círculos se unem enquanto o restante do *coven* pega as velas. As que estão acesas não são tocadas. Quando o Oeste está pronto, a Senhora conduz o *coven* para fora do círculo e passa com ele pelo Oeste. Cada um se inclina ao passar. O *coven*, liderado pela Senhora, prossegue no sentido do relógio até o fogo e retorna às posições anteriores. A Senhora do Norte é a última a deixar o círculo escuro, parando somente para se inclinar três vezes, dizendo:

Norte: "Em nome da Nossa Senhora, eu fecho esse círculo, fazendo com que o círculo dos mortos permaneça fechado até que seja tempo novamente de abri-lo. Em nome da Nossa Senhora, eu assim ordeno."

Volta para sua estação no norte e aguarda que a Senhora se vire para ela. A Senhora, então, fala ao Norte:

Senhora: "Irmã, tudo está feito e o círculo foi fechado?" *Norte:* "Tudo foi feito, de modo conveniente e apropriado."

Elas caminham juntas. É a vez de o Norte se inclinar e tocar as mãos da Senhora com a testa. A Senhora toma sua posição no norte, enquanto a Senhora do Norte retorna à sua antiga posição no círculo. A Senhora encerra o ritual da maneira usual, e todos deixam o círculo e se colocam em formação do lado de fora, de onde se dirigem para a festa.

O Ritual do Contrato

Neste ritual ocorre a união formal de duas pessoas dentro do grupo. Em geral esse vínculo ou contrato é celebrado entre as pessoas que trabalharam ou ainda estão trabalhando como parceiros no *coven* ou no grupo. O conceito de contrato é uma forma de casamento sagrado dentro dos ritos e raízes diretas das antigas formas da lei do casamento. Antes de o casamento civil ou religioso se ter tornado norma, houve várias formas diferentes para um casal se declarar marido e mulher. Até uns 250 anos atrás houve muito poucos casamentos realizados nas igrejas entre as pessoas do povo. Na tradição cigana, cada área ou condado tinha a sua forma particular de declaração civil, feita em público e legalmente reconhecida como forma de casamento.

Neste sentido, o casamento ou o contrato do *coven* é um vínculo mutuamente aceito entre dois membros do grupo ou *coven* e é reconhecido por todos os membros como cerimônia válida e de união. No sentido mais limitado é um casamento dentro do grupo e válido somente dentro do grupo durante qualquer encontro ritualístico. Nesse contexto, não tem validade fora dos encontros do *coven*, a menos que o casal em questão deseje que ele se efetive no mundo exterior.

Algumas vezes os casais casados na igreja ou no civil se submetem ao contrato por livre escolha, preferindo reconhecer nele a verdadeira cerimônia do casamento, onde ambos fazem suas

promessas diante da estaca do altar. Um membro que seja casado, e cuja esposa não é membro do grupo ou do *coven*, em algumas oportunidades toma uma parceira de trabalho como companheira de contrato dentro dos ritos. Embora não compartilhe dessa idéia, devo reconhecer que ela sempre ocorre, e, até certo ponto, os membros ficam envolvidos na decisão. Neste aspecto deveria haver — e na verdade existem — regras firmes que governam esse tipo de contrato, dentro das regras do *coven*. A alternativa é proibir esse tipo de associação. Isto também pode fazer surgir vários tipos de problema dentro do grupo, pois estaremos impedindo dois adultos responsáveis por si mesmos de decidirem suas próprias vidas, e ao mesmo tempo negando-lhes o direito de agirem como tal dentro da fé. Além disso, é melhor aceitar que as pessoas se atraem umas às outras. Ao aceitar o que, na verdade, é comum na vida, deve haver certas condições para tornar a união aceitável pelo resto do grupo ou *coven*.

Quando duas pessoas que são casadas com pessoas fora do grupo desejam unir-se por meio de um contrato, deve ficar firmemente entendido por elas que:

(1) O contrato é reconhecido somente dentro do grupo e, como tal, nunca deve ser levado para o mundo exterior e em deve ser usado como desculpa para levá-lo.

(2) Para os rituais, o casal é, aos olhos do *coven*, considerado marido e mulher. O fato de não o serem, em relação à lei civil, não faz diferença. Pelo ritual do *coven*, eles estão unidos e, pelo mesmo ritual, permanecerão unidos até que decidam desfazer o vínculo.

(3) Os outros membros do grupo ou do *coven* devem reconhecer e aceitar isto, e também tratá-los da mesma maneira que fariam com qualquer outro casal casado durante os encontros.

(4) O casal em questão deve compreender e aceitar o fato de o ritual do contrato significar e ter validade dentro dos rituais e do *coven*, o que não é a mesma coisa que manter um romance. E nem deverá ser usado como desculpa para justificar um

relacionamento amoroso. É uma promessa solene feita por duas pessoas para se firmarem dentro da fé e para se reconhecerem entre si como marido e mulher dentro dos rituais. Se, com o tempo, resolverem dissolver o vínculo e se separarem, não deverão se sentir culpados nem, de forma alguma, trazer desarmonia para o grupo.

(5) Além disso, deve haver o reconhecimento por parte dos dois de deveres e obrigações com os outros que não pertencem ao grupo. Neste sentido, qualquer envolvimento dentro do grupo deve ser mantido separado da vida comum. Deve haver cuidado para não machucar o parceiro involuntariamente envolvido. Não podemos esquecer que, aos olhos da sociedade, as pessoas casadas, unidas por um contrato fora do seu casamento, estão cometendo um adultério. Não importa a visão do grupo, esse é o mundo em que vivemos. Portanto, qualquer casal reunido por um contrato fora do seu casamento deve estar seguro de que compreendeu bem todas as implicações que isto acarreta e do que podem ser acusados se forem descobertos ou se o contrato for alardeado.

Com isto, acredito que o grupo ou *coven* deve decidir pela inclusão ou não do ritual do contrato. No caso do meu grupo ele era realizado pelo fogo e pela espada. Era um ritual particular nosso e somente a nós devia respeito.

Qualquer grupo que desejar realizar o ritual do contrato deverá pesar cuidadosamente o envolvimento e considerar como esperam que um casal ligado por esse vínculo se comporte. Devem criar o seu próprio ritual e nele acrescentar as promessas, os compromissos e as obrigações que acreditam fazerem parte do rito. Uma vez isto estabelecido, não deverão admitir alterações, criando assim a sua própria tradição quanto ao contrato.

Para o melhor ou para o pior, no passado isto fez parte da Antiga Religião, e, portanto, ainda hoje faz parte da mesma religião.

Apêndice: Uma Lista de Madeiras e Árvores Sagradas

Em relação às "Nove Madeiras da Fogueira de Beltane": freixo, bétula, teixo, aveleira, sorveira, salgueiro, pinheiro, espinheiro e as outras árvores mencionadas como tradicionalmente sagradas, todas podem ser usadas, com exceção do carvalho, pois ele é o rei. As madeiras disponíveis naturalmente diferirão de acordo com o país. A tradição diz simplesmente que o fogo deve consistir de nove madeiras, com exceção do carvalho.

Macieira: é uma das árvores sagradas que possuem poderes mágicos. Seu fruto, quando cortado ao meio, revela o sinal mágico do pentagrama (a estrela de cinco pontas). Avalon, nome antigo de Glastonbury, um dos centros mais sagrados da Inglaterra, significa "local das macieiras". Na Véspera de Todos os Santos come-se de uma grande maçã chamada Allen ou Maçã da Véspera, para trazer boa sorte.

Freixo: é a madeira utilizada para a estaca e, neste sentido, representa o Deus-Rei Cornudo. Ornamentada com as guirlandas e as flechas cruzadas, a estaca é usada como altar. Na antiga mitologia nórdica, a Árvore do Mundo era um freixo, o Yggdrasil, o Eixo Cósmico.

Freixo-Faggot: é feito de brotos de freixo. Deve ser queimado no Natal para dar sorte. É a origem da "Acha do Natal". Pode-se guardar uma miniatura como talismã.

Bétula: uma das árvores tradicionalmente associadas às celebrações da Véspera de Maio, quando as pessoas costumavam sair à noite para a floresta e trazer para casa ramos verdes para decorá-la para o Dia do Trabalho. É uma árvore de boa sorte e de purificação, sendo usada para fazer a vassoura. É tida como feminina.

Abrunheiro: é uma árvore agourenta. A vara de abrunheiro é, algumas vezes, usada como estaca do altar quando há um ritual de amaldiçoamento. A árvore tem espinhos incriveis e está associada ao "inverno do abrunheiro", uma época de frio prolongado na primavera, ligada ao aparecimento das flores da árvore.

Sabugueiro: é tida como agourenta pela sua tradicional ligação com a bruxaria. Em algumas partes da Inglaterra é vista como feminina. Na época dos julgamentos, estes aconteciam debaixo dela. Por isso, a espada de julgamento do clã tem, às vezes, o seu cabo feito de sabugueiro.

Espinheiro: também conhecido como espinheiro branco ou árvore de maio pela sua associação honorífica com o Dia do Trabalho. Por ser uma árvore sagrada, é considerado impróprio trazer galhos ou flores dela para dentro de casa. Mas, se usados nas decorações externas para o Dia do Trabalho, trará boa sorte.

Aveleira: árvore sagrada ligada ao fogo, fertilidade, conhecimento, adivinhação e poesia. Madeira predileta para as varinhas de condão. É uma das nove madeiras sagradas usadas na Fogueira de Beltane.

Carvalho: é o rei da floresta, especialmente se tiver visco. Os carvalhos mais velhos freqüentemente marcavam um local de encontro ou um limite. Vemos isto em vários nomes de lugares que, com freqüência, sobrevivem no mapa, mesmo depois de a árvore ter morrido. O carvalho é uma das sete "Árvores do Chefe" da antiga lei irlandesa, sob a qual qualquer pensamento ilícito era considerado crime. As outras seis eram: a aveleira, a macieira, o teixo, o azevim, o freixo e o pinheiro.

Sorveira: também conhecida como freixo da montanha. As flores desta árvore eram consideradas de boa sorte e proteção contra a magia negra e o olho-do-demo. Havia uma antiga saudação celta que dizia: "que haja paz aqui com a sorveira".

Salgueiro: antigamente era tida como uma árvore de lamentações, aparecendo esta referência em canções e baladas

antigas. Mas os seus galhos reunidos para o Dia do Trabalho trazem boa sorte. É uma árvore que gosta de água e está tradicionalmente associada à influência da lua.

Teixo: é a árvore da morte e da ressurreição. Foram encontrados alguns teixos antigos nos terrenos das igrejas por causa deste simbolismo. É uma árvore de vida longa e, por este motivo e pelas suas folhas sempre verdes, ela é vista como um símbolo da imortalidade.

Esta é apenas uma descrição rápida da tradição das árvores. Podemos encontrar muito mais sobre o estudo da tradição das árvores da Inglaterra, que nos levará a valorizar mais as florestas, os bosques e as matas do nosso país.

Todas as árvores que foram mencionadas participam dos rituais da Deusa Mãe, tanto como estacas quanto sob a forma de folhagem para as guirlandas. O feixe de brotos de freixo pode ser dado de presente aos membros na época do Natal para substituir o antigo que será queimado. Este ato simbólico ajudará a reforçar os laços de continuidade do grupo.

Bibliografia

- Prazer, Sir James, *The Golden Bough* (Primeira publicação em Londres em 1890. Várias publicações posteriores. Primeira edição condensada em 1922).
- Graves, Robert, *The White Goddess* (Primeira publicação Faber & Faber, Londres, 1946. Várias publicações posteriores).
- Jennings, Hargrave, *The Rosicrucians: Their Rites and Mysteries* (Londres, 1870).
- Leland, Charles Godfrey, *Araâia: or the Gospel of the Witches* (Londres, 1899. Reeditado por C.W. Daniel Co., Londres, 1974, e por Samuel Weiser, Nova Iorque, 1974).
- Lethbridge, T.C., *Witches: Investigating an Ancient Religion* (Routledge & Kegan Paul, Londres, 1962).
- Murray, Margaret Alice, *The Witch Cult in Western Europe* (Oxford University press, 1921).
- _____ *The Divine King in England* (Faber & Faber, Londres, 1954).
- Valiente, Doreen, *Natural Magic* (Robert Hale, Londres, 1975).
- _____ *Witchcraft for Tomorrow* (Robert Hale, Londres, 1987).
- _____ *Rebirth of Witchcraft* (Robert Hale, Londres, 1989).
- Watkins, Alfred, *The Old Straight Track* (Methuen, Londres, 1926).
- Damos agora uma lista de outras publicações que poderão interessar aos estudiosos:
- Bord, Janet e Colin, *Earth Rites: Fertility Practices in Pre-Industrial Britain* (Granada Publishing, St. Albans, Herts. 1982). Uma pesquisa de como os vestígios e as lembranças da Religião Antiga sobreviveram até hoje.
- Chamberlain, Mary, *Old Wives' Tales* (Virago Press, Londres, 1981). Como a figura da mulher curandeira começou nos tempos antigos enquanto sacerdotisa e terminou como bruxa.

- Ehrenreich, Barbara e English, Dierdre, *Witches, Midwives and Nurses* (Feminist Press, Nova Iorque, 1973). Como a profissão médica tornou-se dominada pelo homens, levando as curandeiras a serem vistas como bruxas.
- Eisler, Riane, *The Chalice and the Blade* (Harper & Row, São Francisco, 1987). Pesquisa detalhada da pré-história e da mudança do matriarcado para o mundo dominado pelos homens e seus resultados sobre nós.
- Farrar, Janet e Stewart, *The Witches' Way: Principles, Rituals and Beliefs of Modern Witchcraft* (Robert Hale, Londres, 1984). Bom resumo das várias crenças e práticas atuais das feiticeiras.
- Gardner, Gerald B, *Witchcraft Today* (Riders, Londres, 1954. Várias edições subsequentes). O livro que iniciou o renascimento da feitiçaria moderna.
- Gray, William G., *Evoking the Primordial Goddess* (Llewellyn Publications, Estados Unidos, 1989). O último livro do autor dos rituais do Santo Graal.
- Harrison, Michael, *The Roots of Witchcraft* (Frederick Muller, Londres, 1973). Narrativa histórica da Religião Antiga.
- Hitching, Francis, *Earth Magic* (Cassells, Londres, 1976). Novas idéias e descobertas sobre a Idade da Pedra e da sua cultura. Nossos ancestrais remotos não podem mais ser vistos como meros selvagens.
- L'Estrange Ewen, C., *Witch Hunting and Witch Trials* (Kegan Paul, Londres, 1929).
- _____ *Witchcraft and Demonianism* (Heath Cranton, Londres, 1933). Este livro e o anterior são relatos históricos detalhados dos registros das perseguições às feiticeiras na Inglaterra.
- Matthews, John, *The Grail: Quest for the Eternal* (Thames & Hudson, Londres, 1981). Como o conceito do Santo Graal, o "San Greal" evoluiu do original pagão.

Michell, John, *The New View Over Atlantis* (Thames & Hudson, Londres, 1983). Segredos sobre as terras britânicas.

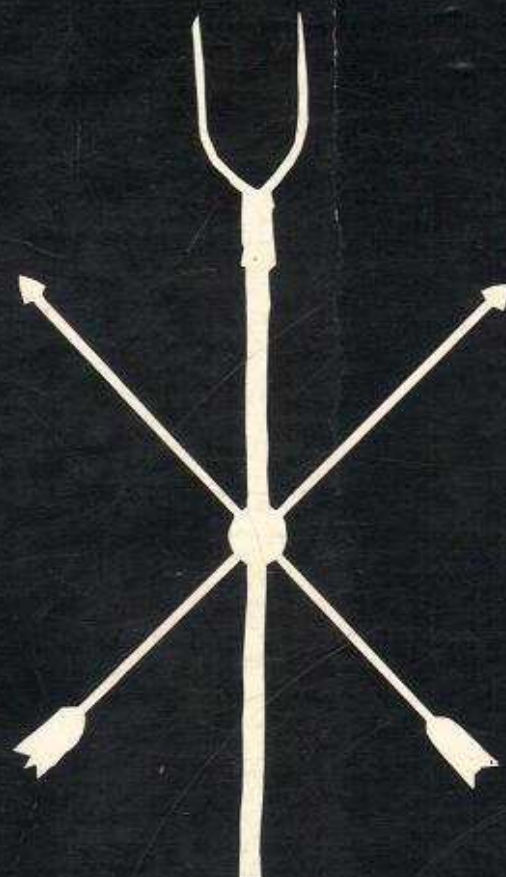
Sjão, Monica e Mor, Barbara, *The Ancient Religion of the Great Cosmic Mother of Ali*. (Primeira publicação por Rainbow Press, Trondheim, Noruega, 1981. Nova edição ampliada recentemente, publicada por Harper & Row, Estados Unidos). Belo e movimentado relato sobre o culto à Grande Deusa.

Spence, Lewis, *The Mysteries of Britain* (Riders, Londres, 1931). A Deusa Cerridwen e o seu Caldeirão da Inspiração, que evoluíram para o Santo Graal.

Blessed Be.

MA-R

)o(



"Este livro sobre feitiçaria é o mais sério e o mais profundo entre os disponíveis atualmente sobre o assunto. Alguns leitores, acostumados a uma abordagem mais superficial da Antiga Religião, poderão achá-lo um tanto perturbador. Na verdade, ele é bem diferente da visão despretensiosa da "Wicca", que prevalece hoje em dia, com suas danças desnudas em círculo e uma insistência numa atitude de otimismo e amor universal."

— *Doreen Valiente*

ISBN 85-286-0140-4



9 788528 601404